



Um cartaz francês divulgado pelo Comité Nacional contra o Tabagismo. Legenda: «O fumo desaparece, os alcatrões ficam»

À SOMBRA DE UM INOCENTE DECRETO-LEI

CARROS DE LUXO ESTÃO A ENTRAR ILEGALMENTE

À sombra de um decreto que isenta de taxas de importação os carros trazidos pelos retornados têm-se cometido fraudes de todas as naturezas, nomeadamente a importação de automóveis de luxo que entram no País com documentos e matrículas falsas.

Desde há muito que as autoridades suspeitam que alguns «Mercedes», «Peugeot» e outros carros de elevado preço são adquiridos em Andorra, Alemanha Federal e França, atravessando a fronteira com livretes falsificados vindos das ex-colónias. A recente apreensão, em Vilar Formoso, de livretes carimbados e datados, mas sem quaisquer outras indicações, confirmou inteiramente estas suspeitas.

De acordo com informações obtidas hoje de manhã pelo nosso jornal, muitos retornados trouxeram de Luanda livretes assinados e carimbados, que depois preenchem

com as características dos carros que adquirem no estrangeiro.

Na Alfândega do Porto encontram-se mais de vinte carros de luxo nessas condições e em Vilar Formoso há outros que seguirão brevemente para o Porto.

A Polícia Judiciária,

actuando em estreita relação com a Alfândega de Lisboa, está a investigar vários casos desta natureza, mas as autoridades são de opinião de que urge limitar o direito concedido pelo decreto, a menos que se pretenda que, daqui a vinte anos, a «negociata» ainda

prossiga.

Um exemplo mais: diz-se no ramo do comércio automóvel que determinado modelo «Mercedes», de que oficialmente só existe meia dúzia de exemplares no País, estaria afinal representado por várias centenas.

ÁFRICA AUSTRAL: MISSÃO KISSINGER

Ford duvida, Nyerere confia

Em consequência da greve dos trabalhadores do Soweto, greve que hoje entra no terceiro dia, foram ontem abatidos (segundo a ANOP/UPI) «mais doze negros pela polícia», elevando para 18 o número de vítimas desde que foi decretada esta última recusa ao trabalho. As doze mortes, ainda não oficialmente confirmadas, elevam para 356 o número de mortos desde que os negros começaram em Junho último a contestar o Governo minoritário branco da África do Sul. Perto de 900 pessoas teriam sido detidas nas últimas horas, no decurso de uma operação efectuada no bairro negro de Alexandra, nos arredores de Joanesburgo. Por sua vez, em Salisbúria (Rodésia), foram mortos cinco soldados rodésios por guerrilheiros naciona-

listas. Este novo surto de violência ocorre precisamente quando Kissinger se encontra na África Austral com o propósito de evitar «uma guerra racial», como há dias, como noticiámos, ele afirmou aos jornalistas numa conferência de imprensa.

Pesando todas as dificuldades da missão de Kissinger, o presidente Ford considerou hoje em Washington que «as possibilidades» de êxito são muito reduzidas.

«Apesar disso — declarou Ford frente às câmaras da televisão — entendi que a viagem de Kissinger serve o interesse de todos. Lembro, no entanto, que os aspectos positivos são ténues e as dificuldades tão grandes no momento presente que seria imprudente da minha parte tentar sequer prever qual

será o desfecho desta tentativa diplomática.»

De acordo com a Reuter, «A Tanzânia, primeira escala do secretário de Estado norte-americano, no seu vaivém diplomático na África Austral, pediu aos Estados Unidos que apoiem as guerrilhas nacionalistas negras, caso se tornem impossíveis soluções pacíficas para os problemas da área.»

Importante: o Governotanzaniano emitiu um comunicado afirmando que tal apoio desencorajaria os Governos rodésio e sul-africano e tornaria mais provável uma solução pacífica, além de «acalmar as preocupações e suspeitas da África negra.» (...) O comunicado tanzaniano declara que os combatentes da liberdade e Estados independentes da África

Continua na pag. 20

TABACO E CANCRO

Percentagem de nicotina influencia mortalidade

NOVA IORQUE, 15 (FP) — A percentagem de alcatrão e de nicotina nos cigarros tem uma grande influência nas doenças cancerosas e cardíacas — confirma um novo estudo sobre a questão feito pela Sociedade Americana do Cancro (ACS).

Segundo este relatório, revelado ontem pelo vice-presidente da ACS durante um colóquio sobre o cancro realizado em Spring Harbor, a percentagem de mortalidade devido a cancro pulmonar e a perturbações

cardíacas depende das quantidades destes dois elementos nos cigarros.

Assim, em relação a um fumador de cigarros que contenham uma percentagem elevada de alcatrão e de nicotina, um outro fumador de cigarros com uma percentagem média destes dois elementos tem dez vezes menos possibilidades de morrer com um cancro nos pulmões que o primeiro. Uma pessoa que fume cigarros que contenham uma leve percentagem de alcatrão e de nicotina terá 26 vezes menos de possibilidades de morrer com um cancro nos pulmões que um fumador de cigarros com percentagem elevada de nicotina e alcatrão.

Com as doenças cardíacas passa-se a mesma coisa.

Este estudo baseou-se na análise de um milhão de óbitos de homens e mulheres num período de 12 anos.

**Portugal
já é negócio**
(Centrais)

20 PÁGINAS



Ultima homenagem a Mao

Milhares e milhares de chineses continuam a formar filas intermináveis diante do edifício do Congresso Nacional do Povo, em Pequim, para desfilar perante o corpo de Mao Tsé-tung, numa derradeira homenagem ao «grande Timoneiro». Entretanto, as autoridades chinesas rejeitaram as mensagens de condolências enviadas pelos Partidos Comunistas Italiano e Francês. (Foto F.P.).

Nacional

SOARES OPTIMISTA

Governo "não cairá a curto prazo"

MADRID, 15 (ANOP). «São boas e têm-se inclusive estreitado», declarou Mário Soares, a propósito das relações entre Portugal e Espanha numa entrevista concedida ao jornal de Madrid «El País».

No decorrer da entrevista, o Primeiro-Ministro português disse que a democratização de Espanha será «um enriquecimento para a Europa e para a comunidade internacional» e que os socialistas espanhóis desempenharão um papel importante nesse processo. «Consideramos que a unidade entre os socialistas espanhóis é uma condição para o desenvolvimento a curto prazo da democracia em Espanha», salientou.

Mário Soares disse não ter prevista «nenhuma visita a Espanha nem qualquer encontro com o presidente espanhol (...)». Evidentemente teria muito gosto em avistar-se com ele, do que certamente poderia resultar algo de positivo.

afirmou.

Sobre a situação portuguesa, o Primeiro-Ministro português considerou a situação económica «bastante grave», mas que se pode resolver com a ajuda externa e com «a determinação dos portugueses para, através de reformas internas, trabalharem duramente».

A pergunta sobre o que pensa da opinião de alguns observadores políticos que auguram uma curta vida para o seu governo, Mário Soares respondeu:

«O Governo está a tomar medidas desde que tomou posse e darão resultados. Quando estes resultados se tornarem evidentes para o país, os profetas da desgraça que prevêm a queda do governo a curto prazo ficarão desiludidos».

Mário Soares reafirmou ainda que o seu governo não fará alianças nem com a direita nem com a esquerda e muito menos com o Partido Comunista Português.

DECISÃO DO GOVERNO

Comissão nacional organizará celebrações do 5 de Outubro

Reunido ontem em S. Bento sob a presidência do Primeiro-Ministro, dr. Mário Soares, o Conselho de Ministros deliberou a constituição de uma comissão nacional encarregada de organizar as comemorações do 5 de Outubro, que se realizarão na Praça do Município, em Lisboa.

Além desta solução foram aprovados diversos projectos de diplomas, entre os quais um decreto-lei estabelecendo a competência para a cobrança coerciva dos empréstimos concedidos pelo crédito agrícola de emergência e outro que dá nova redacção aos artigos 3.º e 13.º do Decreto-Lei n.º 201/75, de 23 de Maio último, relativo à concessão de crédito agrícola.

Prosseguiu também no plenário o debate sobre a Reforma Agrária. O comunicado do Conselho de Ministros refere que «as medidas propostas pelo ministro da Agricultura e Pescas e pelo ministro de Estado, prof. Henrique de Barros, serão integradas numa futura resolução do Conselho de Ministros».

Foram ainda aprovados decretos-lei sobre: fixação dos vencimentos dos ministros da República nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira e composição dos respectivos gabinetes; fixação de um prazo para a regularização de dívidas às instituições de crédito pelos possuidores de cautelas ou títulos definitivos representativos de obrigações do Esta-

do correspondentes a acções do Banco de Portugal, Banco Nacional Ultramarino e Banco de Angola; alteração à redacção do n.º 2 do art.º 4.º e n.º 2 do art.º 5.º do Decreto-Lei n.º 495/76, de 24 de Junho, relativo à comissão instaladora do Instituto Nacional do Frio; introdução de alterações aos artigos 214.º, 218.º, 219.º e 222.º do Código do Processo Civil; estabelecimento de normas para o preenchimento das vagas de docentes das Escolas do Magistério Primário e vencimentos do presidente e vice-presidente do Instituto de Alta Cultura;

Foram nomeados para o con-

selho de gerência da ENATUR e Empresa Nacional de Turismo, os licenciados Asdrúbal Alves Pereira Calisto, Fernando Luis Brazão Gonçalves e Licínio Alberto de Almeida.

ALMEIDA SANTOS INICIA COMBATE À DROGA

O ministro da Justiça dr. Almeida Santos anunciou ontem, à entrada do Conselho de Ministros, que brevemente serão publicados três diplomas criando um Centro de Estudo Profilático da Droga, um Centro de

Investigação Judiciária e um Gabinete Coordenador dos dois centros e da actividade dos restantes organismos que possam influir no combate à droga.

Três Centros de Recuperação (em Lisboa, Porto e Faro), serão criados, conforme já tinha anunciado o ministro.

Almeida Santos revelou também que está a proceder-se a uma profunda reestruturação da Polícia Judiciária e dentro em breve sairá um diploma que reestrutura orgânica e administrativamente a Polícia Judiciária, que passará a ter funções mais amplas do que tem hoje.

LOPES CARDOSO DESFAZ EQUÍVOCOS

Reforma Agrária: balanço positivo

Em entrevista publicada ontem pelo nosso colega «A Capital», Lopes Cardoso, ministro da Agricultura, ocupando-se dos problemas que afectam o sector agrário, proferiu oportunas e corajosas declarações, das quais destacamos, com a devida vénia, a homenagem prestada aos trabalhadores rurais da zona da Reforma Agrária.

«Eu tenho-me referido muito, sempre, àquilo a que eu chamo a visão idílica duma certa esquerda da Reforma Agrária, contraposta à visão catastrófica da direita, ambas elas em geral baseadas no empolamento de casos de espécie. É fácil pegar neste caso e pretender generalizá-lo e fazer dele o paradigma da Reforma Agrária num sentido ou noutro. Eu diria que, duma maneira geral, e temos um dado objectivo, que é o volume da produção, os trabalhadores rurais demonstraram um empenhamento, uma capacidade de organização, uma dedicação ao trabalho que não podem deixar de merecer o respeito e a admiração daqueles que pretendam ter dos factos uma visão objectiva e isenta e não pretendam empolar este aspecto negativo, porque os houve, ou este aspecto demasiado exemplar, excepcional, que também houve. Duma maneira geral, portanto, do meu ponto de vista o balanço é positivo e é positivo sobretudo a crédito dos trabalhadores rurais».

Contrariando a regra, a Reforma Agrária não causou quebra de produção. Respondendo a uma pergunta sobre as razões deste fenómeno, Lopes Cardoso dá a sua opinião pessoal:

«É um aspecto de facto curioso do processo do nosso País. Como disse, em regra as reformas agrárias conduziram sempre, numa primeira fase, a uma redução de produção. E dizia-se e compreende-se que era um preço a pagar por uma transformação estrutural. E eu já não discuto se houve aumento da produção ou não houve. Pelo menos há uma coisa que é indiscutível, é que não houve um abaixamento significativo. E isso já contraria o que aparentemente seria a regra. É um aspecto positivo».

Saneamentos políticos. Co-

mo se têm passado as coisas no Ministério da Agricultura?

«Lutei durante muitos anos para que se não fizessem perseguições de tipo político, a todos os níveis, e nomeadamente nesse aspecto. Não seria eu que entraria neste Ministério para fazer uma promoção ou uma selecção em razão de factores de ordem política. Não faço aqui a caça a ninguém do ponto de vista político».

Depois de salientar que o Estado tem de intervir nos circuitos de distribuição dos produtos, Lopes Cardoso manifes-

ta a opinião de que os gestores das cooperativas devem ser eleitos pelos trabalhadores e não nomeados pelo Estado.

Noutro passo da sua importante entrevista, Lopes Cardoso refuta as acusações que a direita faz aos trabalhadores, segundo as quais teriam vendido os gados ao desbarato, pondo em risco, a curto prazo, os efectivos pecuários na zona da Reforma Agrária. Mas não se limita a refutá-las: afirma claramente que as cooperativas estão a aumentar os efectivos pecuários.

G.D.U.P.'s condenam abandono da F.S.P.

«A decisão da F. S. P. é tomada por razões que não são totalmente apresentadas à discussão pública», segundo afirma um comunicado da Comissão Nacional Provisória da Unidade Popular, a propósito da decisão daquela organização de abandonar os G. D. U. P.'s.

Segundo a C. N. P. U. P., «o abandono da F. S. P. não foi baseado em qualquer análise expressa de divergências quanto à situação política actual e consequente alternativa política. As críticas ao funcionamento dos G. D. U. P.'s, sejam ou não justas, não serão certamente resolúveis fora do movimento, sejam elas feitas por aderentes, simpatizantes ou organizações políticas que apoiem o movimento. A ausência expressa de uma crítica política de fundo torna mais grave o abandono da F. S. P. pois representa o virar das costas à luta pela unidade no seio do movimento».

Depois de pôr algumas interrogações sobre o abandono da F. S. P., a C. N. P. U. P. afirma que o futuro imediato, em particular as eleições para as autarquias locais e o Congresso Sindical, mostrarão claramente quais as intenções e as razões da F. S. P.

«As organizações representadas na C. N. P. U. P.», continua o comunicado, «não reco-

nhecem à F. S. P., depois do seu abandono, legitimidade para se arvorar em porta-voz de qualquer das posições ou opiniões quanto às questões políticas em debate no seio dos G. D. U. P.'s».

A terminar, a C. N. P. U. P. reafirma a «determinação de, no debate aberto e democrático, lutar pela unidade dos revolucionários, pela defesa das liberdades e dos interesses das massas populares».

APELO

Também o G. D. U. P. de Paço d'Arcos tomou uma posição pública em relação à saída da F. S. P. Depois de afirmar que são de rejeitar quaisquer tentativas de controlo por parte de quaisquer forças, critica a atitude da F. S. P., não só porque cria um precedente grave, como também, com o Congresso a realizar-se daqui a três semanas, não aproveita o melhor local para, clara e democraticamente, serem feitas as devidas denúncias, críticas e correcções de erros que se cometeram desde o início de Julho até agora.

O comunicado termina fazendo um apelo à F. S. P. para rever a sua decisão de abandono das estruturas unitárias de Unidade Popular.

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA AFRICANA

PUBLICIDADE

CASA

Trabalhador desta empresa precisa urgentemente de cinco divisões em Lisboa. Indemniza em termos a combinar. Resposta a este jornal ao n.º 1655

PUB

Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul

Abrangendo os distritos de Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Portalegre, Santarém e Setúbal
Av. Almirante Reis, 45, 1.º — Telef. 83 93 18/84 86 33 — Lisboa-1

CONVOCATÓRIA

SECTOR DE GARAGENS (DISTRITO DE LISBOA)

Conforme nos comprometemos, transmitimos aos nossos associados deste sector a posição das negociações do novo CCT Vertical para o Sector de Garagens.

Esgotou-se o tempo limite previsto para as negociações e apenas se conseguiu acordo em parte do clausulado.

Com efeito os representantes dos patrões (ANAREC) têm torpedeado as reuniões, esquivando-se a uma negociação honesta e justa.

Assim, estes senhores na tabela salarial tiveram o descaramento de propor aumentos (?) de 200\$00 a 500\$00.

Em compensação, na definição de categorias, pretendiam que um profissional acumulasse diversas funções. Queriam por exemplo, que um vendedor de carburantes além das funções que lhe competem, montasse e desmontasse pneus e ainda outros serviços.

Verifica-se portanto que estes senhores querem dar um chouriço aos trabalhadores, mas exigem destes um porco.

Camaradas já é tempo de estes senhores deixarem de engordar à custa do nosso suor.

Não podemos continuar a ter um contrato cuja tabela salarial é das mais baixas do País.

Nestes termos, para análise do problema e escolha de formas de luta a adotar para avançarmos com o CCT Vertical, convocamos todos os trabalhadores do Sector de Garagens para uma reunião a efectuar no próximo dia 17 de Setembro, pelas 21 horas no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, Av. Rovisco Pais — LISBOA.

A consciencialização e a unidade de todos os trabalhadores em torno do seu Sindicato é indispensável para conseguirmos um CCT Vertical justo.

TEMOS QUE POR FIM A EXPLORAÇÃO MISERÁVEL QUE TEMOS SOFRIDO POR PARTE DOS PATRÕES!

EM FRENTE POR UM CCT VERTICAL JUSTO!

NÃO AOS SALÁRIOS DE FOME!

UNIDOS E ESCLARECIDOS ATINGIREMOS OS NOSSOS OBJECTIVOS!

NÃO FALTES!

Lisboa, 10 de Setembro de 1976

O PRESIDENTE DA Direcção
José Eduardo M. Borges

post-scriptum

«TV RURAL» E A REFORMA AGRÁRIA

Ultimamente venho a interrogar-me se alguma vez o engenheiro Sousa Veloso se teria referido, na rubrica «TV Rural», à Reforma Agrária. A resposta foi-me dada no dia 6 por Mário Castrim no «Canal da Crítica» do «DL».

Fiquei assim a saber que o engenheiro Veloso voltou pura e simplesmente às costas a essa importante e positiva conquista dos trabalhadores rurais alentejanos. O que levará o senhor engenheiro a recusar o seu característico sorriso domingueiro à Reforma Agrária? Porque não visita uma ou mais Unidades Colectivas de Produção? Por todo o Alentejo, as U. C. P. estão transformando uma estrutura arcaica que em nada dignificou os antigos agrários, hoje integrados na C. A. P. com seus apaniguados e admiradores, os quais, por todos os meios, pretendem agora torpedear as conquistas já alcançadas e inclusivamente acabar com a própria Reforma Agrária.

A estes detratores não interessa que o povo português se aperceba das grandes transformações por que está a passar a lavoura no Alentejo. Mas o mais lamentável é que tais ataques e preocupações em ocultar a verdade não sejam um exclusivo da C. A. P. A TV também não interessa que os benefícios até agora obtidos nas U. C. P. cheguem ao conhecimento da grande maioria dos portugueses, muito especialmente àqueles do Norte e Centro que, do Alentejo, apenas têm uma noção deformada, julgando que ali só se praticam assaltos e roubos, como venenosamente lhes têm sido inculcado por caciques e pasquins que descarada e impunemente proliferam por esse País fora.

Não perca tanto tempo com os coelhos e as coelheiras, senhor engenheiro. Vá até lá, ao Alentejo, onde na verdade se está a fazer uma revolução. Visite as U. C. P. e depois, sem paixões, conte-nos o que viu.

Os telespectadores, quer paguem ou não a taxa (todos os portugueses, ao fim e ao cabo), têm direito a uma informação honesta, isenta de partidarismo, e não a emissão de diversão ou de meias tintas para cumprir programas e inglês ver.

P. Guerreiro

— COVA DA PIEDADE

Mágoa e desilusão

Foi com a mais profunda mágoa e desilusão que ouvi e vi na TV «parte» do discurso do dr. Mário Soares, no dia 9 do corrente, e digo «parte» porque logo passado pouco tempo, verifiquei que mais uma vez se exigiam soluções utópicas a um povo que tanto necessita de realidades, de decisões construtivas e humanas.

De facto, mandar trabalhar mais e melhor num país, onde os postos de trabalho são inexistentes é o mesmo que ordenar que um coxo corra nos jogos olímpicos, ou pretender que uma pulga se transforme num elefante.

Na verdade, existem privilegiados que têm onde trabalhar e pouco ou nada produzem, assim como há os que fazem horas extraordinárias, com prejuízo dos outros que lutam em vão por um posto de trabalho, e finalmente ainda há os que (como dantes) absorvem vários empregos, onde nunca estão presentes, mas o discurso parece não ter esses como destinatários...

Por outro lado, é uma ousadia temerária seguir a doutrina de muitos que condenam o «escândalo» dos que se encontram com baixa médica. Na verdade os ausentes dos empregos por baixa clínica, podem desagradar à entidade patronal, mas a razão de tal facto só ao médico diz respeito e não aos simples leigos em Medicina, que desprezam a competência dos nossos médicos, unicamente se limitando a considerar tal facto um «abuso», como se pretendessem que a máquina humana nunca se avariasses, não lhando ao estado de saúde dos empregados desfavorecidos, para só procurar extrair o lucro dos que estão quase moribundos e que podem mesmo propagar a doença aos seus colegas. Enquanto isso, os que assim falam, e eu sei-o por amarga experiência, encontram-se gordos e luzidios, não reconhecendo ao trabalhador o mínimo direito de estar doente e chegar ao limite das suas forças.

Será que os políticos e os patrões irão superintender nos assuntos que só ao médico consciencioso e humano dizem respeito?

Se é assim estamos mal, e isso nem sequer acontece nos países do Mercado Comum, tão enaltecidos pelo sr dr. Mário Soares.

Entretanto, inventou-se agora o imposto complementar destinado ao trabalhador, para que este possa proporcionar maior réditto ao Estado, e assim não se atende a que um indivíduo desempregado, por exemplo, de 1975 a 1976, tenha de pagar um imposto relativo a 1974, inclusive, e posterior mesmo a esse ano, isto numa altura em que o desemprego aumenta todos os dias. Como pode o desempregado em 1976 pagar o imposto complementar de 1974 até àquele ano? São estas soluções que nos oferece? Creio não ser assim que se vai resolver o problema da nossa abalada economia, bem como tantos outros problemas que afligem o nosso malfadado País...

Júlio de Vilhena
— LISBOA

PEDAGOGIA DA REVOLUÇÃO

ESCOLA E LUTA DE CLASSES

Muito embora a burguesia se recuse a admiti-lo, a luta de classes, consequência lógica fundamental duma sociedade classista, existe. A burguesia, interessada no ocultar desse dado elementar da realidade, é, ela própria, um resultado histórico dessa luta. Na sociedade capitalista, onde os diferentes interesses das classes sociais estão bem determinados, a escola não pode oferecer a todos a mesma igualdade de acesso e de sucesso. Mesmo aos que têm acesso à escola da sociedade capitalista, as diversas condições do meio em que vivem marcam, à partida, uma desigualdade de oportunidades. Além disso, o ensino fornece-lhes as representações dos padrões ideológicos dominantes, pois sempre a escola constituiu, nessas condições, um processo de reforço, e de defesa, do estabelecimento.

No entanto, porque a realidade é dialéctica e, portanto, modificável, é possível lutar dentro da escola, como em todos os locais de trabalho, pela justiça social. No carácter dialéctico do real reside a esperança e, simultaneamente, a necessidade e a possibilidade de luta. A escola não é um território neutro no território nacional. Do modo como a produção material se estabelece assim se estabelecem as relações entre as pessoas.

Em tais condições, a escola, com raízes na orgânica económico-social concreta, reflecte sempre a ideologia de determinada classe. Se o modo de produção é capitalista, a escola sofre-lhe os efeitos: ao nível do corpo docente, por exemplo, verifica-se uma orientação para um tipo de ensino necessariamente classista.

Por outro lado, no entanto, revelando as contradições próprias da pequena burguesia a que pertence o professorado tanto toma posições progressistas como recua, oscilando por vezes entre a constatação

dos seus erros e a incapacidade de os clarificar e resolver.

O caso seguinte, que bem pode considerar-se exemplar a diversos níveis de interpretação da realidade portuguesa actual, passou-se há pouco numa escola do ensino secundário igual a tantas outras.

Discutia-se o tema «organização da sala de aula». Reuniram-se os professores por grupos heterogéneos (abrangendo todas as disciplinas) e, seguidamente, em plenário, apresentaram-se as conclusões de cada grupo. Parecia, à primeira vista, que assunto tão comedido não devia originar problema de maior. Mas, efectivamente, a escola não é um território neutro e o que nela se passa reflecte as contradições do todo social.

Surgiram então três posições sobre o assunto.

Segundo a primeira, a sala de aula deveria ter, como requisitos indispensáveis a um bom ambiente: cortinados de cores atraentes e variadas, carteiras dispostas em hemiciclo, música de fundo e abolição de secretária do professor.

A segunda proposta dizia que «considerando que uma proposta do tipo acabado de enunciar (a primeira) era altamente alienante, como subproduto da classe burguesa», se devia abandonar o folclorismo pedagógico do arranjo da sala para se discutir, «única e simplesmente, o problema de fundo: a política do ensino».

Para a terceira e última posição surgida na reunião o problema da organização da sala de aula era um problema concreto. Como tal, «deveria ser discutido, mas enquadrado no seu contexto próprio: as concepções pedagógicas que estão por detrás do arranjo de uma sala de aula».

Analisando as concepções que se escondem sob cada uma daquelas três posições podem descortinar-se algumas realidades do nosso ensino e respectivo corpo docente. Ve-

jamos a primeira. Os professores, incapazes de olhar de frente os problemas concretos que se lhes colocam no quotidiano escolar (desinteresse, rotina, fadiga, indisciplina, etc.) la-deiam as questões dum modo ingénuo (ou não...) e propõem umas pinceladas no secundário mantendo inalterado o essencial. Recusam-se assim, à discussão real dos problemas que os afectam: quais as razões das indisciplinas? O que leva os alunos a desinteressarem-se pelas aulas? O que leva muitos professores a terem esgotamentos nervosos? Enterrando a cabeça na areia como o avestruz, recusam-se a ver a origem das doenças que os afectam. O bom funcionamento das aulas dependeria de cortinados e música de fundo. Não se nega que determinados meios alcancem melhor que outros certos objectivos. O que se nega é que, recusando-se alguém a discutir os objectivos a atingir com esses meios, possa ficar esclarecido quanto à utilização eficiente de qualquer método.

Zurindo sem dó nem piedade nas outras propostas, na primeira pelas razões já expressas e na terceira por ser «conciliadora e reformista», a segunda posição fez com que alguns professores abandonassem a reunião (que a ordem dos trabalhos não era «a política») enquanto outros ameaçavam sair também. Só não o fizeram devido à tal intervenção «conciliadora reformista». O grupo «revolucionário» esteve em vias de ficar sozinho na sala, o que não o impediu de reafirmar a posição assumida. Ainda que defendendo um objectivo correcto e importante (discutir a política do ensino) não foi capaz de encontrar um método e um processo tático convenientes, hostilizando afinal a generalidade dos presentes. Um excres-

SEVERO DE MELO

so de radicalismo que não deixou ver as forças de que dispunha para atingir um determinado objectivo.

Por último, a terceira proposta parecia ser a única viável para a consciencialização dos trabalhadores do ensino no seu local de trabalho (a sala de aula). O facto de todos terem aceite aquela ordem de trabalhos deixava ver que a «organização da sala de aula» constituía uma preocupação objectiva de todos. Claro que não era com arranjos folcloristas, denunciadores de certa mentalidade do ensino, nem com uma discussão teórica de certo modo desligada, tal como foi expressa, daquela necessidade concreta do quotidiano escolar, que se atingiam os objectivos em vista. A alternativa viável, capaz de conglomerar os interesses do corpo docente, era partir dos problemas quotidianos para teorizar uma crítica geral a esses problemas, como defendia a terceira posição.

Se a primeira pretendia arrear a discussão política única capaz de enquadrar as questões micro e macro-sociais a segunda «apaixonava-se» pela política e pretendia discuti-la teoricamente, desligada do real. Além do mais, ambas esqueciam também um ponto fundamental: a melhoria das relações no local de trabalho pressupõe que os trabalhadores sejam ouvidos. E, no caso concreto, as propostas são ineficazes se os alunos não forem ouvidos. A última posição, ao enquadrar a organização da sala de aula em concepções pedagógicas, impedia a solução autoritária das outras propostas e exigia, naturalmente, a participação dos alunos. A menos que alguém consiga provar que existe autêntica pedagogia sem intervenção criativa dos alunos.

PROIBIDA A TRANSFORMAÇÃO DO MEIO-AMBIENTE PARA FINS MILITARES

GENEبرا — Os Estados Unidos e a União Soviética conseguiram fazer adoptar pelo comité da conferência do desarmamento, que efectuou a 3 de Setembro no «Palais des Nations» a sua reunião número 727, um projecto de tratado que prevê a interdição definitiva de «modificações do meio ambiente para fins militares ou hostis, duráveis ou graves» para a população e o próprio meio ambiente, em suma, a guerra meteorológica.

Este projecto será submetido à aprovação da próxima Assembleia Geral da ONU em Nova Iorque e deverá ser ratificado por vinte países antes de entrar em vigor. Os representantes dos Estados signatários reunir-se-ão em Genebra em 1981, a fim de se assegurar de que o tratado foi respeitado e não necessitará de emendas. Um comité consultivo de peritos, composto por delegados desses países, poderá efectuar inquéritos no caso de haver

queixas de violação do tratado, mas não terá autorização de se dirigir aos locais nem de tomar decisões ou aplicar sanções.

Se o representante dos Estados Unidos, Joseph Martins Jr. e o da U.R.S.S., V. Likhatchev exprimiram a sua satisfação perante este acordo, os delegados da Argentina, do Brasil, da Etiópia, do Egipto, da Índia, da Itália, do México, do Paquistão, dos Países Baixos, da Roménia e da Jugoslávia acharam-no insuficientemente rigoroso. Alguns delegados lamentaram que o texto não tenha previsto uma interdição das experiências de modificação do meio ambiente para fins pacíficos, mas somente a obrigação de todos os Estados que procedam a tais modificações devem informar do facto aos outros países. Para mais, a interdição só se aplica às experiências militares cujos efeitos se fizessem sentir em várias centenas de quilómetros qua-

ISABELLE VICKNIAC E IVONNE REBEYROL

drados e durante uma estação, ou no caso de atentarem contra a vida humana, por darem origem à destruição dos recursos naturais e económicos.

É nestas condições que é proibido o uso para fins militares de toda a técnica «que permita modificar através de manipulação deliberada dos processos naturais, a dinâmica e a composição da estrutura da Terra, incluindo os seus biotopos, a sua litosfera, a sua hidrosfera, a sua atmosfera ou o espaço extra-atmosférico». Especifica-se também que as consequências de tais técnicas podem ser tão dramáticas como «tremores de terra, encontros de correntes opostas, transtornos do equilíbrio ecológico de uma região, modificações das condições atmosféricas (névens, precipitação, ciclones de vários tipos e tornados), o estado da camada

de ozono ou da ionosfera, as condições climáticas ou as correntes oceânicas».

GUERRA GEOFÍSICA

Não é a primeira vez que se fala da possibilidade de intervenções humanas nos fenómenos geofísicos. Os americanos fizeram desde 1963, sobre o Vietname, experiências de chuvas artificiais, e talvez tenham feito experiências idênticas sobre toda uma região do sudoeste da Ásia, região essa que compreende a Tailândia, o Laos e a costa marítima, com o objectivo de transformar em lodaçais as pistas utilizadas pelos adversários.

A opinião dos especialistas sobre a eficácia de tais experiências é muito reservada: para fazer cair chuva é preciso

Continua na pág. 4

PUB

Federação dos Sindicatos Ferroviários

MOÇÃO SOBRE O CONGRESSO DOS SINDICATOS

Os delegados ferroviários reunidos em Plenário Nacional no Entroncamento no dia 13/9/76:

Considerando que só na unidade se consegue avançar;

Considerando que certas forças tentam dividir o movimento Sindical, precisamente para enfraquecer todo o movimento da unidade dos trabalhadores;

Decidem:

Apoiar as decisões do Encontro Nacional dos Sindicatos de 4/9/76 convocado pelo Secretariado da Intersindical, que reuniu 170 Sindicatos um dos maiores encontros do Movimento Sindical Português; importante passo para a vitória no caminho da unidade, e clara derrota para aqueles que tudo fizeram para diminuir a importância deste Encontro.

Dinamizar a discussão pelas trabalhadores ferroviários dos problemas relacionados com o congresso dos Sindicatos designadamente a análise do projecto do regulamento, de acordo a permitir uma larga participação dos trabalhadores na preparação do Congresso. É no debate franco e aberto no seio das suas organizações sindicais, que os trabalhadores resolvem as suas divergências e fortalecem a sua unidade.

Apelamos pois às Direcções Sindicais que ainda recusam o diálogo no seio do movimento Sindical sobre o Congresso para que se juntem à grande maioria dos sindicatos que lutam por um congresso de unidade para a reestruturação da Central Única dos trabalhadores. Se o não fizerem assumirão perante todos os trabalhadores do País a responsabilidade histórica de contribuírem para a divisão dos trabalhadores e do Movimento Sindical, que é neste momento a grande aspiração do patronato.

Entroncamento, 13/9/76

MOÇÃO SOBRE CONTROLO OPERÁRIO

Os delegados Sindicais Ferroviários reunidos em plenário Nacional no dia 13/9/76 no Entroncamento

Considerando que o controlo operário é uma conquista alcançada pelos trabalhadores e um direito adquirido pelos mesmos na constituição,

Considerando que só com o controlo operário temos um transporte digno para o Povo Português,

Considerando que com o controlo operário se acabará com a sabotagem existente na Empresa.

Decidem dar todo o apoio à Comissão organizadora para mais rapidamente se insurar o controlo operário.

Entroncamento, 13 de Setembro de 1976.

PUB

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL

ALERTA CAMARADAS

Chegou ao nosso conhecimento que em algumas empresas, camaradas do nosso Sindicato têm sido solicitados no sentido de subscreverem um comunicado acompanhado de abaixo-assinado onde se fala do congresso dos Sindicatos e que é da responsabilidade das Direcções Sindicais dos Escritórios (Lisboa, Porto e Faro), Bancários do Sul, Motoristas do Porto e Metalúrgicos de Aveiro.

Consideramos que se está em presença de uma intromissão, na vida do nosso Sindicato, que é tanto mais grave quanto se desconhece a finalidade das assinaturas, **arrebanhadas sem discussão**, sobre um assunto que é da máxima importância para os trabalhadores.

Alertamos os camaradas de que a preparação do Congresso dos Sindicatos é para ser discutida democraticamente em todos os locais de trabalho. A manobra de que se está em presença é uma **forma antidemocrática** de, através de bonitas frases como: Unidade, Democracia, etc., acorrentar os trabalhadores mais desprevenidos às posições, dessas Direcções Sindicais, já repudiadas por 170 Direcções Sindicais no passado dia 4. (Por sinal, nesta reunião do dia 4 as Direcções responsáveis pelo abaixo-assinado não compareceram deliberadamente, para discutir democraticamente as divergências no Movimento Sindical, apesar de a isso se terem comprometido, por unanimidade, no Plenário de Sindicatos do dia 29 de Julho de 1976).

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os Delegados Sindicais da Região de Lisboa para uma reunião a realizar na próxima Sexta-Feira **dia 17** pelas 20 horas e 30 minutos no Sindicato (Av. Almirante Reis, 74-G-4.º).

Com a seguinte ORDEM DE TRABALHOS:

— Informações sobre o andamento dos trabalhos para o Congresso de todos os Sindicatos Portugueses.

A DIRECÇÃO

EXCURSÕES CP

● MELGAÇO - CASTRO LAUREIRO

Um passeio de inegável interesse aos confins do Alto Minho (Serra da Peneda)... Com o conforto do comboio (1.ª classe) até ao Porto, e "auto-pulman" no resto do percurso. Engloba atractivos paisagísticos raros, uma ceia-festa e artesanato.

TRES DIAS - Setembro: 11/12/13 e 25/26/27
Lisboa: 2.200\$ Coimbra: 1.900\$ Porto: 1.550\$

● "NOVAS FERIAS" NO ALGARVE

Com reduções a partir de 16/9.
Hotéis de 3 e 4 estrelas em regime de pensão completa.

Preços: De Lisboa, desde 890\$ De Porto, desde 1.490\$

● FERIAS NA URUGUAI

Local privilegiado para descanso. Hotel de 1.ª

Preços: De Lisboa, desde 980\$ De Porto, desde 730\$

● FERIAS NO MINHO

Viana do Castelo, com o aliciante de uma ceia-festa minhota; ou Vila Praia de Ancora, em Hotel famoso pela sua succulenta cozinha.

Preços: De Lisboa, desde 1.250\$ De Porto, desde 650\$

● MADRID

Partidas diárias nos comboios Lusitânia-Expresso e Ter. Estadias de 3 dias na capital espanhola. Excursões facultativas a Toledo, Vale dos Caídos, Escorial e Segóvia. Supl. de prolongamentos (para mais dias). Assistência e transferência das estações de Madrid para os Hotéis, todos centrais.

Preços: Lisboa, desde 1.580\$ De Porto, desde 1.750\$

DISTRIBUIÇÃO DE PROGRAMAS

LISBOA: Secções de Informações das estações do Rossio e Sta. Apolónia

PORTO: Secção de Informações da estação de S. Bento

INFORMAÇÕES - BILHETES

LISBOA: EGT - Rua do Arsenal, 124 - T. 367529

PORTO: EGT - Rua Justino Teixeira, 469 - T. 57061

MEIO AMBIENTE

Continuação da pág. 3

que haja na atmosfera quantidades de água suficientes para que uma parte desta já esteja condensada ou gelada sob a forma de núvens. Portanto é sempre possível que as núvens tenham dado origem a uma chuva natural, mas também é possível que essa chuva tenha chegado um pouco antes ou um pouco depois.

Quanto aos ciclones tropicais, as energias em jogo são tais (da ordem dos 200 a 300 quilómetros por segundo) que parece difícil um empurrão do homem poder modificar a evolução do fenómeno. Físicos americanos da atmosfera têm tentado, no entanto, desde 1961, influenciar a evolução de ciclones tropicais através da «sementeira» de certas núvens perto do centro do ciclone (projecto «storm fury»). Verificaram-se diminuições temporárias da ordem dos 15 a 31 por cento da velocidade dos ventos. Mas depressa o ciclone voltou a ganhar força, e mesmo aí não se pode ter a certeza de não se tratar de uma fase natural da evolução do ciclone. Seja como for, as experiências foram sempre feitas sobre o Atlântico, a boa distância das costas.

Os tremores de terra podem ser provocados por actividades humanas.

Principalmente quando se fizeram grandes lagos artificiais ou depois de uma injeção maciça, sob pressão, de grandes volumes de água, verificaram-se sismos. Tal facto deu lugar a estudos destinados a prever sismos catastróficos: pequenos tremores de terra voluntariamente desencadeados pelo homem, evitariam a acumulação de constrangimentos do solo que, não libertados, poderiam provocar tremores de terra destruidores. De resto, desde 1967 que os sismólogos americanos fazem experiências de tremores de terra controlados, em Rangely, no Colorado, região quase desértica...

Claro que se poderia encerrar a hipótese de provocar sis-

mos por injeções de fluidos numa zona activa da crosta terrestre. Mas não vemos muito bem como é que essas injeções, caras e lentas, poderiam ser feitas em segredo, num território inimigo.

Também podia imaginar-se a explosão de uma bomba de grande potência numa faixa activa ou na sua proximidade. Mas nunca ninguém se atreveu a fazer tal coisa.

Quanto aos vulcões, é certo que não se pode lançar uma bomba numa cratera em actividade ou adormecida. Ninguém podia prever o que aconteceria após a explosão.

As «tsunamis», ondas enormes que surgem em certas costas (quase sempre do Pacífico) depois de tremores de terra submarinos, de enormes avalanches submarinas ou de explosões de vulcões submarinos, parecem mais difíceis de desencadear voluntariamente. As experiências efectuadas ao largo de La Solla (Califórnia) fazem-nos duvidar da sua possibilidade. Trata-se de fazer partir, graças a explosões, massas instáveis de areia acumuladas nos «canyons» submarinos. Ora nunca aconteceu nada, ao passo que, sempre há tempestades, os «canyons» esvaziam-se. Mas talvez que os estudos sobre a potência e a localização exacta da explosão possam conduzir a uma maior eficácia...

© Le Monde

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º JUÍZO

2.ª PUBLICAÇÃO

ANÚNCIO

Pelo 3.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, 2.ª Secção, Proc. n.º 890, correm editos de TRINTA DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando a ré CLOTILDE DE ABREU BANDOQUIN, casada, ausente em parte incerta com o último domicílio conhecido na Rua das Cruzinhas, n.º 2-1.º, ao Castelo de S. Jorge, em LISBOA para, no prazo de VINTE DIAS, decorrido o prazo dos editos, contestar, querendo os pedidos de divórcio e o de concessão do benefício de assistência judiciária, que lhe move o seu marido CARLOS BANDOQUIN, casado, guarda da P. S. P. residente na Rua Silva Carvalho, n.º 159-2.º Esq.º em LISBOA.

O autor pede que seja decretado o divórcio entre ambos, baseando o pedido na alínea f) do Art.º 177 do Código Civil e o de concessão do benefício de assistência judiciária na carencia de meios económicos.

O duplicado da petição inicial está a sua disposição neste Juízo e secção.

Lisboa, 18 de Maio de 1976

O CORREGEDOR AUXILIAR
(a) — Fernando Marques Cordeiro

O ESCRIVÃO DE DIREITO
(a) — Eduardo Figueiredo

COPENTREL

Cooperativa de Electricidade para a Construção Civil e Assistência Técnica, S.C.A.R.L.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Convocam-se todos os Sócios a reunirem para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no próximo dia 25 pelas 8.30 h. com a seguinte ordem de trabalhos:

— Eleição de Corpos Gerentes.

Não havendo número legal de Sócios à hora marcada a sessão terá início uma hora mais tarde com qualquer número de Sócios.

O Presidente da Mesa da Assembleia
Manuel Soares Vieira

Fusão "Flama"- "S.I." levanta problemas

«A Redacção do «Século Ilustrado» soube pelos jornais de um comunicado da Administração da revista «Flama» em que se refere um plano de fusão do SI com aquela publicação que teria sido apresentada ao Ministério da Comunicação Social. Este não o teria aprovado por não ter obtido o acordo da SNT (Sociedade Nacional de Tipografia). Passou-se isto em 1975» — afirma um comunicado do corpo redactorial do «SI».

Ora acontece (de acordo com o referido comunicado) que «os jornalistas do «SI» não tomaram conhecimento de qualquer projecto que envolvesse a sua fusão com a «Flama» ou qualquer outra publicação e estranham que este assunto houvesse sido debatido em tão altas instâncias sem o seu conhecimento, vindo dele a ser informado por uma nota de jornal dirigida ao público em geral».

Acentua-se na nota que «tendo em conta os interesses dos leitores, que serve há trinta e oito anos, a Redacção do «SI» tem insistentemente defendido o alargamento do seu quadro redactorial. Mas, de acordo com a linha definida no seu Estatuto Editorial e por

uma prática editorial, anterior ao 25 de Abril, e que aponta para uma informação objectiva, pluralista e independente, virada para o Povo e, muito especialmente para o cidadão comum, a redacção do «SI» afirma o direito de ser ela — e só ela — a escolher os elementos que a constituem ou virão a integrar no futuro, direito que, aliás, as sucessivas Administrações da SNT lhe têm reconhecido.

E sublinha o comunicado: «Uma redacção não é simples somatório de pessoas. Uma redacção é um corpo organizado de profissionais que, de sua livre vontade, aceitam um projecto comum. Esta é a única forma de servir eficientemente e honestamente o povo a que nos dirigimos».

Finalmente, a Redacção do «SI» afirma «a sua disposição em discutir, como o tem vindo a propor insistentemente, as medidas necessárias à reestruturação da revista e, por extensão, à reestruturação do sector estatizado da Imprensa semanal, mas recusa toda e qualquer medida que lhes queiram impor, arquitectada em gabinete, sem consulta aos mais directamente interessados e que melhor conhecem os problemas em causa».

Europa bebe mais Porto

No decorrer dos primeiros oito meses deste ano a exportação de vinho do Porto aumentou 15,7 por cento em relação a igual período do ano passado. Tudo leva a crer, aliás, que a tendência é favorável à exportação deste vinho para a Europa, a julgar pelas exportações de Agosto, que aumentaram 68 por cento em

relação às do mesmo mês de 1975. Aumentaram consideravelmente as suas importações a França (mais 40 por cento), o grupo Belgica-Luxemburgo (mais 8 por cento) e a Dinamarca (mais 40,8 por cento),

ao passo que o Reino Unido e a Alemanha diminuíram as suas.

Turismo baixou dois por cento de Janeiro a Julho deste ano

Diminuiu em dois por cento o afluxo de turistas a Portugal entre os sete primeiros meses deste ano e igual período de 1975. Esta diminuição, já menos sensível do que nos dois anos anteriores, reflecte a queda geral do movimento turístico em todo o mundo e, concretamente em Portugal, a retracção sentida nos meses posteriores ao 25 de Abril.

De Janeiro a Julho de 1976 entraram nas fronteiras portuguesas 1 130 549 turistas, enquanto nos sete primeiros meses do ano passado o total foi de 1 153 549. Estes dados foram apurados pela ANOP junto da Direcção-Geral do Turismo e são completados com uma expectativa clara de alteração, para melhor, talvez ainda este ano, mas muito mais vincadamente na próxima época turística, pois a recuperação do mercado turístico europeu é um facto.

Senão vejamos: o afluxo de turistas suecos a Portugal nos primeiros sete meses de 1976 registou uma subida de 96 por cento em relação ao mesmo período do ano transacto, durante o qual se verificaram também subidas dos turistas noruegueses (mais 46,8 por cento), dos holandeses (mais 23,8 por cento), dos dinamarqueses (mais 23,2 por cento), dos belgas (mais 9,4 por cento), dos alemães ocidentais (mais 9,2 por cento), dos franceses (mais 6 por cento) e dos italianos apenas com um

acréscimo de 1,6 por cento.

Em contrapartida à recuperação do mercado europeu, que se está já a notar este ano, exceptuando o caso britânico (baixa de 13 por cento) os dados existentes apontam para uma quebra de 36 por cento no afluxo de norte-americanos e 13 por cento de brasileiros.

O turismo espanhol, que tem constituído o mais forte caudal de estrangeiros para o nosso país, mantém-se estacionário pois entre este ano e o ano passado a quebra foi de uns insignificantes 0,3 por cento.

Quanto ao turismo dos países de Leste europeu — um turismo novo, fruto do 25 de Abril — foram divulgados os números seguintes: a entrada em Portugal de turistas soviéticos teve um aumento de 4040 relativamente aos primeiros sete meses de 1975. Também os búlgaros registaram um aumento de 2348 turistas, enquanto os jugoslavos baixaram 491, os húngaros 424, os alemães (da R. D. A.) 184, os romenos, 88, os checoslovacos, 32 e os polacos, 27.

Quanto à entrada de divisas em Portugal, de Janeiro a Julho de 1976, resultante do respectivo movimento turístico, os valores ainda não foram fornecidos pelo Banco de Portugal — informou também a ANOP a Direcção-Geral de Turismo, acrescentando que esse movimento ao longo de todo o ano de 1973 se cifrou em 12 513 milhares de contos, contra

11 229 milhares de contos de 1974 e 6899 milhares de contos (números provisórios) de 1975.

OS NÚMEROS ANTERIORES

O número de turistas entrados em Portugal em 1973 foi de 4 079 712 (2 032 893 de Janeiro a Julho), em 1974 desceu para 2 621 802 (1 513 465 de Janeiro a Julho), o que representa uma descida de 36,0 por cento relativamente a 1973 e um decréscimo de 26 por cento em relação ao movimento dos respectivos primeiros sete meses. Esses movimentos baixaram ainda mais em 1975: 1 966 409 (1 153 521 de Janeiro a Julho), isto é, uma baixa de 25 por cento relativamente ao ano anterior e de 24 por cento em relação aos respectivos primeiros sete meses de cada ano.

É a Espanha que fornece o maior número de turistas vindos a Portugal, como se pode verificar pela relação dos países que contribuíram com os índices mais elevados para os respectivos totais, com a se-

guinte distribuição:
1975 — 1 966 409 (1 153 521 de Janeiro a Julho): Espanha, 856 366; Reino Unido, 284 572; Alemanha Federal, 143 808; França, 119 140; Estados Unidos, 96 316; Bélgica, 27 239; Suíça, 22 980; Canadá, 22 820; Dinamarca, 18 647; Noruega, 11 611.

1974 — 2 621 802 (1 513 465 de Janeiro a Julho): Espanha, 1 169 352; Reino Unido, 383 001; Estados Unidos, 217 552; Alemanha Federal, 167 155; França, 152 860; Itália, 83 694; Brasil, 65 215; Canadá, 38 778; Suíça, 38 508; Holanda, 37 402; Suécia, 31 589; Bélgica, 30 415; Dinamarca, 21 932; Noruega, 10 353. Países do Leste: Polónia, 3 446; Jugoslávia, 2 756; U. R. S. S., 1544; Checoslováquia, 336; Hungria, 299; Bulgária, 205; Roménia, 173; R. D. A., 14.

1973 — 4 079 712 (2 032 893 de Janeiro a Julho): Espanha, 2 109 280; Reino Unido, 511 622; Estados Unidos, 345 683; França, 248 567; Alemanha Federal, 209 681; Itália, 80 014; Brasil, 79 022; Canadá, 60 537; Holanda, 54 087; Suíça, 49 998; Bélgica, 46 279; Suécia, 42 793; Dinamarca, 27 263; Noruega, 12 593. Países do Leste: Polónia, 1426; Jugoslávia, 1320; Checoslováquia, 194; Hungria, 194; Bulgária, 164; U. R. S. S., 85; Roménia, 59; R. D. A., 15.



LEIRIA

AUGUSTO SEIFA BALTASAR

FALECEU

Aida Batista dos Santos Baltasar, Anabela Batista Baltasar, Paulo Augusto Batista Baltasar e mais família, cumprem o doloroso dever de participarem o falecimento do seu querido marido, pai e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, de sua residência na Rua de Alcobaça para o cemitério de Leiria.

LEIRIA

AUGUSTO SEIFA BALTASAR FALECEU

Baltazar & Rodrigues, cumpre o dever de participar o falecimento de seu sócio gerente e que o seu funeral se realiza amanhã, às 10 horas, de sua residência na Rua de Alcobaça para o cemitério de Leiria.

Caso dos retornados do Hotel Borges resolvido por agora

De acordo com informações obtidas esta manhã, o caso dos retornados do Hotel Borges está em vias de solução: I. A. R. N. entrou ontem em contacto com a administração e, muito embora se não tenha comprometido a liquidar imediatamente e por inteiro a dívida já contraída, satisfaz a administração do hotel que, por esse motivo, não cessará de apoiar os retornados nele hospedados.

O problema do Hotel Borges, não é único, ou sequer raro. O I. A. R. N. encontra-se atrasado em matéria de pagamen-

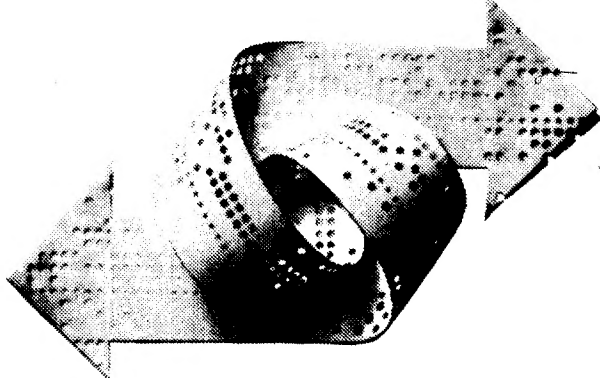
tos e a indústria hoteleira não está em condições de financiar estadias prolongadas num momento em que a vida económica do País se caracteriza pela inflação e pela escassez do crédito. Urge, por outro lado, que o I. A. R. N. proceda a um amplo inquérito destinado a distinguir entre os retornados que efectivamente carecem de estar hospedados nos hotéis e os que vivem abusivamente do erário nacional por terem bens pessoais, reformas ou ordenados que, em muitos casos, ultrapassam largamente as disponibilidades da grande maioria dos portugueses.

Sabe que pode tornar-se em poucos meses um programador, garantindo a si próprio um futuro estável e seguro no aliciante mundo da Informática? Vamos dizer-lhe como.

O Instituto de Programação e Análise elaborou para si um Curso de Introdução aos Computadores e Programação/COBOL em moldes inteiramente inéditos em Portugal. Um curso cujas lições visualizadas por imagens são acompanhadas pela audição em cassettes das respectivas matérias teóricas. Isto, além de livros de texto, manuais do aluno, exercícios práticos com o computador e a assistência pedagógica do IPA.

IPA INSTITUTO
DE PROGRAMAÇÃO
E ANÁLISE

Informática...
Conhece você
as suas possibilidades
neste domínio?



Em suma: um verdadeiro sistema áudio-visual completo que V. poderá instalar em sua própria casa! Informe-se.

Sem qualquer encargo ou compromisso da sua parte, preencha, recorte e envie-nos o cupão.

GRÁTIS e sem compromisso enviem-me informação mais detalhada sobre o curso de programação/COBOL

nome _____

morada _____

localidade _____

end. emprego _____

Ao **INSTITUTO DE PROGRAMAÇÃO E ANÁLISE**
Rua D. Estefânia, 32 - 4º - Lisboa 1

a preencher pelos nossos serviços

3 4 0 1 1 1 0 2

Geral



O grande actor italiano Dario Fo. Só ouvido?

PUB

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA

AVISO

1.º CONCURSO

A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Sintra faz público que, por deliberação tomada em reunião ordinária realizada no dia 18 de Agosto findo, se encontra aberto concurso pelo prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste aviso no «Diário da República», para provimento de um lugar de fiscal de obras, o qual foi criado por deliberação tomada em reunião de 26 de Fevereiro de 1975.

O vencimento atribuído ao cargo é de 6.400\$00 mensais. A este concurso poderão ser admitidos os indivíduos que satisfaçam aos requisitos dos n.ºs 1.º a 6.º e 8.º do artigo 460.º do Código Administrativo e possuam o curso de construção civil.

Os requerimentos, manuscritos e com a assinatura sobre estampilha fiscal de 50\$00, reconhecida por notário, deverão indicar, em alíneas separadas e sob compromisso de honra, a situação precisa em que se encontram os candidatos, relativamente às condições a que se referem os números 1.º, 2.º, 5.º, 7.º e 8.º do citado artigo 460.º do Código Administrativo e ainda as habilitações exigidas para o exercício do cargo.

Paços do Concelho de Sintra, 31 de Agosto de 1976

O VICE PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confeccções

Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — Lisboa

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — LISBOA

NANCY 76: O TEATRO NA CIADADE (3)

Pouco cómico e pouco popular

Um Festival que se deu ao luxo de se classificar de Teatro Cómico Popular não poderá deixar de ser uma e outra coisa. Não esqueçamos o que há de controverso nessas expressões que são, por vezes, utilizadas sem que se limitem correctamente as suas fronteiras sociais, políticas e estéticas, mesmo assim, não pode deixar de haver um certo consenso, para utilizar a palavra, que permita encontrar algumas linhas comuns definidoras de propostas cuja direcção seja reconhecível. Ora, não nos parece fácil reconhecer essa direcção no que se refere a alguns espectáculos apresentados neste Festival até porque não têm, talvez intencionalmente, nenhuma direcção.

O SENHOR ACTOR DARIO FO

Com Dario Fo não há problemas: estamos em presença de grande teatro cómico e de grande teatro popular. Mais demonstração do que espectáculo (talvez), o trabalho que o autor e actor italiano apresentou em Nancy é uma força explosiva que derruba os muros do teatro. Falando da *commedia dell'arte* e sobretudo interpretando alguns «sketches» cuja linguagem gestual tem por base o vocabulário da *commedia dell'arte*, Fo revela as

suas capacidades geniais de expressão. Interpretando o zanni que morre de fome e sonha com um enorme banquete, o advogado da Inglaterra isabelina ou o Papa renascentista, Dario Fo muda de registo com uma facilidade aparente que nos deixa sem fala. Se todo o seu «expressionismo» ges-

Augusto Boal: uma vedeta

Augusto Boal veio a Nancy, a convite do Festival do Teatro Mundial, quase sem esperar e à última hora. Apesar disso, e com perdão pela palavra, Boal tem sido uma das vedetas do Festival. Dirigindo colóquios e exercícios de técnica de expressão, Boal, que vem pela terceira vez a Nancy, foi agora convidado pela direcção do Festival a organizar um espectáculo final antológico. Além disso, Boal tem sido assediado para trabalhar em vários sítios e nomeadamente no México, onde faria um curso de um ano na respectiva universidade; Estrasburgo, para fazer um seminário de dois meses no Teatro Nacional; Palermo, para assistir a um Festival e dirigir um seminário; Florença, também para dirigir um seminário; Bélgica, igualmente para dirigir um seminário de dramaturgia e um laboratório de interpretação.

Apesar das excelentes condições que lhe têm sido propostas, e felizmente para nós, Boal pretende trabalhar em Portugal de que, aliás, é já cidadão de parte inteira.

tual — a complexidade semiótica dos seus gestos — é de uma riqueza, de uma precisão, de uma comunicabilidade incomparáveis, é na sua voz que descobrimos a gama quase infinita das suas possibilidades expressivas. Fo tem mais do que uma voz: o seu aparelho vocal é uma máquina de construir sons. Só ouvido! O primeiro espectáculo de Dario Fo realizou-se num dos teatros de Nancy com bilhetes a 25 e a 5 francos. O artista anulou o segundo espectáculo por considerar que essa distinção de preços não se justificava. Isto também define o actor e o seu espectáculo.

UMA HISTÓRIA PARA INGMAR BERGMAN

Mais uma surpresa num Festival que tem surpreendido menos do que seria de esperar. Trata-se desta vez de um grupo da cidade sueca de Malmö que apresentou no auditório ao ar livre do «Parque de la Pepinière», uma peça de um autor clássico dinamarquês: «Jeppe na Montanha ou O Camponês Metamorfoseado», de Ludvig Holberg. O espectáculo inicia-se com a exibição em paródia de alguns números de circo, com os actores tentando reconstituir um ambiente festivo de 1900. Lá estão o velho realjo, a rapariga que vende grandes caramelos, os saltimbancos e os acrobatas de feira, o mendigo, o cego, a pequena caleche. Estas mesmas perso-

Carlos Porto (enviado do "DL")

nagens vão representar logo a seguir, num pequeno espaço comicamente muito bem decorado e aproveitado, a história de Jeppe, o camponês bêbado que vivia com a mulher na flo-

mento popular de grande nível, graças a uma encenação muito inteligente e a uma interpretação homogênea e bastante correcta.

AINDA SOBRE SENHORES E ESCRAVOS

Um grupo francês — Théâtre de la Jacquerie — apresentou um espectáculo para três personagens intitulado «No Jardim de Meu Pai». Aqui são postos em questão, ao mesmo tempo, o problema do senhor e do escravo, e o problema das relações familiares. A morte do Senhor é também a morte do Pai. As duas principais personagens são dois jovens que interpretam com graça e algum talento ao nível da expressão corporal e vocal, sucessivamente s (s) senhores (es) e o (s) escravos(s). Só quando compreendem que neste mundo não devem existir nem senhores nem escravos os dois conseguem entender-se. Um dos momentos mais curiosos do espectáculo é o da viagem à Lua pela criação de um clima fantástico através da luz e da música.

DECADÊNCIA DO «ONE-MAN-SHOW»

Uma parte substancial deste Festival está a ser preenchido com espectáculos de um só actor. Devemos dizer que, de uma maneira geral, nos decepcionaram. A primeira vista, o motivo principal da nossa decepção é simples: trata-se de um equívoco a apresentação isolada de um tipo de trabalho que só enquadrado noutros trabalhos de «music-hall» poderá justificar-se. É claro que há ainda uma outra razão: para se aguentar sozinho uma cena, o actor precisa de possuir um talento de que, aparentemente, estes artistas não dispõem. O argentino Carlos Trafic apresentou um «show» que começa à maneira de Ionesco e acaba em «happening». Espectáculo provocatório de um actor que está — é evidente — apaixonado por ele próprio, é aflitivo de vazio, de falta de imaginação, de cebotismo. Para resultar este espectáculo devia provocar a indignação do público, mas este público de Nancy nem sequer se apercebe disso...

O mimo suíço Hans Schwab apresenta alguns «sketches» tão simples, tão simples, que acabam por não ser nada. Espectáculo sem interesse e chato que só por engano pode ter sido incluído no Festival.

SUPER LONDRES 2000

Viagens de 4, 5 e 8 dias a LONDRES
Preços desde **4.650.00**

Agora pode visitar, neste nosso sistema, duas cidades, tais como:

ROMA MILÃO LUGANO VIENA FLORENÇA VENEZA RIMINI

Consulte-nos sobre estas novas modalidades

CON JOLTE **BUISSON**

VIAGENS TURISMO

RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 40459-40468-560386
Telg. BUISTOUR-Telex 12762

UMA AGÊNCIA MODERNA COM 30 ANOS DE EXPERIÊNCIA

BARBEIRO

Precisa-se

Contactar com o Serviço de Pessoal do Instituto Português de Oncologia.



Pozorinii: a surpresa jugoslava

Geral

De Sekou Touré para o P.A.I.G.C.

"Posição imutável de unidade contra o imperialismo"

Uma vez mais uma agência de imprensa de países capitalistas deu o seu «contributo» para a causa ocidental tentando semear a divisão no Terceiro Mundo, nomeadamente no campo dos países mais combativos.

Desta vez foi a Reuter, sobre as relações Guiné-Bissau-Guiné Conakry tal como tinha sido, uns dias antes, a mesma agência, então bem acompanhada por outras «objectivas» centrais da informação ocidentais da informação ocidental. Noticiou-se que a República Democrática da Guiné tinha retirado o pessoal da sua embaixada em Bissau, em função de, segundo a Reuter, a Guiné-Bissau se ter recusado a expatriar emigrantes acusados de implicação na conspiração contra Sekou Touré.

É tudo mentira disseram-nos ontem mesmo de Bissau, confirmando as reservas que ontem também colocávamos à veracidade de tal notícia. Agora, há dados mais completos para se avaliar do teor da «informação» carrilada pela Reuter dos corredores diplomáticos de Dakar.

Com efeito, o último número do jornal «Nô Pinthca», de Bissau, ao relatar as cerimónias da transladação dos restos mortais de Amílcar Cabral para Bissau, informa só o seguinte:

VAN DER STOEL

OUTRA VEZ EM LISBOA

Chega no próximo dia 17 a Lisboa, em visita oficial de trabalho, o ministro dos Negócios Estrangeiros holandeses Max van der Stoel que se desloca ao nosso país para tratar de assuntos relacionados com o apoio concedido pela Holanda ao regime democrático português, nomeadamente no que se refere à entrada de Portugal para a C.E.E.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

Sede: Rua do Arco, 21 - 1.º, D. (Alcântara) LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

Ao abrigo do artigo 33.º, alínea b), convoco a reunião da Assembleia Geral Extraordinária no dia 19 de Setembro de 1976, pelas 10.00 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Adesão ao Sindicato Vertical da Indústria Alimentar, através da adesão ao Sindicato dos Trabalhadores da Panificação e Produtos Alimentares afins.
2. Deliberação face às posições já tomadas em Lisboa no dia 6 de Junho (adesão) e no Porto no dia 4 de Julho (não adesão).

Esclarecem-se todos os trabalhadores de que o plenário do dia 19 de Setembro de 1976 só anulará as posições já assumidas nos plenários regionais desde que o número de presenças seja superior à soma das presenças dos plenários anteriores e a deliberação seja tomada com uma maioria superior à dos referidos plenários regionais.

LOCAL — Instalações do INATEL em Coimbra
Rua António Granjo, n.º 6

Lisboa, 19 de Agosto de 1976

Pel'O PRESIDENTE DA MESA

Albertino Gameiro Lopes

Medeiros Ferreira categórico

"PROBLEMA DE TIMOR DIZ RESPEITO À O.N.U."

«O problema de Timor diz respeito, de momento, às Nações Unidas — afirmou ontem, à entrada para o Conselho de Ministros, o dr. Medeiros Ferreira, titular da pasta dos Negócios Estrangeiros.

Comentando as afirmações de um jornal indonésio, segundo as quais o general Moraes e Silva teria garantido que Portugal reconheceria a integração de Timor na Indonésia caso fossem libertados os militares detidos por aquele país, Medeiros Ferreira afirmou:

«Nenhuma entidade mandatada pelo M. N. E. ou, de qualquer maneira, representando o Governo português, se comprometeu ao reconhecimento, ou possível reconhecimento, do estado de integração de Timor na Indonésia».

Afirmou também o ministro dos Negócios Estrangeiros que «o próprio general Moraes e Silva nunca pôs a sua assinatura em algo que levasse ao reconhecimento pelo Estado português da integração de Timor na Indonésia».

O ministro Medeiros Ferreira sublinhou a disposição de Portugal de reconhecer qualquer decisão que venha a ser tomada pela O. N. U., «desde que respeite os princípios da descolonização portuguesa».

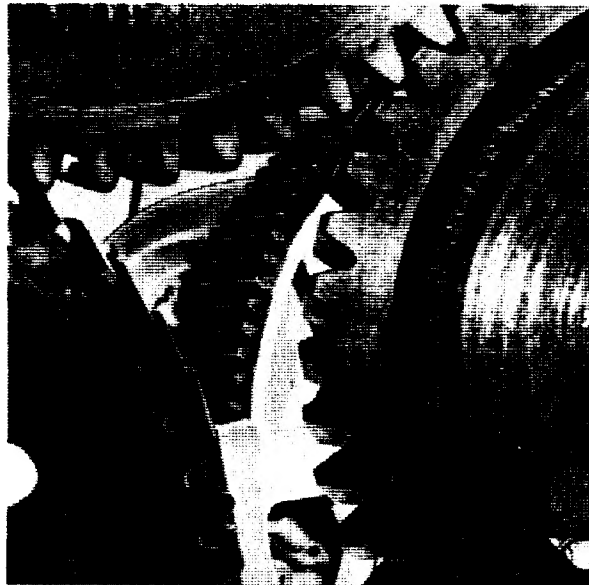
INDONÉSIA COMBATE FRETILIN

Entretanto, em Jacarta, o presidente da Indonésia, Su-

harto, afirmou que os problemas de Timor eram problemas internos da Indonésia desde o momento da integração, razão pela qual o Governo daquele país vai tentar esforços diplomáticos no sentido de o problema não ser inscrito na agenda da próxima reunião da Assembleia Geral da O. N. U.

Uma reunião do Governo da Indonésia estudou a forma de isolar diplomaticamente a Fretilin, na sequência de referências feitas a Timor-Leste no fim da reunião dos não-alinhados, que decorreu recentemente em Colombo, referências que deixaram «preocupado» o Governo de Jacarta.

quem te avisa... é preciso racionalizar os consumos de energia eléctrica



Quem te avisa, teu amigo é...

Por isso a urgência de racionalizar o consumo de energia eléctrica.
E das 8 da manhã às 11 da noite que se consome mais água para produzir energia.
Faça o possível para que a Indústria funcione fora dessas horas.
Repare: trata-se de um problema de transferência das horas de funcionamento.

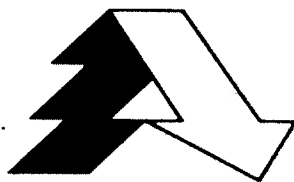
Não é verdade?

Quem te avisa, teu amigo é...

E só assim se poderão evitar medidas que a todos prejudicam.
Sabemos que nos compreendem!

Agora é só colaborar...

poupe hoje para ter amanhã



Trabalho

NOVA LEGISLAÇÃO DO TRABALHO

O Governo pretende afastar participação organizada dos trabalhadores

— denuncia a Intersindical

«O Secretariado da Intersindical Nacional condena severamente mais esta decisão governamental contrária aos direitos dos trabalhadores e manifesta o firme propósito de tudo fazer para que seja cumprida a Constituição, respeitada a Assembleia da República, e garantida a efectiva participação dos trabalhadores na elaboração das leis do trabalho» — afirma-se numa nota da Intersindical, em que toma posição sobre uma nota do Ministério do Trabalho ontem divulgada e relacionada com nova legislação do trabalho e formas de participação dos trabalhadores na elaboração dos diplomas que lhes dizem respeito.

Depois de ter assinalado, no início do seu comunicado, que esta nota oficiosa surge na sequência do discurso do dr. Mário Soares, em que «anuncia a preparação de graves medidas, cujo objectivo é o de dar concretização aos projectos de recuperação capitalista», a Intersindical afirma: «A prática seguida pelo Governo, o discurso do Primeiro-Ministro e as declarações públicas do ministro do Trabalho, fornecem infelizmente indicações seguras de que se pretende legislar contra os interesses, direitos e conquistas dos trabalhadores, que não se hesita em violar a Constituição, pretende-se limitar ainda mais o direito de contratação colectiva, facilitar os despedimentos sem justa causa, impedir a segurança de emprego através da generalização dos contratos a prazo, permitir a reintegração dos fascistas nas empresas, devolver ao patronato empresas que os trabalhadores salvaram da sabotagem económica, etc.»

No entender da Intersindical, a participação dos trabalhadores na elaboração da legislação que lhe respeita directamente «só corresponderá ao imperativo constitucional se for reconhecido que nenhuma lei sobre os direitos dos trabalhadores poderá ser promulgada contra o desacordo expresso dos trabalhadores manifestado através da estrutura sindical».

PAZ CURTO PARTICIPAÇÃO DESORGANIZADA

No mesmo documento, a Intersindical argumenta que com

a sua nota oficiosa o ministro do Trabalho «pretende afastar a intervenção organizada dos trabalhadores sempre que seja o Governo a tomar a iniciativa de elaborar leis do trabalho».

E prossegue: «Não admira, pois, que o Ministério do Trabalho apele a uma participação desorganizada, divisionista, completamente à margem da estrutura sindical, para

impedir que se realize a unidade dos trabalhadores sobre o conteúdo da legislação do trabalho a reivindicar perante os órgãos do Estado.»

Segundo a Intersindical, o reconhecimento da parte do M. T. de que o patronato tem o direito que só aos trabalhadores reconhece tal direito. «Destemodo», acrescenta, «o próprio Governo dá lugar à violação da autonomia dos sindicatos perante o patronato, ao permitir que este interfira no exercício dos direitos que só aos trabalhadores pertencem.»

Depois, refere a Central Única dos Trabalhadores, tem de ser referido o prazo «deliberadamente curto de 15 dias para as organizações de trabalhadores se pronunciarem sobre oito

projectos de tão grande importância, cujo texto aliás, nem é dado a conhecer, que é demonstrativo da nula eficácia que o Governo reserva a participação dos trabalhadores».

Deste modo, afirma o Secretariado da Intersindical, «o Governo procura criar um grave precedente a partir do qual ficarão em perigo os principais direitos dos trabalhadores e as suas organizações».

Da análise resulta a afirmação da parte daquele organismo, de que «não deixará de defender a participação efectiva dos trabalhadores na elaboração das leis do trabalho, através da estrutura sindical e com proibição total de consulta ao patronato».

Sobre a "nota oficiosa"

"Era a única fórmula"

— afirmou Marcelo Curto

O ministro do Trabalho, dr. Marcelo Curto, referiu-se, ontem, à entrada para o Conselho de Ministros, à participação dos trabalhadores na revisão ou alteração das leis do trabalho. Afirmou: «É como os trabalhadores quiserem, por sindicatos, por federações, Intersindical. Nós não nos imiscuimos nisso».

Mas, imediatamente depois, sobre as críticas da Intersindical ao discurso do Primeiro-Ministro, Marcelo Curto afirmaria que se trata de uma linha partidária, «uma linha ligada ao P. C.», e que acha que as críticas da Intersindical «não têm fundamento, que são processos de intenção».

Antes, Marcelo Curto tinha

referido que «dado a questão sindical não estar completamente esclarecida e dado ainda que é necessário ouvir as comissões de trabalhadores

que não estão unificadas, achamos que era a única fórmula de fazer participar os trabalhadores na elaboração

da legislação». Referia-se ao processo anunciado na nota oficiosa do Ministério do Trabalho ontem divulgada.

Sobre a revogação da Lei da Unidade Sindical, ainda à entrada do Conselho de Ministros, referiu que «é uma proposta de lei que nós apresentaremos à Assembleia da República. A consulta será feita nos termos que a Assembleia decidir».

Europeia recusa administrador do Estado

Os trabalhadores da Companhia Europeia de Seguros (zona Sul), reunidos em Assembleia Geral no passado dia 6, decidiram rejeitar qualquer nomeação para o cargo de administrador da parte do Estado naquela empresa.

A decisão foi tomada tendo em consideração que a percentagem de capital estatizado (0,82 por cento) «não justifica a presença de qualquer administrador, porque os elevados honorários que esse elemento iria usufruir para além de serem superiores aos benefícios provenientes da parcela que representaria, constituiriam uma despesa que não se enquadrava nas medidas de austeridade preconizadas pelos

órgãos governamentais».

A reunião efectuou-se na sequência de uma outra solicitada pelo secretário de Estado do Tesouro, com representantes da Comissão de Trabalhadores da «Europeia», para os consultar sobre a nomeação para aquele cargo.

Os trabalhadores defendem, de acordo com as deliberações tomadas na referida Assembleia Geral, «que devem ser asseguradas pelo Governo medidas concretas que possibilitem aos seus órgãos representativos, as comissões de trabalhadores, um efectivo controlo e fiscalização da gestão, como forma de vigilância na defesa dos interesses globais das classes trabalhadoras».

NOTA OFICIOSA

Do Ministério dos Assuntos Sociais recebemos para publicação a seguinte nota oficiosa, respeitante a um movimento de trabalhadores dos T. L. P. que exige a administração directa das Caixas de Previdência:

«Está a ser levada a cabo em certos meios de trabalhadores dos T. L. P., dominados por agitadores esquerdistas, uma campanha criminosa de sedição que, em nome de um pretensão «controle» operário sobre a Previdência, ou seja, a administração directa das Caixas de Previdência pelos «próprios» trabalhadores através dos seus órgãos de vontade popular», exige a revogação imediata do Decreto-Lei n.º 784/75, de 31 de Dezembro, que ordenou depósito à ordem da Caixa Nacional de Pensões das contribuições das Caixas Sindicais de Previdência e das Caixas de Previdência com entidade patronal contribuinte.

Por parte dos mentores desta agitação, encara-se esta campanha como de «luta contra a burguesia» e promete-se proceder directamente à aplicação proletária dos dinheiros segundo a vontade dos beneficiários», expressa, necessariamente, em plenários e assembleias selvagens tempestuosas.

Realizou-se uma conferência de imprensa, de que a própria RTP se fez eco nos seus noticiários, com afirmações falsas ou tendenciosas, sem sequer se dar ao trabalho de solicitar junto deste Ministério as confirmações ou esclarecimentos necessários. Distribuíram-se profusamente folhetos e folhas volantes e convocou-se, para quarta-feira, dia 15 de Setembro, um «plenário para tomar medidas visando a luta pela revogação do Decreto-Lei n.º 784/75».

Em face de toda esta campanha sediciosa, que recai sob a alçada do Código Penal, porque incita à desobediência colectiva a leis de interesse e ordem pública, com a força que lhes advém dos princípios consignados na Constituição da República e de se integrar no Governo Constitucional em cujo programa está bem consignada uma política democrática que visa a construção de uma sociedade socialista, o

Ministério dos Assuntos Sociais vem advertir os incautos para que se não deixem arrastar para formas selvagens e manipuladas de luta e esclarecer que:

a) Está sempre aberto a todas as modalidades de crítica honesta e construtiva que lhe sejam dirigidas através dos órgãos próprios e representativos, que são os estabelecidos pela legalidade vigente;

b) A construção de um sistema integrado de segurança social é uma exigência de justiça social e do facto de que são cada vez menos as empresas, mas o povo, em geral, que paga os encargos com a Previdência, no corrente ano, é deficitária em cerca de 12 milhões de contos;

c) Não se pode admitir o feudalismo corporativo que se traduziria em cada empresa, grupo de empresas, sector ou ramo de actividade autodecretar os benefícios que entenda, criando-se assim injustiças e restantes desigualdades na Previdência, com privilégios gritantes para uns e carências enormes para outros;

d) A extensão dos benefícios e o alargamento da segurança tem sido uma constante de todos os Governos posteriores ao 25 de Abril e serão intensificados pelo actual Governo Constitucional, sendo a agitação em curso uma acção de sabotagem a esta acção;

e) No que interessa às Caixas de Previdência, já foram tomadas providências pelo secretário de Estado da Segurança Social, através da Caixa Nacional de Pensões, para que os depósitos de contribuições só se façam no excedente das dotações necessárias à satisfação das despesas de cada mês (segundo o que está regular e legalmente estabelecido mas sem que a cada uma das caixas seja dada a faculdade de fazer aplicações de dinheiros ilegais ou anti-regulamentares), processando-se assim os pagamentos dos benefícios como no sistema anterior;

f) O Decreto-Lei n.º 784/75, de 31 de Dezembro, não será revogado, o Governo não cederá a pressões ou intimidações e fará respeitar, inextinguivelmente, a legalidade democrática.»

MÉDICOS

DAS
ESPECIALIDADES DE

OFTALMOLOGIA
ESTOMATOLOGIA
ORTOPEDIA
RADIOLOGIA

Admitem-se nos quadros médicos da CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DO FUNCHAL candidatos das especialidades acima enunciadas, aos quais se oferecem as melhores condições de trabalho e de remuneração, bem como as inerentes regalias sociais.

Os interessados deverão, para o efeito, apresentar as suas propostas à Comissão Administrativa da Instituição em referência, sita à Rua do Bom Jesus, 13 — Funchal.

Funchal, 8 de Setembro de 1976

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

SINDICATO DOS PROFESSORES

DA GRANDE LISBOA

COLOCAÇÕES

PLENÁRIOS DISTRITAIS

Convocam-se todos os professores dos respectivos distritos para plenários com a seguinte ordem de trabalhos:

— Análise da recente legislação sobre colocações de professores do ensino primário CPES e Secundário.

SETÚBAL

LISBOA

SANTARÉM

DIA: 4.ª-feira dia 15

HORA: 21.30 horas

LOCAL:

Ginásio Liceu Nacional

DIA: 5.ª-feira dia 16

HORA: 21.30 horas

LOCAL:

Aula Magna Reitoria

DIA: 6.ª-feira dia 17

HORA: 21.30 horas

LOCAL:

Ginásio Esc. Com. Ind.

A DIRECÇÃO

Trabalho

ONTEM, EM COIMBRA

"Carta aberta" ataca a Inter e mantém pontos de clivagem

Reunidos em torno do grupo da Carta Aberta, cerca de meia centena de sindicatos reafirmaram nos dois últimos dias em Coimbra, a sua incompatibilidade com os princípios que norteiam a organização do próximo Congresso de todos os sindicatos, decidida em Lisboa no passado dia 4 por 194 organizações sindicais representando cerca de um milhão e 400 mil trabalhadores portugueses.

Num clima de debate caracterizado por críticas acerbas ao Secretariado da Intersindical e à Central Única, os sindicalistas presentes em Coimbra insistiram no princípio da paridade como forma de constituir

a comissão organizadora do Congresso, que caracterizam como democrático. Assim, exigiram que nela «participem, sem discriminação, todas as linhas sindicais com expressão no actual movimento sindical português, recusando-se a reconhecer a comissão nacional organizadora provisória (CNOP) já existente.

A diversidade dessas linhas, para a comissão da Carta Aberta, polariza-se em torno de dois sectores, que, em seu entender, deverão estar representados paritariamente na comissão organizadora do Congresso: o dos sindicatos defensores da unidade e o dos defensores da unidade. Tal distinção,

carece, no entanto, de qualquer base científica, e a sua aplicação revelar-se-ia irrealista — tem invocado o conjunto do movimento sindical.

Na verdade, como entre os sindicatos da Carta Aberta se encontraram a maioria dos defensores da unidade (linha afecta ao P.S., P.P.D., etc.) e alguns defensores da unidade (linha afecta ao M.R.P.P.), a aplicação do princípio da paridade levaria obviamente à hegemonia da linha de Coimbra, francamente minoritária no conjunto do movimento sindical e na representação dos trabalhadores portugueses.

Isso não impede que os sindicatos de Coimbra, por sugestão dos Ourives do Sul, Telefonistas de Lisboa, e Caixeiros de Leiria (entre outros sindicatos subscritores da proposta ontem aprovada) afirmem a intenção de não permitir que a comissão organizadora do Congresso «seja maioritariamente controlada por qualquer forma política ou linha sindical».

O encontro de Coimbra (o quinto), realizado, mais uma vez, independentemente dos trabalhos de organização do

Congresso, que já estão em curso sob orientação de uma comissão organizadora provisória da qual os sindicatos da Carta Aberta se recusaram a fazer parte, deliberou insistir nos pontos de clivagem preexistentes, nomeadamente:

— exigir que «todas as fases de preparação do Congresso de todos os sindicatos para a unidade decorram em completa abertura à imprensa»;

— Protelamento do Congresso, invocando a necessidade de «prazos que garantam a sua democracia e possibilitem a ampla discussão de todos os trabalhadores em todas as questões»;

— Considerar a Intersindical como «factor de cisão»;

— Não reconhecimento da CNOP;

— É o já referido princípio da «paridade».

Dado o teor do documento então aprovado (que, segundo um porta-voz da CNOP, não só é insultuoso para esta comissão, para a Central Sindical e o seu Secretariado, como para os próprios trabalhadores), é de esperar, nas próximas horas, a divulgação de uma posição crítica da comissão organizadora do Congresso.

CONSERVAS

Nova tabela salarial ficará pronta amanhã

Encontra-se em fase bastante adiantada o estudo do clausulado regulamentador das relações colectivas de trabalho na indústria conserveira. A elaboração da tabela salarial (um dos pontos mais controversos) deverá ficar concluída amanhã, no decurso de nova reunião da respectiva comissão técnica, que engloba representantes das comissões negociadoras sindical e patronal, do Ministério do Trabalho e da Secretaria de Estado das Pescas.

A comissão debruçar-se-á sobre um estudo elaborado pelos serviços técnicos do Ministério do Trabalho, os quais, com base em índices do aumento do custo de vida, sugere três propostas alternativas de tabela salarial.

Destas, a mais favorável para os trabalhadores, coincide com a proposta sindical, prevê, designadamente, os vencimentos mensais de 5700 escudos para as operárias (cerca de 87 por cento dos trabalhadores do sector) e de 7500 para os operários conserveiros (cerca de oito por cento). Nas restantes propostas estes valores são de 5100 e 5300 escudos, para as primeiras, e de 6900 e 7100, para os segundos.

No caso de serem aceites aqueles valores, a oneração do custo final do produto (conservas), devido ao aumento do custo da mão-de-obra, seria extremamente modesta, sendo amplamente coberta, por exemplo, pelo subsídio à exportação já existente.

A regulamentação colectiva de trabalho para o sector conserveiro deverá, assim, completar-se brevemente, depois de longos meses de boicote das entidades patronais, que levaram a greves e à retenção do produto nas fábricas por parte dos trabalhadores, cujos salários são manifestamente desadequados ao elevado custo de vida actual.

O recurso à via administrativa permitiu superar o impasse, destinando-se o trabalho da comissão técnica constituída para o efeito à publicação de uma portaria de regulamentação de trabalho que substituirá o C.C.T. que o patronato se recusou sucessivamente a negociar.

A regulamentação beneficiará os cerca de doze mil trabalhadores do sector, que se encontram distribuídos por 112 fábricas, de Norte a Sul do País.

Plenário dos T.L.P. debate Previdência

Os trabalhadores dos T. L. P. reúnem-se em plenário, hoje, às 18 horas, na cantina norte da empresa, para tomarem «posição face à tentativa do Governo levar à prática o Decreto 784/75» que, de acordo com declarações com um dos elementos da comissão de trabalhadores, «visa a concentração, na Caixa Nacional de Pensões, dos descontos feitos à Previdência» e «é uma

lei fascista, pois centralizar dinheiro é capitalizar».

De acordo com as declarações do mesmo elemento, o controlo operário é a solução para os problemas da Previdência, razão porque «os descontos à Previdência se encontram depositados e, de cerca de vinte mil contos, apenas têm sido remetidos à Caixa Nacional de Pensões os habituais de cinco mil contos».

PUB

SINDICATO DA INDÚSTRIA

METALÚRGICA DO DISTRITO DO PORTO

Moção sobre o Congresso dos Sindicatos

Os delegados sindicais do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto, reunidos em 8/9/76, considerando a importância de que se reveste o Congresso dos Sindicatos para a defesa dos interesses dos trabalhadores, resolveram o seguinte:

1 — Apoiar as decisões do Encontro Nacional de Sindicatos de 4/9/76, convocado pelo Secretariado da Intersindical, que reuniu 167 sindicatos num dos maiores encontros do Movimento Sindical Português, importante vitória no caminho da unidade e clara derrota para aqueles que tudo fizeram para diminuir a importância deste Encontro.

As resoluções tomadas, designadamente a formação de uma Comissão Organizadora Provisória do Congresso largamente unitária e a abertura de um período de debate com os trabalhadores, dentro da organização sindical, sobre o conteúdo do regulamento do Congresso, são um importante contributo para a realização do Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses para reestruturação da Intersindical — Central Única dos Trabalhadores Portugueses, para o reforço da unidade do Movimento Sindical Português.

2 — Os trabalhadores metalúrgicos, que ainda durante o fascismo deram um contributo decisivo para a criação da Intersindical Nacional, continuarão hoje na primeira linha do combate pela unidade do Movimento Sindical Português, pela defesa dessa grande conquista de todos os trabalhadores portugueses que é a existência de uma única Central Sindical.

Num momento em que dirigentes da C.I.P. (Confederação Única do Patronato) defendem a necessidade de conter os sindicatos e se mostram tão preocupados com a democracia nos sindicatos, em que o patronato arrasta e boicota as negociações e o cumprimento dos C.C.T., enquanto aumenta o custo de vida e a direita tenta novas medidas lesivas dos interesses dos trabalhadores, «os trabalhadores têm de estar unidos, o Movimento Sindical não pode ser dividido».

A unidade sindical (unidade do Movimento Sindical expressa na lei e consequente proibição da constituição de sindicatos paralelos) é uma importante conquista dos trabalhadores. Ela permite impedir que por iniciativa do patronato ou de qualquer grupo ou partido, se venham a constituir por, por exemplo, vários sindicatos metalúrgicos no distrito do Porto, com a consequente divisão e enfraquecimento dos trabalhadores face ao patronato, que teria as mãos livres para despedir e explorar ainda mais.

3 — Dimanizar a discussão pelos trabalhadores metalúrgicos dos problemas relacionados com o Congresso dos Sindicatos, designadamente a análise do projecto de regulamento, de modo a permitir uma larga participação dos trabalhadores na preparação do Congresso. É no debate franco e aberto no seio das suas organizações sindicais, que os trabalhadores resolvem as suas divergências, fortalecem a sua unidade.

Por isso, apelamos também às direcções sindicais que ainda recusam o diálogo no seio do Movimento Sindical sobre o Congresso, para se juntarem à grande maioria dos sindicatos que lutam por um Congresso de Todos os Sindicatos para a Reestruturação da Central Única dos Trabalhadores, se o não fizerem, assumirão perante os trabalhadores a responsabilidade histórica de contribuírem para a divisão dos trabalhadores e do Movimento Sindical, grande aspiração do patronato.

A DIRECÇÃO

Este ano vamos estudar a sério

“E o melhor é começar cedo, mesmo antes de começarem as aulas. Com método. E a primeira coisa a fazer é dar uma vista de olhos pelo material, ver o que nos faz falta e é mesmo preciso comprar.”



Nós podemos dar uma ajuda. Nas nossas secções de material escolar temos tudo o que é essencial.

Material Escolar

Pão de Açúcar
NUTRIPOL
A.C. SANTOS

Nacional



Timex um caso exemplar da boa-vontade do grande capital em colaborar com «a democracia portuguesa»...

«Chegar-se-á a um Governo de Salvação Pública que incluirá socialistas moderados e liberais do PPD (...) e a economia de mercado será, certamente salvaguardada, qualquer que seja o reformismo dos dirigentes». Assim prevê Danielle Hunnebell, responsável pela «Lettre Internationale» — uma espécie de boletim de informações dos grandes magnates do mundo capitalista editado em Paris — o futuro económico e político do nosso País, revelando, simultaneamente na sua extensa análise, (de que publicamos hoje largos excertos) a medida exacta do interesse e «compreensão» que o capital internacional tem para com Portugal.

Neste número de Agosto de «Le Lettre Internationale», praticamente dedicado a Portugal, são ainda referidos os principais investidores estrangeiros, os investimentos externos por país, o código de investimentos estrangeiros um artigo sobre o tema «quem controlará a gestão?» e extractos de uma entrevista com Jacinto Nunes, antigo governador do Banco de Portugal e, actualmente administrador-geral da Caixa Geral de Depósitos. Desta entrevista publicamos hoje alguns excertos que poderão juntamente com a «análise» de hoje de Danielle Hunnebell contribuir para um maior esclarecimento dos nossos leitores (e não só) sobre as reais intenções o capital interno e externo, quanto ao desenvolvimento económico e político do nosso País.

Seguido com fascinação durante dois anos por todo o mundo — escreve Danielle Hunnebell — o «happening» português termina... Hoje fazem-se contas... O Tesouro, divisas, ouro «amorosamente» acumulados por Salazar não está, felizmente, totalmente delapidado. Acho que a explosão marxista, fulgurante, ingénua, que se apoderou do País por surpresa terminou e não vai reproduzir-se. Portugal vai entrar de novo na ordem sob o olhar vigilante dos militares moderados dispostos a jogar, tanto quanto possível, o jogo da democracia política.

«No que diz respeito a negócios, as oportunidades abundam. Comprem-se tardarças e terrenos para construção — nenhuma restrição para os estrangeiros... Não se deixe hipnotizar com a possível desvalorização do escudo: as divisas estrangeiras são muito procuradas e a inflação continua.

Coloque o seu dinheiro no turismo que pode ser amanhã, como o foi ontem, em Espanha, a indústria n.º um.

Criem fábricas individuais ou um projecto conjunto.

«Participem no desenvolvimento de empresas apesar de um clima social que não estará pronto antes de vários meses. A proporção de capital estrangeiro na indústria portuguesa — muito elevado antes da revolução — será um factor determinante da expansão... E este país encontrará de novo, penso eu até 1978, uma taxa

anual de crescimento de, pelo menos 6 por cento.

O mais pobre e atrasado dos países europeus, depois de ter sido há quatro séculos o mais rico graças à conquista de um imenso império colonial (Brasil, África, Goa) recentemente agitado pela liquidação difícil dos territórios africanos, o fim de uma ditadura de quase meio século e a tentativa de assalto ao poder por uma minoria de extrema-esquerda militar-civil, Portugal, país onde um habitante em cada quatro emigra para subsistir, compensa a falta de matérias-primas com uma excelente posição geográfica, a habilidade comercial e a coragem de 9 milhões de habitantes sóbrios, realistas e simpáticos».

«ÓPTIMO AGENTE» ENTRE ANGOLA E EUROPA

A articulista pormenoriza, entretanto as oportunidades de investimento:

«A barafunda terá perturbado a economia? Menos do que muitos julgam. Claro que o escudo, dantes moeda forte, enfraqueceu (1 dólar - 31\$00)... e a desvalorização chegará em 1977 a 25/30 por cento. O desemprego, 15 (?) por cento da população activa, aumenta constantemente, ajudado pela queda brutal da emigração e o reflexo de quase um milhão (?) de refugiados de África,

que tomaram o lugar dos turistas nos hotéis».

«Os portugueses que trabalham no estrangeiro hesitam mandar os seus dinheiros privando assim o Banco de Portugal da sua principal fonte de divisas. Por fim a taxa de investimento, privado e público, caiu gravemente o ano passado (ler a conversa junta com o influente ex-governador do Banco de Portugal, Jacinto Nunes)».

«Exagerou-se a importância dos elos com o Brasil (talvez porque nos 130 milhões de portugueses do mundo inteiro, 105 milhões são brasileiros) mas eu aconselharia vivamente os brasileiros a não perder a ocasião e a investir em Portugal».

Quanto às antigas colónias, acho que certos refugiados poderão regressar e que Portugal será um ótimo agente entre a rica Angola, preocupada em se desenvolver com rapidez, e os ocidentais, em especial os americanos (apesar de certas aparências enganadoras). Mesmo que a instabilidade ainda se mantenha durante alguns meses, Portugal será, daqui por 15 anos, um entreposto activo talhado segundo o modelo da Holanda ou da Dinamarca.

«Repare que na altura máxima das nacionalizações (45 por cento da produção está hoje nas mãos do Estado) ninguém tocou nos bens estrangeiros, à excepção de alguns latifúndios e de episódicos aborrecimentos da ITT com os sindicatos. (Os accionistas suecos e holandeses dos mui-

PARA O CAPITALISMO INTERNACIONAL

Portugal já é negro

40 por cento do capital, não foram incomodados. Os três bancos estrangeiros, Bank of London and South America, Crédit Franco Portugais e Banco do Brasil, escaparam à nacionalização dos Bancos.»

Uma companhia portuguesa em cinco tem actualmente uma participação estrangeira (o que representa mais de 200 mil empregados) Fiquei impressionado com o optimismo dos «antigos», Siemens, que aumenta os seus investimentos, Hoechst (igualmente em expansão se bem que isto seja confidencial), Saint-Gobain-Pont-à-Mousson, etc.

«RED CARPET»

«Quem colaborar na arrancada do país terá direito ao «red carpet» (tratamento preferencial) — prossegue o articulista — alguns setores, bancos, seguros, publicidade, etc. serão interditos aos estrangeiros. Um código dos investimentos estrangeiros, recentemente publicado, num espírito de cooperação fixa os vossos direitos e deveres».

«Criem exportações... substitutos para a importação... empregos (o operário português, em tempo normal é dos melhores da Europa). Aproveitem as vantagens dos novos créditos dados à exportação e que podem comportar fundos de maneio. A Sorefame (Alstom) serviu-se desses créditos para exportar para a Venezuela, o Chile e o México. Pormenor importante: os créditos podem ser directamente entregues ao comprador estrangeiro. Entre as indústrias base, são de salientar: produtos químicos, adubos, acessórios eléctricos, equipamentos vários, indústrias alimentares.»

«Examine as várias oportunidades de «joint ventures» (projectos conjuntos de investimento) que deverão surgir dentro de 12 meses. Umas 600 empresas foram salvas da falência graças à «intervenção» do Estado... Em contrapartida este nomeia os seus representantes para os conselhos de administração. Ou as empresas reembolsam os empréstimos e retomam a autonomia, ou afundar-se-ão em 1977. Com um auxílio estrangeiro de capital ou com ajuda técnica, muitas delas serão perfeitamente viáveis e lucrativas.

«Não esqueçam os contactos com o sector público... pois julgo que dentro de alguns meses, o Governo vai autorizar as empresas nacionalizadas a aceitar participações estrangeiras... Experimentem com a Petroquímica (Sines ou com a Siderurgia.»

«Dentro de três anos Portugal construirá a sua primeira central nuclear (650 mW). Se forem adoptados os reactores Westinghouse, a França estará na corrida... mas ainda não se sabe qual o país que decidirá

propor os fundos necessários. Logo que a situação económica o permita, o Governo investirá nas telecomunicações... de momento os telefones e os telex, sempre com avarias, não consentem qualquer esforço de modernização.»

GOVERNO PPD/PS

«Apesar das ocupações de fábricas, dos plenários, do absentismo, da quebra de um tos «vermelhos» estaleiros navais da Lisnave, que possuem quarto da produtividade, dos excessos de consumo (a gasolina mais cara do mundo é gasta sem conta nem medida), das falências, do êxodo dos técni-

cos e funcionários (o Tesouro ainda está a colectar os impostos de 1974) a máquina nunca parou e o Produto Nacional Bruto voltou aquilo que era em 1970.»

«As reservas em divisas esvaíram-se e 35 por cento do ouro (e não 25 como dizem as fontes oficiais) foi empenhado, mas o que sobra ainda está perto dos dois milhões de dólares (60 milhões de contos). A dívida externa atinge os 935 milhões de dólares e Portugal não poderá emprestar mais nada para financiar o défice crónico da sua balança de pagamentos (1000 milhões de dólares em 1976...). Mas os EUA, a RFA e numerosas instituições, oferecem a Lisboa enormes empréstimos em «cash» para financiar os projectos industriais.»



Uma central nuclear em Portugal, como fonte abundante de lucro nomeadamente dos E. U. A. e da Fra

NAL

Ócio

«O relançamento da economia vai depender da boa vontade dos sindicatos. Penso que o Partido Comunista de Álvaro Cunhal batido eleitoralmente (7 por cento dos votos) mas maioritário entre os operários, não se arriscará a provocar, por sabotagem sistemática, o regresso de uma ditadura que, desta vez, seria militar.»

«Como a inflação (25/30 por cento este ano) continua a galopar, o congelamento dos salários será irrealizável (apesar dos aumentos de 35 por cento, o mínimo mensal ainda está nos 130 dólares...). **A prova de força situar-se-á ao nível do controlo das fábricas...** Apesar da vontade de o legislador restituir o poder aos chefes de empresa e restaurar o direito de despedimento, os sindicatos farão obstrução.»

«A firmeza política será o teste governamental. Mário Soares (51 anos, chefe do Partido Socialista vencedor, mas minoritário, com 35 por cento dos votos, antigo advogado, intelectual generoso) não terá, provavelmente a força necessária. **Chegar-se-á a um governo de salvação pública que incluirá socialistas moderados e liberais do PPD, partido liberal dirigido pelo muito competente Francisco Sá Carneiro.**»

«Os militares serão os árbitros... Depois do fracasso do popular e folclórico Otelo de Carvalho, o Conselho da Revolução é dirigido não mais pelos jovens marxistas, mas por oficiais superiores, de tendência social-democrata.»

O FUTURO NA CEE...

Mais adiante, e após referir a ligação do nosso país à NATO, Danielle Hunebelle Sublinha: «mas o futuro de Portugal é com a CEE... Parece estar fora de dúvida que este país que adquiriu, graças à sua revolução pacífica e risonha, um imenso capital de popularidade através do mundo, se transforme numa ditadura repressiva... **A economia de mercado será certamente salvaguardada**, qualquer que seja o reformismo dos dirigentes.»

«O acesso à Europa será facilitado pelo chanceler Schmidt ou pelo seu sucessor: **a Alemanha é simultaneamente o maior investidor e o maior exportador para Portugal.**»

«Apesar do papel militar dos Açores já não ser primordial para a aviação americana, os Estados Unidos vão aí desempenhar um papel activo... Nenhum «lobby» antiportuguês se levantará no Congresso, o Governo de Lisboa terá, em breve, de novo, assento no comité nuclear da NATO, e os investimentos americanos afluirão, preocupados em eliminar o espectro de uma nova 'democracia popular'.»

«No que diz respeito às relações especiais, Portugal aproximar-se-á cada vez mais da Espanha, no esforço comum destes dois países de fazer parte da Comunidade... Em breve deixará de haver Pirenéus.»

«**Se estiver interessado, concentre-se nos bens de equipamento...** O luxo estará proibido durante vários anos.»

«**Em Sines, onde se despendem mil milhões (ou um bilhão?) para construir não só um enorme complexo petroquímico, destinado a transformar o petróleo bruto em fibras sintéticas e vestuário, mas também uma vasta zona industrial bem servida (actualmente trabalham lá 10 mil operários), há numerosas oportunidades, e, eventualmente, lugar para uma fábrica (um consórcio de bancos franceses, com o Indosuez à cabeça, emprestou já 300 milhões para a refinaria).**»

«**Serão necessários também**

equipamentos para a expansão do complexo siderúrgico na Maia e no Seixal... Pechiney, atraída pela electricidade barata, construiu uma fábrica de ferro-manganésio em Setúbal, perto de Lisboa, mas sofre enormemente com os frequentes cortes de corrente.

ESTALEIROS E TURISMO

«Logo que o desemprego diminua, a indústria têxtil do Porto (segunda cidade a seguir a Lisboa) precisará de modernizar o seu material... Os estaleiros navais Lisnave e agora o seu complemento, Setenave, fornecem mais de 5 por cento das entradas de divisas... Prevendo que mesmo depois do alargamento do Canal Suez, os petroleiros de 500 mil toneladas deverão ser desviados pelo Cabo, e vendo por aí um meio de continuar a concorrer com a FOS, os portugueses aumentarão a capacidade de reparação desses estaleiros.»

«**Vão construir-se igualmente fábricas de adubos...** Mas devido ao desemprego, a mecanização em grande dos campos cerealíferos do Sul será guardada para mais tarde.»

«**A distribuição que ainda se faz de burro em Lisboa** — leite, carne, fruta, apodrecem, enquanto o País importa 50 por cento dos produtos alimentares — exigirá o fornecimento



«La Lettre Internationale» aconselha vivamente os capitalistas estrangeiros a investirem no sector electrónico. Dá lucro...

urgente de material para acondicionamento, refrigeração, balanças, fábricas de conservas, etc.»

«Explore as possibilidades turísticas ainda ilimitadas, no Algarve perto de Lisboa (a Costa da Caparica está quase virgem). Tudo se reúne para

atrair os que estão em férias: areia, água limpa, câmbio favorável, proximidade das cidades europeias.)»

«**Não deixe de prestar atenção aos Açores nem à Madeira...** O PPD (Partido Popular Democrático) que reina nos Açores favorece muito espe-

cialmente os investimentos estrangeiros. Em Lisboa, vá ao Sheraton... O Ritz, que é agora uma 'cooperativa', está parcialmente invadido de refugiados de Angola... Almoce na 'grill' do Tivoli... Encontrará peixe excelente em Batel, perto de Cascais...»

Presidente da Caixa Geral de Depósitos:

"Sector privado começa a recuperar"

Extractos da entrevista ao dr. Jacinto Nunes, antigo governador do Banco de Portugal e actual presidente da Caixa Geral de Depósitos:

P — Será que Portugal vai finalmente conhecer a estabilidade política?

R — Ainda não. As dificuldades económicas, os problemas sindicais pesam sobre o futuro imediato, o que vai embarçar seriamente o Partido Socialista no poder.

P — Não confia no actual governo para exercer toda a firmeza necessária?

R — Não. O sr. é partidário do congelamento de salários?

R — Claro que seria necessário. Mas como o impor? Temos necessidade dum consenso social. E se as altas de salários forem inevitáveis, como podemos impedi-las de agravar a inflação? O problema não é económico nem sequer social, é político.

P — A nova lei sobre o controlo de gestão vai restituir o poder de decisão aos administradores?

R — Creio que sim, mas a curto prazo será difícil de aplicar. E preciso passar um certo tempo para se abandonarem certas práticas às quais os trabalhadores estão habituados há dois anos a esta parte. Nada disto é ainda preciso, os regulamentos não são claros.

P — A economia de mercado vai ser mantida em Portugal?

R — Sim, creio que sim. Qual é a taxa actual de inflação?

R — 25 a 30 por cento. E não 50 por cento como alguns pretendem.

P — Essa taxa vai aumentar?

R — Um pouco, sim. Como não poderão diminuir-se os salários, as empresas elevarão os preços para

reencontrarem lucros. Como hoje se considera inconveniente a produtividade, será necessário algum tempo para remar contra a maré.

P — De todos os problemas económicos, qual é o mais grave?

R — O desemprego: 15 por cento da população activa está desempregada. No que se refere aos investimentos não vejo como poderão eles alcançar o nível necessário na presente situação. O governo controla uma larga parte da economia, graças às nacionalizações, mas ainda não organizou a gestão. Os administradores das empresas públicas, absorvidos pelos problemas quotidianos, não têm nem poder nem directrizes que lhes permitam proceder aos investimentos.

Muitas sociedades em défilé não podem sequer autofinanciar-se. «Em compensação o sector privado começa a recuperar. Esforça-se por obter garantias governamentais e uma nova definição clara das regras de jogo. Até aqui ignorava o que lhe ia acontecer, portanto, não era incitado a investir. Segundo as estatísticas, 10 por cento do PNB seriam actualmente consagrados ao investimento: uma taxa de 6 a 7 por cento está mais de acordo com a realidade.

P — Qual a taxa de investimento desejável no país?

R — 15 por cento do PNB a curto prazo, pelo menos 20 por cento a médio prazo. Há alguns anos a taxa elevava-se a 18-20 por cento.

P — Quanto tempo levará a economia a arrancar de novo?

R — Se as coisas forem conduzidas como deve ser, talvez a partir de Outubro próximo.

P — Nesse momento, que taxa do PNB será de esperar?

R — A princípio, o crescimento será lento, depois acelerar-se-á. O PNB desceu em queda livre no ano passado. As estimativas variam entre os 3 e os 15 por cento. A taxa real deve situar-se entre estes dois extremos.

P — Qual é a proporção actual da indústria nacionalizada?

R — Em termos de investimento, cerca de 60 por cento. Mas em termos de produção, podemos falar em 40 a 45 por cento.

P — Em quantas empresas «interveio» o Estado para tentar evitar a falência?

R — Em cerca de 600, além das 200 nacionalizadas. Mas «o Governo está já a pedir a certos proprietários, na construção civil, por exemplo, que retomem o controlo total das suas firmas, porque não dispõe nem dos administradores nem dos técnicos necessários».

P — Acha que a maioria das empresas «com intervenção» vão voltar ao sector privado?

R — A maioria sim.

P — A Bolsa dos valores vai reabrir?

R — Sim, mas só depois de entregues as indemnizações às companhias recentemente nacionalizadas. Isto é: só reabre daqui a um ano ou mais.

P — A política do governo irá facilitar o crédito?

R — Sim, mas prudentemente: a extensão será selectiva e não se estenderá ao sector consumo — sobretudo não se estenderá às importações de bens de consumo.

P — Vai continuar-se a pedir empréstimos ao estrangeiro?

R — Sim. Já pedimos muito emprestado, mas era para cobrir o défice da balança de pagamentos. No que se refere aos investi-

mentos, preparamos os projectos — petroquímico, energia, etc. — que nos permitam beneficiar de numerosos empréstimos oferecidos pela CEE, EFTA, etc.

P — O Governo irá encorajar os investimentos estrangeiros directos?

R — Penso que sim, porque eles são absolutamente indispensáveis.

P — A participação estrangeira será estendida às empresas públicas?

R — Actualmente não. Mas sem dúvida que o virá a ser daqui a quatro ou cinco meses.

P — Acha que a barreira dos 12 por cento imposta ao repatriamento das divisas vai incitar os investimentos estrangeiros?

R — Muitos estrangeiros deploram esta limitação, mas o obstáculo principal, muito mais importante para o investidor estrangeiro que os regulamentos sobre o reembolso do capital ou o repatriamento dos lucros, é o de saber quem controlará as fábricas. O Governo emitiu alguns votos. Os trabalhadores estarão de acordo?

P — Nos anos próximos, o défice da balança de pagamentos continuará a ultrapassar os dois milhões?

R — Não poderemos continuar a este ritmo. Temos que reduzir o défice em 1978 sem o que a nossa situação se tornará impossível. A nossa dívida externa, que já hoje se cifra em 935 milhões atingiria proporções catastróficas.

P — Quando estará Portugal em condições de vir a ser membro pleno da CEE?

R — Alguns pensam que já o estamos, mas não é essa a minha opinião. Mesmo que a CEE fizesse concessões, o estado da nossa economia não nos permitiria ser membros plenos antes de vários anos.

Estrangeiro

Diálogo a 300 mil quilómetros/segundo

A conquista de Marte

As duas sondas espaciais Viking não são garrafas lançadas no espaço em vez de ser lançadas no mar, e abandonadas depois à sua sorte. Elas estão, pelo contrário, em constante ligação com a Terra, através de um sistema complexo e redundante de ligações radioelétricas.

Na Terra, o envio das ordens e a recepção das informações são asseguradas por uma rede de antenas enormes, implantadas de modo a que a ligação seja sempre possível, apesar da rotação da Terra. A N. A. S. A. dispõe de três estações praticamente idênticas em Cambera (Austrália), Madrid (Espanha) e Goldstone (Califórnia). Cada uma destas estações está equipada com três antenas, gigantescas cúpulas parabólicas que, tal como a lente de um telescópio, concentram as ondas de rádio emitidas pela Viking, num receptor, ou que, pelo contrário, transformam as ondas do emissor terrestre a fim de formar um feixe muito estreito e dirigido para Marte. A maior dessas antenas parabólicas tem um diâmetro de 64 metros, as outras duas, um diâmetro de 26 metros. A potência da emissão é de 20 kilowatts para as pequenas antenas e de 100 para as grandes — excepto na de Goldstone, onde atinge os 400 kilowatts.

As sondas Viking são constituídas por dois módulos. O *lander* pousa no planeta e o *orbiter* mantém-se em órbita e sobrevoa cada dia marciano (um pouco maior do que o terrestre, dura vinte e quatro horas e trinta e seis minutos) o ponto de aterragem do *lander* a uma altitude de uns 1500 quilómetros.

O *orbiter* tem uma antena orientável de um metro e meio de diâmetro, constantemente apontada para a Terra e que

assegura a ligação com a das três estações terrestres que se vêem da Viking. Uma antena secundária, mais pequena e menos directiva, permitiu as ligações no início do voo, quando a Viking ainda estava perto da Terra. O *orbiter* também possui uma terceira antena

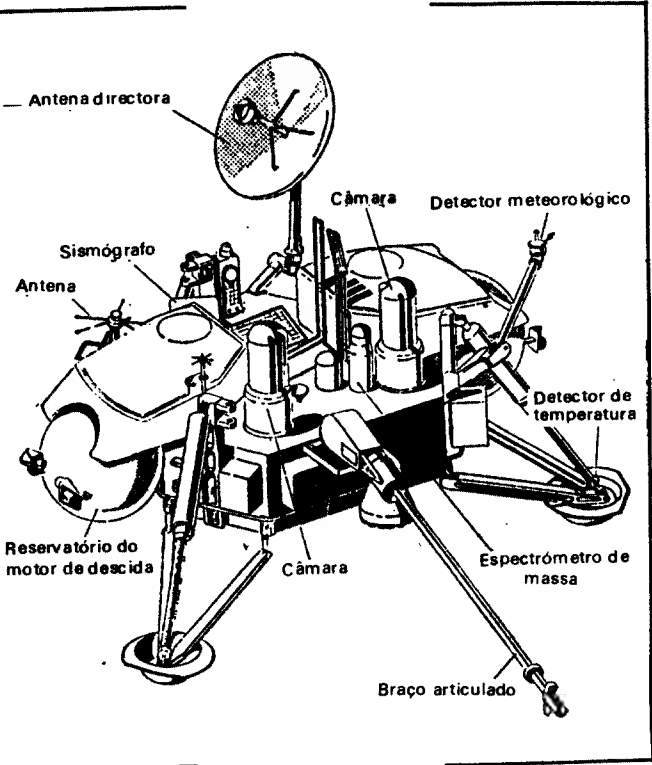
colocada neste último. Esta antena permite ao *lander* receber ordens e, em intervalos regulares, o programa dos dias que se seguem. Ela também encaminha informações em sentido inverso, mas a um ritmo muito mais lento do que a ligação normal via *orbiter*.

instante a posição das sondas Viking.

IDA E VOLTA EM QUARENTA MINUTOS

As duas sondas nunca são pois entregues a si próprias. Têm, no entanto, uma certa autonomia, porque nem tudo pode ser resolvido da Terra. Um sinal rádio-elétrico que percorre 300 000 quilómetros por segundo, leva uns quarenta minutos para ir e vir entre a Terra e Marte, que se encontram actualmente a 370 milhões de quilómetros. É um tempo de reacção demasiado longo para que todas as decisões possam ser tomadas da Terra. Assim, o *lander* tem um computador que comanda todas as operações (separação dos dois módulos, aterragem, início e paragem das experiências, troca de informações com o *orbiter* quando este está em posição favorável). Ele faz isto tudo segundo um programa registado na sua memória e que prevê que certas operações só sejam feitas após a recepção de uma ordem chegada da Terra. Este programa não é, de resto, imutável. De seis em seis dias é transmitido da Terra um novo programa que substitui o antigo. Isto permite não ocupar inutilmente a memória do computador — e assim o processo de separação e aterragem pode ser esquecido quando a sonda aterrou. Mas isso permite sobretudo adaptar a missão às condições encontradas no planeta Marte e ter em conta as informações já recebidas para infligir as experiências no sentido mais favorável.

© Le Monde



orientável para baixo e que permite comunicação com o *lander* durante o voo deste. As informações recolhidas no solo, isto é, os resultados das medidas físicas e as fotografias feitas pelas câmaras, são transmitidas ao *orbiter* e enviadas por este para a Terra.

Também é estabelecida uma ligação directa entre a Terra e o *lander*, por intermédio de uma antena de 76 centímetros,

As transmissões fazem-se na banda de frequência que vai de 2100 a 2300 megahertz. Mas as antenas também podem emitir e receber a 8400 megahertz. Estas últimas transmissões permitem uma medida precisa das distâncias, necessária para conhecer em cada

A capacidade de aprendizagem não diminui com a idade

BAR HARBOR (MAINE), 15 (F.P.) — A teoria de que a capacidade de aprendizagem diminui com a idade foi posta em dúvida, anteontem, por um cientista, durante a Conferência Nacional sobre Genética e Envelhecimento.

O dr. Richard L. Sprott, um psicólogo envolvido no estudo do comportamento genético, no Laboratório de Jackson, desta cidade, disse que os factos sugerem que é altura de rever a teoria de que a capacidade de aprendizagem depende da idade.

«O envelhecimento, em si, não é determinante da capacidade de aprendizagem, nem do coeficiente de inteligência. O elemento-chave é o estado de saúde do indivíduo, conforme vai envelhecendo», disse o cientista.

Sprott dirigiu-se a cerca de 60 cientistas dos Estados Unidos, que se reuniram nesta conferência, celebrada no Laboratório de Pesquisas Genéticas de Bar Harbor.

O orador afirmou que o envelhecimento acarreta geralmente diminuição de saúde, o que causa uma perda de mobilidade, interesse e capacidade perceptual.

«A perda destes factores, individualmente e durante um longo período, não diminui a capacidade de aprendizagem, embora reduza os níveis de perfeição.

«Porém, a sua perda num curto período de tempo, indica um rápido declínio da saúde — e a morte provável, a curto

prazo — e então, sim, a capacidade de aprendizagem é afectada».

Sprott declarou ainda que anteriormente estudara os efeitos das diferenças dos genes, idade e condições de aprendizagem, em duas famílias de coelhos de laboratório e que concluiu que para um dado ramo genético e em certa idade, a capacidade de aprendizagem varia em função do meio ambiente.

Na maioria dos recentes estudos sobre o envelhecimento, Sprott esclareceu ter observado os mesmos tipos de animais, em ambientes extremamente favoráveis à aprendizagem e durante toda a sua existência e que 90 por cento num grupo e 80 por cento noutro tinham aprendido tão bem na velhice como quando eram novos.

«Contudo, estes foram os que se mantiveram vivos. Outros morreram durante as experiências e a sua capacidade de aprendizagem evidenciou forte declínio, antes da morte», destacou Sprott.

Estas observações levaram o conferencista a concluir que a capacidade de aprendizagem e o coeficiente de inteligência não diminuem com a idade, dependendo da profissão, interesses e principalmente da saúde do indivíduo.

Sprott é um dos 30 oradores que se deverão pronunciar durante a semana de reuniões desta conferência, que se debreça sobre as relações entre a genética e o envelhecimento.

Júpiter: quatro Luas de gelo e rocha

MOUNTAIN VIEW, (CALIFORNIA), 15 (ANOP) — As quatro luas mais interiores de Júpiter são corpos bizarros das dimensões de planetas, formados a partir da imensa nuvem de gás que aparentemente deu origem ao planeta gigante, revelou a NASA.

As duas sondas «Pioneer» e observações telescópicas feitas da Terra levaram os cientistas a concluir que o próprio Júpiter é principalmente constituído por hélio e hidrogénio, enquanto as quatro grandes luas consistem de gelo e rocha.

Júpiter foi tema de discussão de um simpósio de três dias que se realizou no final do passado mês de Maio no Centro de Pesquisas Ames.

Num resumo comunicado, a NASA anunciou que a mais directa evidência da história de Júpiter é a decrescente gravidade dos satélites interiores — Io, Europa, Ganimedes e Calisto.

As sondas automáticas «Pioneer» descobriram que as duas luas mais perto do planeta têm densidades idênticas às rochas, enquanto Ganimedes e Calisto parecem ser constituídas, metade por gelo, metade por rochas.

Segundo a Agência Nacional de Aeronáutica e do Espaço (NASA), a maioria dos cientistas crê que a contração gravitacional que há 4,5 mil milhões de anos originou Júpiter provocou uma tal temperatura no planeta que manteve-lo e Europa demasiado quentes para permitir a condensação da água. Ganimedes e Calisto estão mais distantes e aparentemente ali deu-se a condensação.

Júpiter tem pelo menos mais nove satélites. O 13.º foi descoberto em 1974, e o menor de todos, o 14.º foi referenciado no final do ano passado.

A NASA acrescentou que aparentemente Júpiter começou a tomar forma a partir de uma nuvem de gás, plana e animada de movimento rotativo, com cerca de 960 quilómetros de diâmetro.

Depois de um milhão de anos mais tarde se ter contraído para dois terços das dimensões originais, os cientistas crêem que a nuvem reduziu o diâmetro para 16 milhões de quilómetros, no relativamente curto período de 70 000 anos.

Após esta fase, numa questão de meses a nuvem tornou-se num corpo quentíssimo, de 640 000 quilómetros de diâmetro — quatro ou cinco vezes o actual tamanho de Júpiter, que, desde então, arrefeceu e contraiu-se lentamente, tendo agora 142 240 quilómetros de diâmetro.

A LUZ CANSA-SE.

Posta em causa a teoria da expansão do Universo

PARIS, 15 (por Jean-François Augereau da F.P.) — Da mesma forma que a água perde força, ao rebentar nas rochas, a luz que nos vem das galáxias perderia energia e «cansar-se-ia» durante a sua longa viagem até nós.

Se esta teoria se verificasse em grande número de casos, seria vibrada valente alfinetada no princípio da expansão do Universo, objecto de dois colóquios internacionais que terminaram quinta-feira da semana passada em Paris.

Esta hipótese surpreendente foi sugerida por Jena-Claude Pecker, do Instituto Astrofísico de Paris, e Jean-Pierre Vigier do Instituto Poincaré.

A volta desta questão escalante, as opiniões dividem-se e os dois colóquios parisienses foram, mais uma vez, cenário de debates bastante animados entre os astrofísicos.

Toda a controvérsia gira à volta de um fenómeno especialmente difícil de interpretar: o efeito Hubble, descoberto há 40 anos. Manifesta-se por aquilo que os cientistas chamam uma deslocação para o Vermelho da luz das galáxias. Em termos concretos, isto traduz-se da seguinte forma: quanto mais uma galáxia apresenta um espectro tendendo ao vermelho, mais está afastada de nós e mais se afasta a grande velocidade.

Esta fuga das galáxias é a expansão do Universo.

As medidas efectuadas mostraram que os objectos mais distantes do Universo — os quasares estão afastados qualquer coisa como 9 milhões de

anos luz — estariam a afastar-se de nós à velocidade fantástica de 250 mil quilómetros por segundo.

Mas factos resultantes de experiências vieram perturbar a natureza expansionista do Universo.

Efectivamente, objectos astronómicos «anormais», cerca de 40, não se ajustam com a teoria da expansão e, perante o seu número crescente, é difícil ignorar as suas anomalias. É por esta razão que se forjaram novas hipóteses para tentar explicar estes fenómenos, entre elas a do «cansaço da luz».

Esta fadiga da luz seria causada pela sua passagem através de regiões particularmente ricas em matéria. Os grãos que compõem a luz, os fótons, entrariam em colisão com uma partícula hipotética, baptizada «PHI». O choque faria perder energia ao fóton, o que explicaria a deslocação para o vermelho.

Experiências feitas por equipas de Pecker e de Vigier com quatro amostras de galáxias parecem dar crédito a esta hipótese vigorosamente contestada.

Por outro lado, alguns resultados de experiências levadas a cabo pela sonda americana «Pioneer 6» sugerem que a luz que passa na vizinhança do Sol se deslocaria também para o vermelho.

Se a teoria se confirmar, o que exigiria, sem dúvida, muitos anos de observações suplementares, ficará demonstrado que os objectos mais afastados talvez não estejam tão longe e que, portanto, o Universo não está em expansão.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE LANIFÍCIOS DO DISTRITO DE CASTELO BRANCO

SEDE EM COVILHA

CONVOCATÓRIA

REUNIÕES GERAIS DE DELEGADOS E SÓCIOS

O. TRABALHOS:

- 1) — Informação.
- 2) — Congresso dos Sindicatos.
- 3) — Outros assuntos.

Covilhã	— Dias: 17 de Setembro 24 de Setembro 1 de Outubro	21 horas
Tortosendo	— Dias: 16 de Setembro 23 de Setembro	21 horas
Unhais da Serra	— Dias: 21 de Setembro 28 de Setembro	21 horas
Cebolais de Cima	— Dias: 21 de Setembro 28 de Setembro	18 horas

TODOS AO SINDICATO PARTICIPAR ACTIVAMENTE NA DISCUSSÃO DEMOCRÁTICA DOS NOSSOS PROBLEMAS.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

A DIRECÇÃO

Estrangeiro

Greve em todas as fábricas da Ford nos Estados Unidos

DETROIT, 15 — (FP) — O presidente do Sindicato dos Operários da Indústria Automóvel (United Auto Workers), Leonard Woodcock, decretou ontem uma greve em todas as fábricas da Ford nos Estados Unidos.

A directiva de greve, que era esperada em consequência do falhanço das negociações de última hora entre a Ford e a U.A.W., na noite de segunda-feira, foi divulgada seis horas antes de terminar a validade do contrato colectivo. A directiva entrou em vigor às zero horas de hoje.

As negociações para a renovação dos contratos colectivos da indústria automóvel tinham começado há cerca de dois meses em Detroit. A U.A.W. não apresentara reivindicações específicas em matéria de salários nem no domínio da redução do horário de trabalho, que é um dos objectivos sindicais deste ano, na esperança de obter uma melhor garantia de emprego em período

de crise.

A directiva de greve abrange 170 000 operários. Segundo os analistas, a greve precisará de durar três a quatro semanas para que o seu impacto a nível nacional comece a tornar-se grave. As últimas renovações de contratos colectivos da indústria automóvel tinham-se saldado por greves de 66 dias na Ford, em 1967, de 67 dias na General Motors em 1970 e de nove dias apenas na Chrysler em 1973.

MOYNIHAN DERROTOU BELLA ABZUG

NOVA YORK, 15 — (ANOP) — Daniel Patrick Moynihan, que se tornou notado pelos seus discursos contundentes quando embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas, conseguiu a nomeação democrática para o Senado nas eleições primárias de Nova York, derrotando Bella Abzug. Noutras eleições, os senadores Edward Kennedy, Hubert

Humphrey e William Proxmire foram reconduzidos sem grande dificuldade.

DISCURSO DE MCGOVERN

WASHINGTON, 15 — (ANOP) — O senador George McGovern chamou ao presidente da Coreia do Sul, Park Chung-ee, «tirano vergonhoso» e pediu a retirada das forças dos Estados Unidos daquele país.

«Somos aliados da Coreia do Sul onde existe um tirano vergonhoso que tem transformado a Coreia do Sul num modelo de Governo totalitário que não merece o risco do envolvimento americano noutra guerra coreana», disse McGovern num discurso preparado para o Senado.

O senador propôs a continuação das conversações com as autoridades norte-coreanas para se evitar outra guerra, mas manifestou pouca esperança em que tais negociações «possam conduzir a qualquer

alteração significativa na posição do Governo norte-coreano».

Referiu ainda a morte de dois americanos num incidente em Panmunjom e observou que tal tinha sido um «acto desumano e provocador» e provava que «as forças que foram enviadas para a Coreia há uma geração poderiam levar a geração actual para outra guerra errada, no local errado e na altura errada».

Dez mortos em recontros verificados na Argentina

BUENOS AIRES, 15 — (ANOP e R) — Oito guerrilheiros esquerdistas e dois policiais foram mortos em recontros separados na Argentina, nas últimas 24 horas — anunciou a polícia.

Quatro dos guerrilheiros foram mortos em luta com a polícia numa barreira de estrada no subúrbio sul de Tablada.

Quatro outros, três homens e uma mulher, morreram em batalhas a tiro com a polícia, na cidade de Santa Fé, a 435 quilómetros a norte de Buenos Aires.

«FRENTE NACIONAL SOCIALISTA»

Até há poucos meses, ninguém ouvira falar na Argentina na «Frente Nacional Socialista», que se apresenta como neonazi. Soube-se da sua existência quando se declarou responsável por vários atentados bombistas.

Ontem surgiram nos jornais comunicados assinados pela «Frente», anunciando a intenção de assassinar sete pessoas, entre as quais o nuncio apostólico, o antigo presidente argentino general Juan Carlos Onganía, o antigo comandante do Exército general Julio Alsogaray, o padre católico Jorge Mejía e dois jornalistas da Televisão, Mariano Grondona e Bernardo Neustadt.

O comunicado diz ainda que a «Frente» é dirigida por Nicandro Dorrego, que é muito conhecido nos círculos da extrema direita.

Eleições na Suécia no próximo domingo

ESTOCOLMO, 15 — (FP) — Seis milhões de eleitores suecos vão no domingo às urnas para eleger 349 deputados para o Parlamento, mantendo-se viva a expectativa sobre os resultados destas eleições.

A oposição nunca esteve tão perto da vitória sobre os social-democratas que já estão no poder há 44 anos.

Com efeito há já um ano que se verificam deserções nas fileiras da social-democracia. O seu eleitorado tradicional parece estar cansado do peso da fiscalidade e da acção de uma burocracia que está presente em todos os sectores da vida dos suecos.

O Partido Social-Democrata, mobilizou todas as suas energias para conseguir nova vitória. Assim 500.000 militantes vão nestes últimos dias bater a todas as portas para convencer os seus camaradas de trabalho, os seus vizinhos, das vantagens presentes e futuras da social-democracia.

Novo sismo no Norte da Itália faz fugir milhares de pessoas

UDINE (ITÁLIA), 15 — (F. P. e R.) — Milhares de pessoas fugiram de suas casas quando outro potente abalo sísmico estremeceu esta manhã o norte de Itália, ferindo cerca de 50 pessoas — declarou a Polícia.

O tremor de terra, antes de romper o dia fez ruir também numerosos edifícios.

Um homem morreu de um ataque cardíaco na vizinha Gorizia, uma das pequenas localidades, já devastadas no importante terramoto de 6 de Maio

passado, que arrasou vastos sectores da região de Friuli e matou quase 1 000 pessoas.

O sismo o 41.º em menos de quatro dias, registou uma intensidade 5 e 6 graus na escala de Richter.

Foi sentido em quase todo o nordeste italiano e autoridades sismológicas em trieste declararam que foi seguido por meia dúzia de abalos mais fracos.

O sismo provocou vários aluimentos de terras, blo-

queando ligações férreas entre Udine e Trieste.

Também na Áustria foram sentidos hoje violentos tremores de terra após os novos abalos no norte de Itália.

A estação sismológica de Viena declarou que os abalos registaram uma intensidade de 8 pontos na escala de Mercalli.

O centro principal dos abalos eram aparentemente na área de Friuli.

Os tremores foram igualmente sentidos na Eslovénia, no norte da Jugoslávia, próximo das fronteiras com a Itália e a Áustria.

Na provincia de Caríntia no sul da Áustria, as pessoas fugiram para as ruas em pânico depois do primeiro sismo cerca das 4 e 15 horas (de Lisboa). A este seguiu-se um segundo abalo cerca das 5 e 39.

Uns trinta presos da cadeia de Veneza subiram ao telhado a fim de manifestar ao procurador da República da Cidade o seu receio face a possíveis novos tremores de terra na região.

Caleidoscópio

■ MOSCOVO, 15 — (ANOP) — A União Soviética, o segundo produtor mundial de ouro, acusou os Estados Unidos de forçarem a descida do preço do ouro.

A agência Tass anunciou que Washington forçou o Fundo Monetário Internacional a leiloar reservas de ouro num esforço para fazer com que o dólar substitua o ouro como principal unidade internacional de reserva.

A Tass acrescentou que os leilões de ouro do Fundo Monetário Internacional causaram substanciais prejuízos a países da Europa Ocidental, nomeadamente à Itália, à Grã-Bretanha e à França, e salientou que a influência norte-americana estava a minar a recuperação económica nesses países.

■ TÓQUIO, 15 — (R) — O Gabinete japonês demitiu-se ontem a fim de permitir ao primeiro-ministro Takeo Miki remodelar o seu Governo, afectado pelas ondas de choque do escândalo dos subornos da Lockheed.

Miki, que até agora tem conseguido resistir a forte pressão, do seio do Partido Liberal Democrático, para a sua própria demissão, deverá no-

mear hoje nova equipa ministerial.

■ KARACHI, 15 — (ANOP) — As equipas de socorro recuperaram até agora 121 cadáveres dos escombros de um edifício de cinco andares que ruíu na segunda-feira no bairro Layari, em Karachi — anunciaram as autoridades paquistanesas.



La Soufrière, o vulcão de Guadalupe cuja actividade provocou recentemente séria preocupação entre os habitantes daquela ilha das Antilhas. (Foto Keystone)

JORNALISTA EXPULSO DO CHILE

LIMA, 15 — (R) — O jornalista espanhol Vicente Romero, do diário madrilenho «Pueblo», declarou que a polícia secreta chilena lhe atou as mãos com arame e o vendeu quando o prendeu em Santiago no sábado.

Romero chegou à capital do Peru acompanhado pela mulher, Lorna Grayson, nascida na Inglaterra, após ter sido expulso do Chile onde fazia a reportagem do terceiro aniversário da tomada do poder pelos militares.

Romero, de 28 anos, afirmou que ele e a mulher foram mantidos incomunicáveis no centro de detenção de Quatro Alamos, sendo-lhes recusada autorização para contactar com as Embaixadas espanhola e britânica em Santiago.

Rovelou ter sido detido quando fotografava uma

criança de um bairro da lata, «o seu cão, frente à sede do Governo».

«Ataram-me as mãos com arame e vendaram-me, e confiscaram-me a câmara e gravações que eu fizera no Chile e na Argentina» — disse. As nossas vidas foram também ameaçadas.

GALARDÃO CUBANO

AVANA, 15 — (ANOP) — O Governo cubano galardoou com a ordem nacional Playa Giron, Luis Corvalán, secretário-geral do Partido Comunista do Chile.

O galardão — criado em Julho de 1961 — foi conferido ao dirigente comunista, preso pela Junta Militar chilena, por ocasião do seu sexagésimo aniversário natalício e pela sua solidariedade com Cuba e com todos os povos oprimidos que lutam contra o imperialismo — afirma-se num comunicado do Conselho de Ministros.

MERCADO COMUM

Relatório sobre a criação de um Parlamento eleito

■ LUXEMBURGO, 15 — (R) — O ministro dos Negócios Estrangeiros holandês, Max van der Stoep, apresenta hoje um relatório ao Parlamento europeu do Mercado Comum sobre um acordo dos Nove há muito esperado para criar a primeira assembleia eleita da comunidade.

Dirigentes da CEE decidiram na sua última reunião de alto nível em Julho substituir o actual Parlamento de 198 parlamentares nomeados por uma câmara de 410 membros eleitos directamente, pondo termo a meses de disputa sobre a distribuição dos lugares entre os governos da CEE.

Mas uma convenção formal sobre o novo Parlamento, a ser assinada no fim deste mês, tem sido retida até agora por uma recusa da França em dispensar a Grã-Bretanha de satisfazer o prazo estabelecido pela cimeira para realizar as primeiras eleições até 1978.

Van der Stoep, actual presidente do Conselho de Ministros da CEE, estudará as possibilidades de cumprir o prazo numa revisão geral dos resultados da cimeira.

O seu colega, Laurens Brinkhorst, secretário de estado para os negócios Estrangeiros, terá a tarefa mais delicada de

apresentar a proposta de orçamento da CEE para 1977 num total de 8,7 biliões de unidades de conta (312 biliões de escudos).

O parlamento, um órgão largamente consultivo com pouca autoridade real, tem estado a tentar há anos aumentar o seu controlo sobre as despesas da CEE e os debates do orçamento anual tornaram-se o campo de luta tradicional pelo poder entre parlamentares e ministros.

Contudo, Brinkhorst vai dar apenas ao orçamento uma «primeira leitura» na câmara e o debate principal será adiado para uma sessão especial da Assembleia no próximo mês.

Os parlamentares estão particularmente preocupados pelo facto de os ministros do orçamento da CEE, numa primeira análise à proposta, terem cortado 13 milhões de unidades de conta (450 milhões de escudos) no fundo social da comunidade para treino de trabalhadores.

A assembleia adoptou a noite passada uma resolução criticando os Estados membros por aquilo que classificava como uma «surpreendente» falta de acção para auxiliar os cinco milhões de desempregados da comunidade.

Espectáculos

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Bach segundo Tortelier

É universal o sentimento de respeito e admiração por Bach e pela sua música. Mas as manifestações e as motivações desse entusiasmo generalizado revestem as formas mais contraditórias.

Há quem veja em Bach, antes de tudo, o mestre do contraponto e fuga, o cientista da música. Entre os músicos profissionais é frequente esta atitude. Procuram em Bach mais o texto pautado para ser lido e analisado do que a própria música, como entidade viva, com existência sonora. Então, tocando-o ou ouvindo-o, eles reduzem-no mentalmente ao jogo abstracto das regras em que assenta o seu discurso, e é nesse exercício mental que esgotam a capacidade de admirar e amar Bach.

O grande público (e aqui refiro-me à generalidade das pessoas servidas pelos meios radiofónicos televisivos, independentemente de uma especial inclinação pela música) coloca-se numa atitude diferente. Atesta a máquina comercial encarregou-se de lhe instilar, há um século, que se pode assobiar e até é muito agradável ao ouvido, sobretudo quando lhe uma seccção bateria a imitar jazz ou um qualquer ritmo de dança. Diverte, este pop Bach, e... vem de se bem.

De divertimento comercialmente rendoso a produto cultural decorativo a distância não é grande. Bach fica sempre bem em qualquer festival ou na discoteca de qualquer bom burguês. Tem uma excelente cotação na indústria da cultura: com maior ou menor paciência, o público dos concertos tem de ouvi-lo, tocado pelos melhores (e pelos piores) solistas, coros e orquestras. Os consumidores de cultura dispensam a bateria e o ritmo pop a dourar a pilula, mas na sua maior parte (refiro-me aos burgueses que não têm consciência de classe), têm-se, como os outros, à superfície

da música. Bach torna-se apenas um nome e a música que se ouve um acidente. Se se trata de uma cantata ou de uma paixão, a ninguém ocorre informar ou informar-se sobre o texto: tanto faz. — Pensam — «são lá aquelas coisas religiosas», e se não são religiosas (porque as há profanas), «vai tudo dar ao mesmo...» O texto — julgam eles — é um pretexto, que tanto dá com esta como com qualquer outra música. O que importa é ficar «bem disposto» com o efeito audiovisual do concerto a que se assiste. Pobre Bach: para que escreveu ele mais de cem cantatas? Não é, decerto, para figurarem bem alinhadas, em álbuns de luxo, com letras douradas, na estante de uma colecção de discos... Mas tem muita saída, este Bach decorativo.

A indústria da cultura, porém, não fica por aqui. Outros filões, para explorar, encontra em Bach. Por exemplo, o arqueológico. Há musicólogos distintos, verdadeiros e respeitáveis sábios, que se dedicam a investigar de como, no tempo de Bach, se fazia música, quais eram as exactas características técnicas, a exacta sonoridade dos instrumentos. O exacto aspecto sonoro que revestiu a primeira realização de obras como a **Paixão segundo S. João**. E concluem logo: temos de ser fiéis a Bach, temos de o interpretar como ele era interpretado no seu tempo, dentro dos limites técnicos e expressivos dos instrumentos com que lidou e para os quais escreveu. Bach tocado em piano? Que sacrilégio! E quando Bach não prescreveu os instrumentos? Ai há que redobrar de investigações e tentar encontrar «cuidadosamente» uma solução. Este é o Bach dos ratos de biblioteca. Vem dando, em todo o caso, os seus dividendos.

Paul Tortelier, no memorável concerto agora realizado no Estoril, em que tocou três das seis suítes para violoncelo solo

(a primeira, a quinta e a sexta), fez-me pensar em tudo isto. É que Paul Tortelier vai ao fundo da música de Bach: descobre-lhe a essência. No primeiro trecho da suíte n.º 6, julguei estar ouvindo um denso tecido polifónico, quando, na verdade, do principio ao fim, uma única linha (ou voz) se desenvolve. Neste caso, a monodia trás subjacente no seu recorte, na sua estrutura, um pensamento polifónico: Tortelier torna-o vigorosamente explícito. Isto é ainda um primeiro grau de abordagem formal...

Como tocariam os Violoncelistas no tempo de Bach? Provavelmente, mal, quando comparados com os contemporâneos mais categorizados. Não é questão que preocupa Tortelier. A essência de Bach não pode ser encontrada através da reconstituição, nos nossos dias, da aparência de que a sua música se revestia, no tempo em que ele viveu. Bach estava muito à frente da consciência musical do seu tempo, exigia dos músicos e instrumentos muito mais do que estes então podiam dar. E, sobretudo a sua música não era um amontoado de regras, por muito sábio ou hábil que fosse, mas uma linguagem eloquente, através da qual Bach se exprimia com surpreendente precisão, transcendendo, porventura, a sua mundividência a capacidade de compreensão dos contemporâneos que o ouviam. Transmitir a essência de Bach, para Tortelier, é assimilar o sentido profundo (e não apenas a lógica da construção musical) das notas inscritas na pauta, assimilá-lo sob a perspectiva do homem do nosso tempo, exprimi-lo e exprimi-lo sem excluir qualquer parcela do enriquecimento técnico, estético, social, ideológico, verificado desde o tempo de Bach até aos nossos dias. Tal é, segundo me parece a atitude de Paul Tortelier. Tal é a única atitude digna de Bach: de um Bach que rejeitou o formalismo e o academismo, o tráfico comercial com a arte, a música-passatempo ou decorativa (na qual, por exemplo, um Telemann apostaria em cheio), a própria base técnica e estético-ideológica dominante na «vida musical» da sua época.

Paul Tortelier: uma grande figura de intelectual para quem o meio mais poderoso de reflexão sobre a vida e o mundo, sobre a arte, sobre o amor, sobre a felicidade e os sofrimentos dos homens, sobre as grandes questões filosóficas-políticas, consiste, não na palavra falada ou escrita (que a tem fluente e profunda), mas no seu próprio violoncelo e na música que dele extrai. É esta a «receita»: ser um artista à altura de Bach.

Bandas dão concerto

Integrados no conjunto das actividades culturais que a Fundação Gulbenkian está a realizar no Parque Calouste Gulbenkian vão prosseguir os concertos no seu Anfiteatro ao Ar Livre, onde já foi apresentada a Banda da Sociedade Filarmónica Operária Amorense.

Os próximos concertos efectuar-se-ão nos domingos 19 e 26 de Setembro corrente pela Banda da Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivaleense e pela Banda da Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense. Ambos os concertos principiarão às 18.30, com entrada livre.



Foto de rodagem de «A grande noite». À esquerda, o realizador Francis Reusser.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

Cinema Suíço na Figueira da Foz

É tradição, já deste festival da Figueira da Foz a apresentação de uma forte delegação helvética, por sinal sempre de bom nível, como este ano aconteceu uma vez mais.

Equilibrando os nomes consagrados (Alain Tanner e Thomas Koerfer) com desconhecidos (Francis Reusser e Fredi Murer), equilibrando também os filmes germanófilos com os francófonos (embora da Suíça de expressão italiana não tivesse vindo qualquer filme), pode afirmar-se ter constituído, esta representação, uma das de mais forte impacto. Mas sem surpresas.

De facto o fosso «qualitativo» entre os consagrados e os principiantes foi por de mais nitido. Nem **O povo da montanha**, de Murer, documentário sobre os habitantes das zonas mais inhospitas da Suíça, nem **A grande noite**, de Reusser, discurso sobre o esquerdismo num universo de pequeno-burgue-

ses, lograram despertar o entusiasmo do público ou da crítica.

Criado para todo o serviço, de Koerfer, filme com contraditórias reacções (muito amado e muito contestado) foi, quanto a nós, uma das melhores películas deste festival. Antes do mais pela impecável **démarche** estética, pelo ritmo, pela espessura significativa que todos os componentes atingem, do som à cor, como se todos os materiais estivessem lá para serem vistos, sentidos, disputados, ao mesmo tempo que neles se levanta um discurso que, para lá da pequena história-pretexto, se perfila com uma reflexão suave sobre uma outra história. Mais seguro, sobretudo mais homogêneo, que o seu primeiro filme, este segundo Koerfer ergue uma personalidade fundamental no panorama do cinema europeu.

Evidentemente fora de competição, veio Jonas, de Tanner,

este sim congregando unanimidade como definitivo.

Após uma pausa, após um filme situado no coração de um tempo que não passa (**O centro do mundo**), Tanner volta a empurrar os relógios, a vida e o cinema, numa película onde se reencontram os velhos temas, as velhas personagens e o velho ritmo daquele cineasta. Numa estrutura a um primeiro olhar anárquica, mas, a um segundo, mais atento, de quase perfeito desencadeamento, Alain Tanner regressa a algumas personagens de filmes anteriores, retomando-os a alguns anos de distância e com eles faz, em convergência, o ponto de vários percursos, morais, sexuais e políticos. Um filme cuja distribuição comercial no nosso país é urgente, assim os vendedores de cinema da nossa praça queiram intervalar o cada vez mais desolador panorama da distribuição.



HOJE HÁ "MARIONETAS" NA GALERIA DE ARTE MODERNA

O teatro de «Marionetas de S. Lourenço e o diabo» reaparece na Galeria de Arte Moderna em Belém, junto ao Mercado do Povo, com um espectáculo composto de três peças: «O pranto de Maria Parda», de Gil Vicente, e dois romances tradicionais portugueses — «O conde da Alemanha» e «Gerinaldo». Os romances são composições populares de origem medieval onde aparecem, com todo o seu poder mágico e violento, as figuras antigas da

princesa Pérfida, da rainha Voluptuosa do pagem Atrevido e do rei Castrador.

O teatro «Marionetas de S. Lourenço e o diabo», cujas características de marionetas e manipulação são únicas no nosso país, apresentará cinco espectáculos, de hoje até dia 18. Hoje e amanhã o espectáculo será às 21.30 horas; no dia 17, haverá duas sessões, uma às 17.30; outra às 21.30 horas; no sábado, dia 18, somente uma sessão às 17.30 horas.

Feira da Amizade em Almada

Com a presença do adido cultural da Embaixada da R. D. A. em Lisboa é inaugurada hoje à noite na Cova da Piedade — (Largo do Pombal), uma Feira de Amizade organizada pelas Associações Portugal-R.D.A., Portugal-U.R.S.S. e Portugal-Cuba, e pela Câmara Municipal de Almada.

A Feira da Amizade, que terá pavilhões de exposições fotográficas e documentais, exposição e venda de livros e artesanato dos três países socialistas, terá também, como actividades culturais todos os dias, música, filmes, teatro e canto livre, estando patente ao público, com entrada livre, até 22 do corrente.



PALÁCIO FOZ RESTAURADORES

Seleção de filmes do Festival da Figueira da Foz 1976 — 13 a 17 de Setembro

- 4.ª 15 h. — Xala de Ousmane Senegal
18. h. — A colheita dos 3 mil anos de Gerime Etíope
21. h. — Derzu Usala de Kurosawa U.R.S.S.
5.ª 15 h. — Balanço trimestral de Zanussi Polaco
18 h. — Os Embaixadores de Naceur Ktari Tunísia
21 h. — O número 2 de Jean Luc Godard Francês

Filmes falados ou legendados em francês ou inglês
Uma Organização do Secretariado do Festival da Figueira da Foz, com apoio da Direcção Geral de Acção Cultural

Televisão

Canal da Crítica

A CARTA ABERTA E AS INTENÇÕES FECHADAS

Por MARIO CASTRIM

Hoje

As últimas semanas da vida sindical portuguesa têm sido marcadas pela ondulância da *carta aberta*, ou seja: um documento publicado em vários órgãos de Imprensa, com a assinatura de algumas direcções sindicais. Mais do que uma ondulância, trata-se, na prática, de um autêntico processo de desestabilização, na cola da projectada anulação da lei da unidade sindical.

Terça à Noite reunia no estúdio representantes de quatro sindicatos: José Luis Gaspar, dos Escritórios de Lisboa; Vítor Gonçalves, dos Bancários do Sul; José Ernesto Cartaxo, dos Metalúrgicos; e Ruben Rolo, dos oficiais da Marinha Mercante.

O conhecido jornalista que serviu de moderador encontrou-se, é notório, e como já se disse, em nítida baixa de forma. Com a maior passividade, permitiu, por exemplo que Vítor Gonçalves interrompesse Ruben Rolo de maneira escandalosa, cortando-lhe a exposição e assumindo, por sua vez e abusivamente, a palavra.

Diga-se que a atitude deste sindicalista provou bem como, na prática, se concretizam certas noções de liberdade...

nizações dos trabalhadores mas o tratamento dado à *carta* que foi *aberta* por todos antes que os trabalhadores a pudessem abrir, desmente o seu propósito...

Os trabalhadores — dizem — devem reunir-se para debater os seus problemas mas por outro lado recusam-se a enviar representantes à grande reunião do Instituto Superior Técnico...

Não querem ter representantes seus na Comissão Coordenadora do próximo Congresso de todos os sindicatos — depois afirma-se que a Comissão não é representativa... porque eles não estão lá...

Levantam, por exemplo, o problema da falta de democraticidade nas discussões no seio da Intersindical mas quando Ernesto Cartaxo prova com datas e nomes a existência de democraticidade e a prática da discussão dos problemas, nessa altura o silêncio é a resposta...

O que prova a ausência de estruturas. Não da Intersindical — mas de quem a ataca.

ESTRANHA FORMA DE REDIGIR CARTAS...

...aliás acaba por não se compreender muito bem como é que membros de direcção de sindicatos filiados na Intersindical, tão violentamente venham a opor-se-lhe, em público, não em seu próprio nome deles, mas em representação dessas direcções.

Vejamos:

a) A maioria dos trabalhadores dos bancos e dos escritórios votaram pela filiação na Intersindical;

b) os dois sindicalistas são democratas logo, respeitadores da vontade da maioria;

c) os dois sindicalistas não respeitam a vontade da maioria dos trabalhadores;

d) — logo, totalitários são os outros...

e) — Logo, as direcções dos sindicatos podem dar-se ao luxo de agir não em conformidade com a vontade expressa pelos seus filiados...

O que não deixa de ser uma estranha forma de conceber o sindicalismo...

O PERIGOSO JOGO DAS CARTAS

Que os autores da *Carta Aberta* se apresentem com intenções muito fechadas, eles próprios se encarregam de o provar.

Na sua opinião, a Intersindical existe. Mas não deve ser *reestruturada* porque isso seria admitir que a Intersindical existe, o que não corresponde à verdade. Estão a perceber?

Do que se trata, dizem eles, é de criar, a Intersindical, criar a central única dos trabalhadores. Que se pode chamar ou não Intersindical, provavelmente não se chamaria assim se a meia dúzia significativa de direcções, assinantes da CA, cá tiver ganho a partida...

E porquê, porquê a Intersindical mudaria de nome? Porque, no entender dos sindicalistas presentes (mais propriamente no entender de Vítor Gonçalves) a palavra *Intersindical* tem certas conotações, não sei que *golpismo*...

A fraseologia denuncia a origem partidária da conclusão. Que não deixa de ser, pelo menos, peregrina. Mesmo aceitando a explicação daquele bancário, se um indivíduo e uma organização tivessem de mudar de nome de cada vez que praticam algum erro, há partidos que deviam ir ao registo do Supremo todos os meses e pessoas que deveriam abastecer-se com um alqueire de bilhetes de identidade todos os dias. O meu amigo Zé da Silva, na avaliação de uma situação semelhante, recordava que havia mais que razão suficiente para, dentro da *logica*, mudar o nome a Portugal com base nos 50 anos de salazarismo...

Não. A Intersindical não tem de que se envergonhar pelo seu passado. Esteve no seu posto, durante o fascismo, nas lutas contra o terrorismo do grande capital se temperou. Não direi que é um nome nobre porque não quero meter os trabalhadores em confusões aristocráticas. Mas direi que é um nome honrado.

E que por isso os trabalhadores conscientes lhe querem bem e a defendem.

CARTAS NA MESA: UNIDADE É TRUNFO

Ruben Rolo, a demonstrar uma notável facilidade de ex-

pressão e com uma correcção inexcusable (que o levou a manter-se calmo e superior enquanto abruptamente lhe cortavam a palavra e o pensamento) desmantelou uma série de confusões existentes ainda na cabeça de alguns sindicalistas responsáveis.

Na realidade, a questão que se coloca não é entre a *unidade* e a *unidade*, mas entre a *unidade* e o *pluralismo*. Tudo o mais é um falso problema.

Neste momento, a luta essencial é pela *unidade* e contra o *pluralismo*: os trabalhadores se quiserem responder eficazmente aos ataques da direita e defender as suas conquistas, tem de se unir dentro de uma central única, dentro da Intersindical.

Dizem alguns que a unidade é possível de conseguir com a existência de vários sindicatos dentro de cada actividade. Ruben Rolo demonstrou a dificuldade dessa realização com os exemplos de França e de Itália. Recordemos (viram a *Espiral*, no sábado?) que a acção desestabilizadora da CIA no Chile de consequências trágicas, passou exactamente pelos tais «sindicatos livres»...

Por outro lado, não deixa de ser estranho que primeiro se desuna — para depois se admitir a possibilidade de unir...

AS VEZES

OS ABAIXO-ASSINADOS

PODEM FICAR POR CIMA

Certamente os assinantes da *Carta Aberta* desejam uma *central única*. Mas como pensam consegui-lo — eis o que se torna fortemente nebuloso. A qualquer pessoa de bom-senso se apresenta como altamente perigoso o *baixo-assinado* que eles fazem correr nas empresas. A experiência de certos abaixo-assinados prova a sua natureza de arma de dois gumes. Trata-se, em resumo, de um apelo às maiorias silenciosas, às forças menos politizadas, mais reaccionárias. Pode-se, assim, desencadear um processo altamente perigoso para a democracia. Alguém nos poderá garantir a possibilidade de controlar esse processo, de evitar que ele se volte inclusivamente contra quem o provocou?

A experiência prova que é sempre melhor negociar com os amigos do que favorecer o desencadear da força dos inimigos. Disto não se devem esquecer os trabalhadores dignos desse nome. Todos.



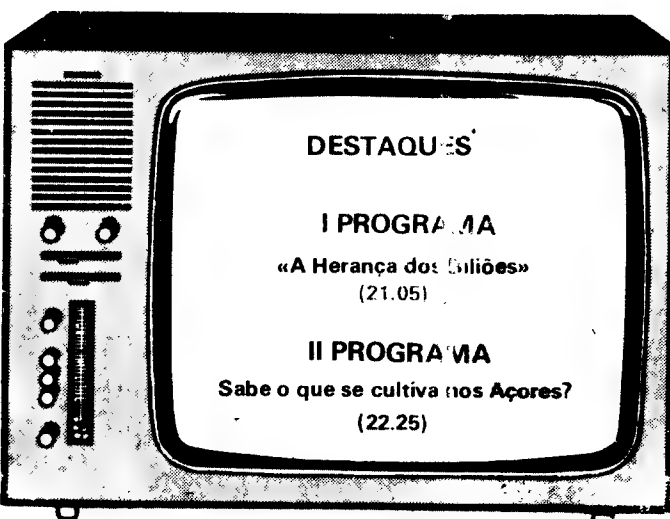
Vista da cidade de Angra do Heroísmo

I PROGRAMA

19.00 Abertura e «A Volta ao Mundo em 80 dias»
19.25 De Génio e Louco
20.05 Educação Permanente
20.15 Vamos jogar no Totobola
20.30 Telejornal — 1.ª edição
21.05 A Herança dos Biliões
22.50 Telejornal — 2.ª edição
23.10 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e «Roman Holidays»
20.30 Fronteiras do Amanhã
20.45 Da saúde e da vida
21.00 «Sweeney»
21.55 Telejornal
22.25 Sabe o que se cultiva nos Açores?
23.10 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

19.00 Abertura e «Vem ver como se faz»; 19.30 Segredos do Mar Vermelho;
20.00 TV Palco; 20.30 Telejornal — 1.ª edição; 21.00 Forças Armadas; 21.30 Se
rie filmada; 22.30 Responde a RTP; 23.00 Telejornal — 2.ª edição; 23.15 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e «Regador Mágico»; 20.30 Ver; 21.00 Todos somos culpados;
22.35 Telejornal; 23.05 Fecho.

TEATRO ABERTO
grupo 4
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
Bertolt Brecht
João Lourenço
14.º MES em cena
DE 3.ª A 6.ª FEIRA
AS 21 e 15 h.
SÁBADO AS 15.30 e
21.15
DOMINGO só às 16 h

ATENAS
UMA SEMANA
na histórica cidade
8 200\$00
visitas incluídas
overbomente reduzido
Partidas
12-9 10-10 7-11
EUROPEIA
a experiência ao serviço do turismo

RESTAURANTE (BAIXA) ALUGA-SE

FRENTE AO TEATRO D. MARIA I
ÁREA 800m2

— Largo D. João da Câmara —

Mostra e Informa a Secção de Informações
da C.P. — Rossio

Em ARGANIL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na
COMARCA DE ARGANIL Rua Oliveira Matos-Praça
Simões Dias

VALE FORMOSO

DOMINGO

DIA 19 DE SETEMBRO DE 1976

Única representação no Porto Vasas de «OZD»
Grupo Amador de Coros e Danças do Sindicato dos Metalúrgicos
da Hungria (S.Z.O.T.) vencedor de prémios internacionais em França,
U.R.S.S., Polónia, Checoslováquia e R.D.A.
Organização — Intersindical com a colaboração do INATEL
Bilhetes a venda na União dos Sindicatos do Porto, delegação
do INATEL no Porto e no próprio dia na bilheteira do cinema.
Preço único: vinte escudos.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ
E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO
PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 12-B - Rua Macau, 8

Desporto

QUE VAI ACONTECER AO BENFICA (HOJE) NA RDA?

Dresden: angústia antes do jantar

NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

Toni e Vitor Baptista, Pietra e Vitor Martins, quatro das principais peças, por distintas razões (nem viera propósito, aqui e agora, referi-las), do Benfica, ficaram em Lisboa. Já devem saber, quase dois dias depois, o que foi a viagem de Portugal para Dresden, a «Florença do Norte», dizem e escrevem os entendidos, mas que custou tanto, tanto a demandar. E que é no Norte (da República Democrática Alemã), não tenham dúvidas; que tem sintomas de poder ser comparada, descontando as proporções, claro, a Florença, também não será hipóbole ou exagero. Mas, caramba, que para aqui chegar se cumprir doze horas de peregrino roteiro, com aviões, metrôpoles, vistos e mais vistos, fechado de autocarro, é muito. E isso: partimos de Lisboa, anteontem, antes do meio-dia, tivemos transbordo em Zuri-

que, seguimos, ainda de avião, para Praga e, depois, foi o cabo dos trabalhos, com a necessidade de um visto para desembarcar, duas horas de compassada espera (sem expectativa) e, respeitadas minuciosamente as obrigações alfandegárias, lá seguimos, então de autocarro, para a R. D. A. A ligação fronteiriça a que os nossos estrangeiros chamam «douane», entre a Checoslováquia e a República Democrática da Alemanha foi, também, demorada, o que se percebe e aceita perfeitamente, salvo quando, como aconteceu então, se está cansado da viagem e se procura e almeja, ardentemente, um quarto, uma cama, o repouso, enfim. A operação, foi materializada sem grandes embaraços, a despeito de morosa, precavida, cautelosa. Para atestar quanto a coisa foi fácil, apesar do cansaço

que todos denotávamos, basta dizer que ninguém reclamou, ninguém se enfadou. Mas o que aconteceu quando, finalmente, chegámos a Dresden, é inenarrável, apenas por isto: foi estender-se na cama e fechar os olhos (por uma noite bem dormida, claro).

Fica este pormenor como introdução, por duas razões: porque se torna necessário avisar os leitores para a importância e o tempo que se economiza (além dos transtornos que não se vivem) com os vistos em ordem, tratados em Lisboa — o que, aconteceu, relativamente à R. D. A., ao enviado do «D. L.» e ao camarada António Castro, do «Mundo Desportivo», que antes de largarem de Portugal se dirigiram a embaixada daquele (deste) país em Lisboa, mas foram retidos, voluntariamente retidos na alfândega para não se separar dos outros membros da comitiva — e, como não podia deixar de ser, para lhes lembrar que as autoridades dos países socialistas, como constatamos aqui e em Praga, são inflexíveis no cumprimento escrupuloso da lei, amáveis e delicadas, mas nunca, isso nunca, contemporizadoras em circunstâncias como esta.

AMADORES OU PROFISSIONAIS?

A equipa encarnada já apal-pou o relvado onde hoje, pelas 17 e 30, iniciará mais uma participação na Taça dos Campeões Europeus, e logo contra um adversário que nas suas fileiras tem, nada mais nada menos, que sete internacionais a que chamam «amadores», mas que, em técnica, fibra, capacidade e valor nada ficam a dever ao melhor dos elementos do Benfica (quem é?), como o demonstraram nos Jogos Olímpicos de Montreal, apoderando-se da medalha de ouro (lembram-se da final com a U. R. S. S.? Aquela «revanche»...).

Já ontem, aliás, lhes fornecemos uma ideia bastante

aproximada dos jogadores mais influentes da equipa, que nada ficam a dever aos que, ainda há pouco tempo, militando no Lokomotiv de Leipzig, no Vorwaerts e neste Dinamo, puseram na «urna» equipas portuguesas, dando-se até a circunstâncias dos encarnados já terem sido eliminados pelas duas primeiras equipas. Mas se isso não for suficiente, e sem lembrar o Magdeburgo ou o Carl Zeiss Jena (equipas, em contrapartida, eliminadas pelos portugueses) equipas também caras ao futebol português, se os sete internacionais realçados não convencerem, se o «ouro» do Canadá não impressionar, então detenham-se, por favor, na preparação física (que os encarnados parece não possuírem) de todos os germânicos e na impossibilidade de «encaixe» do nosso futebol no da R. D. A. As conclusões não são difíceis, e os resultados tornam-se dolorosos.

O que aqui escrevemos, ou deixamos transparecer, é, em fim de contas, uma previsão em relação às dificuldades que o Benfica vai defrontar aqui, no Estádio Rudolf Harbig, perante, ao que se presume, mais de 60 mil pessoas, e que bem podem funcionar em seu detrimento. Optimismo, só, sem mais nem menos, não chega, e ao adiantar todas estas questões, naturalmente precauções (há sempre «milagres»), até nem esqueçamos que as competições europeias deste estirpe, normalmente, nada têm (ou pouco, mesmo pouco) de comum com o que se passa intramuros (lembro até o que se passa em relação ao Bayern: apagado no seu país, aureolado e possante na Europa). Mas o Benfica-de-hoje não é, decididamente não é, nem por sombras nem por trejeitos, aquele de há épocas. E o Dinamo de Dresden, que também não é o mesmo de há cinco e seis anos antes, é hoje uma equipa espantosa. Em plena e demolidora ascendência,



Chalana: «motor de explosão» sábado, poderá ser esta tarde, em Dresden, o «motor de arranque» para um resultado airoso. E, no entanto, a mais jovem esperança encarnada

contrastando com os encarnados, mais descendentes que nunca (nos últimos quinze anos, claro).

ANGÚSTIA ATÉ ÀS VINTE

Para terem uma ideia da importância, que chega a pormenores verdadeiramente admiráveis, atribuída pelos «profissionais» do Dinamo ao jogo de hoje e ao apositor valoroso que para o seu técnico o Benfica representa, vejamos que tem passado, nos últimos dias, no seu local de estágio, o jogo que os encarnados disputaram com o Sporting em Alvalade. As fases mais emotivas e interessantes que o desafio então teve são hoje aqui rememoriadas, passadas minuciosamente, de acordo com os métodos de trabalho do treinador Walter Fritsch.

Borges Coutinho, menos taciturno que Mortimore, acredita num bom resultado, do mesmo modo que outros responsáveis pela equipa. Mas que poderá ser, para o Benfica, um bom resultado? Contra uma equipa de tal força, que além dos «famosos» ontem referenciados, tem Hans-Jürgen Dörner, 25 anos, «libero», Dieter Riddel, 29, dianteiro-central e Hafner, também internacional e «velho» no xadrez, embora com 24 anos, e mais, não sabemos, francamente, o que possa ser «um bom resultado» perante este colosso do futebol socialista, quatro vezes campeão do seu país (1953, 71, 73 e

76), vedeta do chute na R. D. A. por diversas e bem fortes razões, que passam (as razões) pelo desenvolvimento físico a sério e uma prática desportiva acendrada, como o demonstram as suas escolas formativas, as crianças que fazem do desporto uma outra vida, a disseminação de técnicos, as instalações, os conjuntos (82 mil), os ginásios, os pavilhões gimnodesportivos, enfim, tudo muito a sério, muito bem organizado, associativamente escalonado.

Quem lhes poderia dizer algo mais seria Mortimore, que viu esta equipa, sábado, empatar (2-2) em Carl Marxstad, que já adiantou tratar-se de um excelente conjunto, que o ano passado foi eliminado, nas meias-finais da Taça U. E. F. A., pelo Liverpool (com muito azar), e que, neste momento, lidera o campeonato do seu país com os mesmos pontos do Vorwaerts e Carl Zeiss.

Perder aqui, por poucos (um golito, até dois), seria, já, bom para o Benfica, sobretudo se a sua linha atacante funcionasse em termos práticos na «contrapartida», porque esta defensiva, pelo que averiguamos, também dá as suas «balas».

Como apontamento final (e elucidativo) lembremos que o Dinamo venceu o Campeonato da R. D. A. com seis pontos de vantagem sobre o outro Dinamo (de Berlim), sete do Magdeburgo e 12 sobre o Carl Zeiss, e com um «goal-average» de 43-9 em 26 jogos.

OS HOMENS

Shêu ligeiramente tocado, Messias providencialmente no compartimento defensivo (após significativa ausência) e Artur como hipótese de ser «incrustado» na intermediária com a específica missão de se afoitar (pouco) e recuar (muito) nos momentos de assédio alemão, vendo Malta da Silva como lateral direito, são hipóteses a considerar aqui, ao adiantarmos, em jeito de previsão, a equipa que hoje descerá ao «Rudolf Carbig» inicialmente. Mortimore, precavido e circunspecto, pouco «esclareceu» a questão, a dúvida e a angústia.

Mas, reservando a Chalana, aparentemente, uma função difícil e crente, o técnico inglês, se outras alterações de última hora não operar, poderá fazer alinhar a equipa assim: Bento; Artur, Barros, Messias e Bastos Lopes; Chalana, Shêu (se recuperar) e Romeu; Nenê, José Domingos e Moínhos. Como suplente teremos Alvaro, Malta da Silva (com largas hipóteses de jogar), Eurico, José Luis e Diamantino. Tanto Eurico como Diamantino também podem funcionar logo no começo do prélio.

Os «dinamos» devem constituir (como em Carl Marxstad) como segue: Boden; Weber, Dörner, Schuck e Watzlich; Hagner, Schade e Kreitsch; Riedel, Kotte Heider, e a suplentes Sachse, Ganzera, Richeter, K. Muller e M. Muller (irmãos). Todos os elementos da equipa prevista além de Richter são nossos conhecidos, e não só de Montreal. Já antes os vimos, e o F. C. do Porto, de há duas temporadas ainda não esqueceu os seus nomes.

O árbitro é austríaco e chama-se Wohrer.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os candidatos a estágio do ano lectivo 76/77 para um plenário a realizar quinta-feira dia 16/9/76 pelas 17 horas, na Rua das Gaivotas, 2 com a seguinte ordem de trabalhos:

— Análise da resposta dada pelo MEIC face ao pedido de revogação do despacho 79-B/76.

O SECRETARIADO DO SECTOR

GALATI ANFITRIÃO DO BOAVISTA

Versão romena do Académico de Coimbra

— segundo um estudante angolano

LUIS DE MIRANDA ROCHA nosso enviado especial

BUCARESTE, 15 — (por telex) — Que símbolo — 1, X ou 2 — terá a maioria dos romenos escrito na casa do Galati-Boavista, segunda do «pron» especial de 15 de Setembro para a jornada europeia? E, já agora, na do Dresden-Benfica, que também conta e vem em penúltimo lugar? De parte isto, de que Neves de Sousa fala desde Dresden, ele, podemos calcular que os mais dos romenos atentos e interessados nestas coisas vaticinam certamente uma derrota para o Galati. Uma, duas dezenas de pessoas com quem temos falado sobre o assunto, tanto aqui como em Galati, pensam que o Boavista é adversário forte demais para os romenos, e os próprios dirigentes do Ga-

lati, ainda ontem à tarde em conversa connosco na sede do clube, nos disseram que não são muitas as esperanças de passar à eliminatória seguinte. No Boavista predominam o optimismo e a confiança. Mas um estudante angolano da Universidade de Galati (a que a equipa pertence) era de outra opinião.

«Eles jogam bem. Pelo que sei, é qualquer coisa de parecido com o Académico de Coimbra».

E não só, deve dizer-se, no que respeita a bem jogar. Aqui é preciso acrescentar do que se trata o Galati. É o C.S.U. Galati por extenso, clube desportivo da Universidade de Galati. Associação desportiva fundada em 1951, outras modali-

dades que não o futebol (o andebol, o basquetebol) ocupam-na como actividades de interesse principal. Quanto ao futebol, em 26 anos de existência o C.S.U. Galati só por duas épocas (67-68 e 70-71) esteve na primeira divisão. Equipa amadora no sentido mais largo da palavra, integrando estudantes e professores da universidade local. Não há associados, o clube vive dos financiamentos do Ministério da Educação. Este ano é a primeira vez que disputa uma prova europeia. Deve-o aos excelentes resultados que fez na época passada para a Taça da Roménia, quando eliminou quatro clubes da primeira divisão e só veio a perder com o campeão no último jogo.

Na época presente o Universitário de Galati não está a ser feliz. Perdeu os dois primeiros jogos da sua liga e só ganhou o terceiro, no último domingo, frente ao Olimpia Sarat, por 0-1.

«A equipa está fatigada» disseram-nos os seus dirigentes, que temem naturalmente o confronto com o Boavista e estão apreensivos sobretudo com um rematador: Salvador de seu nome.

8 A equipa do Boavista, que chegou a Bucareste domingo à noite e foi a seguir para Galati quatro horas de autocarro, esteve sempre instalada no Hotel Dunareia: é também, além do nome Romeno para o rio que passa na cidade, o nome

Continua na pág. 17

Desporto

U.E.F.A.: BELENENSES-BARCELONA ÀS 21 E 30

A "corda na garganta" antes da meia-noite?

Mesmo sem Cruiff e, provavelmente, sem Marcial nem Rexach, o Barcelona de hoje, da época presente, deve retirar esta noite do Restelo com a eliminatória praticamente resolvida a seu favor. O sorteio foi madrástico e intolerante para com o Belenenses, ao ditar-lhe, logo no primeiro confronto europeu, um conjunto da envergadura do «Barça» de Cruiff que, repetimos, não joga esta noite, Neeskens, Herédia e Clares, atacantes em força e de potente fôlego, e homem que, embora possa passar despercebido à maioria dos amantes do couro português, era, antes de se transferir há duas épocas para a equipa catalã, elemento decisivo no Valência. Keita pode dizê-lo. Ora, preocupação para o departamento defensivo de Belém não é, não pode ser, só Clares, Sotil Herédia, com Neeskens recuado (também de fácil disparo) são homena a marcar. A tarefa que incumbe aos subordinados de Carlos Silva parece-nos ingente, árdua e irrealizável.

A derrota de Santander não altera, em nada, os dados da questão, assemelhando-se a uma espécie de desaire para uma equipa que não está decididamente talhada para campos encharcados. Isso não vai acontecer, hoje, em Belém e, portanto, vejamos lá os espinhos que se apresentam aos homens da cruz de Cristo (que lhes valha hoje). Foi ingrato, repetimos, o sorteio, ao limpar: ao Belenenses do imbricador da temporada este adversário, inquestionavelmente o mais difícil e incómodo para qual-

quer equipa com veleidades. Mesmo sendo portuguesa, de hoje e aqui, em Lisboa (e sobretudo em Lisboa). Uma jornada miraculosa dos homens de Belém, uma noite pálida dos catalães (o que nos parece muita coincidência), só esses dois dados conjugados, poderiam inverter o fatalismo que representa ter de defrontar o «Barça», e inclinar os pratos da balança a favor dos pupillos de Silva. Vai acontecer isso?

Não teremos, pelo contrário, os catalães a reiterarem a sua actuação de há nove dias contra o Las Palmas, em Barcelona, em que Cruiff e seus comparsas obrigaram o guarda-canarinho a procurar quatro vezes o esférico no fundo das redes? E veja-se: o encontro aparece quando o Belenenses, que em Espanha rubricou algumas exibições auspiciosas, mesmo contra equipas da II Liga (Oviedo e Gijón), ou nas derrotas por que se saldaram os encontros de Salamanca e Santander, se vê obrigado a formar equipa sem Vasques nem Jesus, Godinho e Artur Jorge, já para não lembrar a perda que representa de uma assentada as «deserções» de Freitas e Pietra. É muito, muito azar para que os homens do Restelo possam contrariar estes possantes, talentosos e quase imbatíveis, em condições normais, catalães.

«ESPIONAGEM»

Carlos Silva observou a equipa espanhola em Santander e terá, bem entendido, as suas ideias. Montará o esquema que mais lhe parece ade-

quado a poder travar o ímpeto (e a categoria?) dos jogadores do «Braga», mas, mesmo assim, a missão afigura-se-nos impossível (repetimos: em condições normais). E se o Belenenses pode argumentar que as ausências dos elementos acima referidos pesam no valor e na estrutura conjuntural, o mesmo pode dizer a equipa espanhola, que além de Cruiff e Marcial e (muito) provavelmente Rexach, ainda não pode dispor de Martinez e Botella, reforços que, juntamente com Ramos e Mazizo, adquiriu há dois meses.

Ainda no capítulo da «espionagem» os «trunfos» são perfeitamente equiparáveis: Carlos Silva esteve na região basca, Rodri deu um salto ao Restelo e no decorrer do Belenenses-Estoril extraiu do que observou e prescreveu as ilações que as circunstâncias impunham. Razão para pôr uma questão: empatados nesse campo não poderão ajustar, aqui e hoje, uma igualdade que, sem hipotecar os objectivos e aspirações catalães, satisfaria em parte o actual momento azul?

Aconteça o que acontecer, parece residir no espectáculo que Neeskens e seus acompanhantes possam apresentar o interesse-mor do encontro, que começa às 21 e 30 e não é de «prognóstico reservado». Por mais reganhada que seja a resistência azul os «soldados» catalães cumprirão, hoje, a primeira parte de uma «operação» que culminará em Barcelona com o apuramento dos «espanhóis, mesmo que se torne necessário uma «cesariana» (explicação imediata: prolongamento). Se assim for, tendo em conta, com toda a verdade (observação: em condições normais), é a cotação de Belém que sobe no mercado espanhol, e que, com juro, pode proporcionar outros confrontos amistosos no país vizinho lá para o Verão que há-de vir.

Entretanto, torna-se urgente falar de outros jogadores espanhóis, sobretudo da retaguarda (Costas e De la Cruz são implacáveis, com excelente tempo de entrada e potenciais triunfadores do «esférico aéreo»), e, na dianteira, particularmente de Hugo Sotil, peruano da melhor escola técnico-futebolística que rende amigadas vezes Cruiff quando não é titular, mas que não funciona só nesse

compartimento: é também um centrocampista fulgurante, e quando entra é para reforçar a linha média ou a dianteira. Isso acontece quando o «Barça» não pode perder e visa catapultar a equipa para um ataque demolidor, como sucedeu em Santander nos minutos finais. Damas bem o sentiu, e Sotil muito rematou.

FIGURAS

Além dos futebolistas já enunciados, outros, naturalmente, viajaram ontem para Lisboa, encontrando-se num hotel de Sintra, após terem visitado e tomado contacto esta manhã com a relva do Restelo. Entre esses outros encontram-se Asensi, Mora (guardião), Migueli e Amarillo. A equipa que inicialmente descerá ao terreno deve constituir do mesmo modo que em Santander, isto é: Mora; Ramos, Migueli, Costas e De la Cruz; Neeskens, Mazizo, Tomé e Asensi; Herédia; Sotil e Clares. Com eles viajaram para Lisboa, além do presidente, Agustín Montal, e de outros dirigentes, bem como Rodri (adjunto de Rinus Michels), um relator desportivo, o dr. Joaquim Puyal, que transmitirá o encontro em catalão para toda aquela região (acontecimento que pela primeira vez, a nível internacional, figura nos serviços da Radifusão Espanhola), e o chefe de Redacção do semanário catalão da especialidade «Don Balón», Francisco Peris, sem esquecer Rexach e, provavelmente, cerca de um décimo dos sócios da equipa, em número que deve rondar os seis mil, que para o efeito se deslocarão por todos os meios ao seu alcance.

Após as sessões preparativas e de «mise au point» de ontem e anteontem, com estágio (bem necessário) de permissão, Carlos Silva deu já a conhecer a equipa que defrontará o Barcelona, e que, salvo qualquer alteração de última hora, deve formar assim: Melo; Sambinha, Ouaressma, Horta e Cardoso; Isidro, Esmoriz e Rocha; Johnny, Alfredo e González. No banco dos suplentes poderão ver Figueiredo, Amaral, Lima e Pincho.

É escocês, chama-se Gordon e, claro, vai apitar a partida. Esperemos que sem motivos para reparos.

JÚLIO RODRIGUES

BOAVISTA EM GALATI

Continuação da pág. 16

do estádio onde as duas equipas se defrontam. O Boavista foi lá treinar segunda e terça de manhã. O estádio comporta vinte mil pessoas aproximadamente. O Galati escolheu o (não lhe pertence: ele tem o seu Universitário) prevendo uma enchente.

O jogo começa em Galati às 16 horas (15 de Lisboa). Isto quer dizer que, quando o jornal chegar à mão do leitor está o desafio para começar, já começou ou acabou mesmo. A título de curiosidade: estudantes de Angola, bolseiros na Roménia, vão assistir. E alguns «torcer» pelo Boavista, segundo me disseram.

Na comitiva do Boavista não há problemas. Mário Wilson e os seus pupillos estão, como disse, optimistas e confiantes. Não consegui falar com o técnico do Galati, Zaharia Ion. Falei com dirigentes: mostraram-se reservados.

HÁ MAIS

Além do Galati-Boavista, que começa às 16 horas romenas (15 de Lisboa), isto é, poucos minutos depois do cidadão romeno sair da fábrica, do escritório ou da oficina, teremos ainda, mas radiofonicamente, o jogo que o Estrela de Bucareste, também conhecido por Steua (em romeno), como campeão nacional, efectua na parte flamenga (Bélgica) de Brugge, contra o Bruges dos terríveis Lambert e Lefevre, além de Bastijns. E, como se estes três encontros não chegassem, mais dois outros decorrerão sensivelmente à mesma hora, e ambos para a Taça UEFA: Sportul-Olimpiakos do

Pireu (Grécia), em Bucareste, e Tírgul de Mures-Dinamo de Zagreb.

Portanto, futebol é assunto para hoje para mais semanas, porque de todas estas equipas, a que, menos possibilidades apresenta de marchar para a eliminatória que se segue é, sem dúvida, o Galati. Todavia, nunca acreditaram em excesso, porque equipa que se deixa derrotar, após porfiada resistência e excelente actuação pelo Steua (Estrela) tem indubitavelmente categoria, classe, fibra.

As equipas para esta tarde: GALATI — Tanase; Pascuale, Olteniu, Marta e Sarpe; Cotiga, Paunescu e Dobre; Cramer, Marinescu e Georgescu.

BOAVISTA — Botelho; Trindade, Mário João, Artur e Amaral; Barbosa, Albertino e Nogueira; F. Mário, Mané e Salvador.

Arbitrará o cipriota Xanthoulis.

Em suma, são estes os apontamentos para hoje, reafirmando que o Galati é um conjunto da II Divisão romena, que os jogadores estão todos em férias escolares à excepção de Olteniu (que trabalha a sério e no duro, mesmo como engenheiro electrotécnico que é), que o presidente do CSU é professor na Faculdade de Indústria Alimentar da Universidade local (Escola Politécnica), que Valentim Loureiro deixou em Lisboa dezenas de garrafas de Vinho do Porto com que pretendia obsequiar os anfitriões da equipa, que mesmo ao alcance do Boavista o Galati não vai ser tão acessível como parece. Mário Wilson não se tem cansado de advertir para os malefícios, dirigindo-se sobretudo aos adeptos axadrezados, de um optimismo exacerbado. Mas esse reina mesmo entre quase todos, no «Hotel Turist».

Agostinho recupera

O espanhol Enrique Cima venceu a sexta etapa da Volta à Catalunha em bicicleta, disputada ontem entre Playa de Aro e San Celon, na distância de 149,5 quilómetros, com o tempo de quatro horas, 31 minutos e um segundo. Joaquim Agostinho classificou-se em décimo-quinto lugar, enquanto Fernando Mendes cortou a linha de chegada em 36. Os seus tempos foram de 4.35, 27 e 4.49, 27, respectivamente. Na classificação geral individual Agostinho é, agora, o 21.º com 29 horas, 53 minutos e 16 segundos. Por seu turno, Fernando Mendes ocupa o 43.º lugar, com 30.26.21.

A Enrique Cima seguiu-

PORTUGAL

ESTAFETA

Vai disputar-se, pela primeira vez, a estafeta Braga-Barcelos, na distância de 22 quilómetros, para a qual foram convidadas todas as associações do continente. A prova

terá lugar na manhã do próximo dia 19, com partida do Estádio 1.º de Maio e chegada à quinta do Aparício, em Barcelos. Cerca de 40 taças serão distribuídas às equipas e individualmente. A estafeta Braga-Barcelos tem o apoio da Federação Portuguesa de Atletismo, do Governo Civil de Braga e das Câmaras Municipais

ram-se: 2.º Marcelo Bergamo, Itália, com o mesmo tempo; 3.º Roger de Vlaeminck, Bélgica, m. t.; 4.º Domingo Perurena, Espanha, m. t.; 5.º Pedro Torres, Espanha, m. t.; 6.º Joseph Fuchs, Suíça, m. t.; 7.º Agustín Tamames, Espanha, m. t.; 8.º António Martos, Espanha, m. t.

Classificação geral individual após a etapa de ontem: 1.º Martinez Herédia, 29 horas, 44 minutos e 20 segundos; 2.º Roland de Witte, Holanda, 29.45.54; 3.º Cima, 29.46.49; 4.º De Vlaeminck, 29.46.55; 5.º Torres, 29.46.56; 6.º Tamames, 29.47.16; 7.º Fuchs, 29.47.20; e 8.º Perurena, 29.47.42.

MUNDIAL DE HÓQUEI EM PATINS

Portugal:
quem é o "senhor"
que se segue?

Portugal, 11-Nova Zelândia 2. No quarto dia do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins que decorre em Oviedo, e no qual ainda vamos com um ponto (sacrificado contra os germânicos) de atraso em relação aos espanhóis. Encontro que não se revestia de grandes dificuldades para o nosso «cinco», e prognóstico que, sobretudo quanto a golos, se amolda perfeitamente ao previsto. A resistência dos neozelandeses, escassa e débil, durou os primeiros cinco minutos. Depois, mais cinco e meio e, após o segundo tento, a equipa rebentou pelas «costuras».

Livramento esteve 10 minutos em campo e, quando foi rendido, não por retraction ou recaída da lesão, mas por questões de ordem estratégica e necessidade de repouso e, até para que não corresse o risco de agravamento. Quando abandonou o campo, tinha criado condições, cansando os neozelandeses, para a vitória, que ao intervalo já era pronunciada: 4-0. Os sete tentos da segunda metade do encontro foram possíveis, não só pela maior abertura proporcionada pelos neozelandeses, eufóricos pelo primeiro golo conseguido, como ainda porque o rendimento do conjunto luso subiu de escala, mercê de maior velocidade e menor marcação cerrada por parte dos vencidos.

Com arbitragem de Etbelteis (Holanda), as equipas alinharam:

PORTUGAL — Ramalheira; Rendeiro, Garrancho (Casimiro aos 31 m); Livramento (Salema aos 10 m) e Chana (Garrancho aos 37 m).

NOVA ZELÂNDIA — C. Lovich; Heayns, Duckworth, Mackie, Sneddon, Money e J. Lovich.

Ao intervalo: 4-0. Marcha do marcador: Livramento, 1-0 (6 m); Rendeiro, 2-0 (11.30); Chana, 3-0 (17 m); Salema, 4-0 (17.15); Chana, 5-0 (24.30); Mackie, 1-5 (27 m); Chana, 6-1 (28 m); Chana, 7-1 (30 m); Salema, 8-1 (30.15); Chana, 9-1 (31 m); Duckworth, 2-9 (32 m); Chana, 10-2 (37 m) e Salema, 11-2 (39 m).

OUTROS RESULTADOS

Nos outros encontros apuraram-se os seguintes resultados: Itália-Nova Zelândia, 9-2; Japão-França, 0-4; Itália-Alemanha, 0-0; Nova Zelândia-Estados Unidos, 1-7; Espanha-Holanda, 5-1; Argentina-Brasil, 3-1; França-Estados Unidos, 2-6; Austrália-Japão, 7-0; Alemanha-Brasil, 4-1; Holanda-Argentina, 3-5; Espanha-Itália, 13-0.

Classificação: Espanha 10 pontos; Portugal, 9; Argentina, 6; Alemanha, 6; Itália, 6; Estados Unidos, 5; Austrália, 4; Brasil, 4; França, 3; Holanda, 1; Japão, 0 e Nova Zelândia 0.

PUB

SINDICATO DE GARAGENS, POSTOS DE ABASTECIMENTO, TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

Abrangendo os distritos de Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Leiria, Portalegre, Santarém e Setúbal

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 45, 1.º — LISBOA
Telefones: 83 93 18/84 86 33

COMUNICADO

Não podem os associados deste Sindicato ficar indiferentes perante o tom insultuoso e de ameaça contra a classe trabalhadora, utilizado pelo Primeiro Ministro, Dr. Mário Soares, no seu discurso de 9-9-76.

Repudiamos:

- Intervenção do Governo na Lei Sindical
- A entrega das empresas em auto-gestão (recuperadas pelos trabalhadores) aos patrões
- A ameaça de destituição de empresas
- Perda de regalias da previdência (órgão cuja administração à muito os trabalhadores exigiram)
- Ataques à Reforma Agrária.

São medidas que os associados deste Sindicato consideram ser contra os interesses do povo deste país.

Como única resposta, apelamos a todos os trabalhadores que estejam unidos nos seus Sindicatos.

Apelamos igualmente aos Dirigentes Sindicais pela unidade num grande Congresso de todos os Sindicatos.

Lisboa, 14 de Setembro de 1976

OS CORPOS GERENTES

Nacional

Luz para três aldeias

No passado domingo, quando da sua visita a Ponte de Lima para participar na homenagem ao general Norton de Matos, o secretário de Estado da População e Emprego, eng. Tito de Morais, recebeu a Comissão Interjuntas para Electrificação do Concelho, que quis agradecer pessoalmente a este membro do Governo o despacho que permitiu o subsídio, através do Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego, destinado à electrificação das freguesias de Gemieira, Beiral e Gondufe.

Este importante melhoramento tornava-se indispensável à criação de novos postos de trabalho, contribuindo assim para uma acentuada melhoria económica naquela região.

M.O.P. preocupado com falta de água

«Os actuais sistemas de abastecimento de água potável ao País são muito deficientes e, apesar das muitas obras já feitas e outras em curso, há grandes dificuldades de abastecimento», afirma uma nota do Ministério das Obras Públicas, departamento que está a desenvolver uma campanha com o objectivo de levar os consumidores a controlarem os seus gastos.

A campanha, feita através da Secretaria de Estado dos Recursos Hídricos e Saneamento Básico, coincide com o período chamado de «segunda estiagem», no qual, em fim de Verão, se procede a grandes limpezas anuais, registando-se senível acréscimo do consumo de água canalizada.

O Ministério das Obras Públicas refere-se a várias medidas tendentes a superar as limitações da água, nomeadamente o conveniente planeamento, a racional distribuição dos recursos existentes, a defesa intransigente das águas de superfície e subterrâneas contra a poluição e ainda a utilização das águas residuais depois de tratadas.

NOTARIADO PORTUGUÊS DÉCIMO SEXTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Notário — Lic Fernando Lopes Correia Semedo

Av. Almirante Reis, N.º 104, 1.º «Raimundo e Raimundo, Limitada»

Faço público que por escritura de vinte e cinco de Agosto, último, exarada de folhas noventa e seis, verso, a folhas noventa e sete, verso, do livro CEMTO E SESENTA, das notas deste cartório, foi aumentado o capital social, da sociedade em epígrafe que era de CEM MIL ESCUDOS para um MILHÃO DE ESCUDOS, sendo o valor do aumento, ou seja a importância de novecentos mil escudos, inteiramente subscrita em dinheiro pelos sócios, na proporção de quatrocentos e noventa e cinco mil escudos pelo sócio MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES PEREIRA RAIMUNDO e quatrocentos e cinco mil escudos pelo sócio RAIMUNDO FRADE RAIMUNDO, em reforço das suas quotas.

Que, pela mesma escritura foram alterados os artigos «Terceiro» e «Quarto» do respectivo pacto os quais passaram a ter a seguinte redacção: TERCEIRO

O capital social é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e demais bens e valores sociais e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: — uma de quinhentos mil escudos do sócio Raimundo Frade Raimundo e outra de quinhentos mil escudos do sócio Maria de Fátima Gonçalves Pereira Raimundo.

QUARTO Ambos os sócios são gerentes sem caução e com ou sem remuneração conforme deliberação em assembleia geral; — para obrigar validamente a sociedade, basta a assinatura de qualquer dos gerentes.

Está conforme, nada havendo que modifique, condicione ou restrinja a parte transcrita.

Lisboa, aos três de Setembro de mil novecentos e setenta e seis.

Rasurado: «quatrocentos».

Ao acto, que teve lugar na Câmara Municipal de Ponte de Lima, estiveram presentes, entre outras individualidades, o governador civil cessante, bem como o seu próximo substituto, dr. Oliveira e Silva; o presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal; e delegações de todas as freguesias.

Vendedores ambulantes reclamam espaço

A Comissão Administrativa do Metropolitano de Lisboa divulgou um aviso em que os vendedores ambulantes são convidados a desocuparem as galerias e os acessos das estações, para os reservar exclusivamente ao público.

O aviso acrescenta que «este problema vai ser posto à consideração das entidades competentes», mas admite-se a possibilidade de ser autorizada, a título precário, a venda de artigos artesanais que ocupem pequenos espaços.

Por sua vez os vendedores

ambulantes exigiram ontem, no decurso de uma concentração efectuada ao fim da tarde no Rossio, que lhes seja dada «a possibilidade de vender nos locais em que haja passagem pública frequente».

Em consequência do protesto contra as recentes medidas governamentais que interditam a venda ambulante em certas zonas do centro de Lisboa, os vendedores exigiram também uma participação activa na definição de um «estatuto» que legalize a sua actividade.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	EFEC.	COMPRA	VENDA
OBRIGAÇÕES DO ESTADO			
Cons. 23/4 %	—	275\$	—
Cons. 3 %	—	300\$	—
Cons. 3 1/2 %	—	350\$	—
Centenários	—	800\$	—
Tes. 5 %	—	785\$	—
Tes. 10 %	500\$	500\$	505\$
Extern. 1.ª - s.	—	450\$	—
Extern. 1.ª - c.	—	450\$	—
Extern. 3.ª - s.	—	460\$	—
Extern. 3.ª - c.	—	500\$	—
Caut. 3.ª - s.	—	—	140\$
FUNDOS PÚBLICOS			
A. Lx. 6 %	—	730\$	—
C.M.L. 5 3/4 %	—	740\$	—
C.P. 5 1/2 % - 67	—	600\$	700\$
C.P. 5 1/2 % - 68	—	590\$	—
C.P. 5 1/2 % - 69	—	610\$	—
Corr. 5 3/4 %	740\$	730\$	—
Metr. 5 3/4 %	—	810\$	—
Tur. 5 3/4 %	—	850\$	—
C.P. 6 3/4 %	750\$	740\$	760\$
ELÉCTRICAS			
G. 5 % - 58	—	—	680\$
G. 5 % - 59	—	640\$	—
G. 5 % - 62	—	—	—
G. 5 % - 63	—	—	—
G. 5 % - 64	—	—	—
G. 5 % - 65	—	—	—
G. 6 % - 67	—	720\$	—
G. 6 % - 69	—	710\$	—
G. 7 %	—	870\$	900\$
H.E.A.A. 5 %	—	550\$	—
H.E.C. 5 %	—	700\$	—
H.E.C. 6 %	—	710\$	—
H.E.D. 5 %	—	580\$	—
H.E.D. 6 %	—	710\$	—
H.E.N.P. 5 %	—	740\$	—
H.E.S.E. 5 %	—	680\$	—
H.E.S.E. 6 %	—	630\$	—
H.E.Zz. 6 %	—	730\$	—
N. Elec. 5 %	—	570\$	—
N. Elec. 6 %	—	650\$	—
Termoel. 5 %	—	550\$	—
U.E.P. 5 % - 60	—	—	—
U.E.P. 5 % - 63	—	—	—
U.E.P. 6 %	—	700\$	—
U.E.P. 7 %	—	700\$	—
DIVERSAS			
A.P.T. 5 % - 56	—	690\$	—
A.P.T. 5 % - 58	—	670\$	—
Lisnave 6 %	—	730\$	—
Nitratos - 60	—	610\$	—
Pet. 2.ª e 3.ª	—	—	—
Sacor 7 %	—	800\$	—
Sacor 5 %	—	—	—
Sacor 5 % - 60	—	750\$	—
Sid. 5 % - 2.ª	—	630\$	—
Sid. 5 % - 3.ª	—	620\$	—
Sid. 5 % - 4.ª	—	620\$	—
Socel 5 %	—	—	—
R. Fabril - 67	—	720\$	—
R. Fabril - 68	—	710\$	—
ULTRAMARINAS			
Carbonif. 5 %	—	—	—
Rev. 5 % - 57	—	—	—
Rev. 5 % - 59-60	—	—	—
Mocambique 5 %	—	—	—
Sonefe 5 %	—	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTOS			
Atlântico	—	—	—
F.I.D.E.S.	—	—	—

PEANUTS

ELA QUERIA VIVER NO CANADÁ.



ELE QUERIA VIVER NO MÉXICO. POR ISSO, SEPARARAM-SE.



ANOS DEPOIS, QUANDO LHE PERGUNTARAM A RAZÃO, RESPONDEU SIMPLEMENTE...



NÃO GOSTAVA DA LATITUDE DELE.



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava muito nublado a norte do Tejo e pouco nublado ou limpo a sul deste rio. O vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H.

PORTO 15°
COIMBRA 16°
PORTALEGRE 13°
LISBOA 19°
FARO 20°
FUNCHAL 21°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE
Máxima 26,4°
PENHAS DA SAUDE
Minima 4,4°

MARÉS DE HOJE

PREA-MAR	BAIXA-MAR
7.45 3,5 m	1.05 1,6 m
20.12 3,3 m	13.33 1,7 m
Dia 16	
8.40 3,3 m	1.56 1,8 m
21.22 3,2 m	14.38 1,9 m
Dia 17	
10.06 3,2 m	3.10 1,9 m
22.59 3,1 m	16.07 1,9 m

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado nas regiões do norte e centro, e pouco nublado ou limpo nas regiões do sul. Vento fraco ou moderado de noroeste.

AMANHÃ
NASCER AS 7.19
OCASO AS 19.43

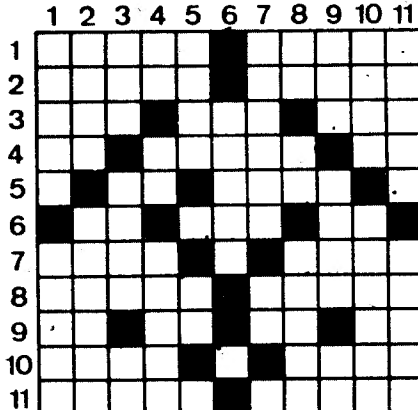


palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11471

HORizontAIS:

- Qualidades. Viela.
- Gasta. Enganos.
- Enguia. Ópera em quatro actos e seis quadros, poema de D'Ennery e música de Massenet (1885). Falda.
- Nota musical. Mamíferos da família dos Cárvidas. Sufixo que designa estado.
- Atmosfera. Estimam.
- Cloro (s.q.). Ligue. Campeão.
- Jogo popular. Peixe do Algarve.
- Bebida alcoólica da Índia e da América fermentando arroz. Aventura.
- Idem. Preposição e artigo definido. Nota musical. Reis.
- Tombas. Vais pelo ar com grande velocidade.
- Macacos americanos. Cidade de Itália.



VERTICAIS:

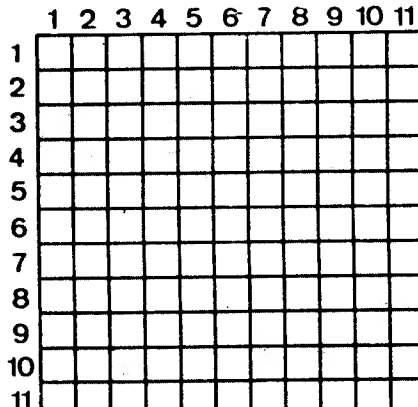
- Adeja. Não religiosa.
- Irritante. Fileira.
- Recusa. O mesmo que alva (primeira luz da manhã). Item.
- Rio da Rússia. Grosse. Poente.
- Bolsa. Preposição e artigo.
- Magnetiza.
- Campanula. Carta de jogar.
- Cidade da antiga Caldeia. Apelido. Anima.
- Epoca. Assassina. Ósmio (s.q.).
- Guará. Sovas.
- Guarnecera de asas. Povo.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7631

HORizontAIS:

- Cânhamo de Manila. Os filhos. Gálio (s.q.).
- Fruto da azeitona. Epoca. Preposição.
- Planta do Pé (pl). Nome de qualquer embarcação fluvial (Bras).
- Ver. Medida de superfície.
- Chouriço doce.
- Prefixo de negação. Apelido da mãe de Luis de Camões. Letra grega. Basta.
- Ruído. Preposição. Observar.
- Cidade da Birmânia. Prender com elos.
- Aprel. Rio da Turquia.
- Tribo indígena brasileira. Malhado igualmente de branco e preto. (diz-se do cavalo).



VERTICAIS:

- Coniunção. Aspera.
- Ilha de coral que forma um anel mais ou menos continuo. Falecer.
- Acolá. Mamífero afim da corça.
- Anéis. Charneca.
- Rente. Raspe. Reis.
- Sufixo que designa estado. Actínio (s.q.). Boro (s.q.).
- Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Engane. Aqui.
- Macho adulto da galinha doméstica. Ligam.
- Um dos estados do Brasil. Limpe com vassoura.
- Crie. Possuiriam.
- Arara. Estacionasse.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11470

VERTICAIS

- Gafa. Miga.
- Apaga. Arcar.
- Laçada. Arre.
- Atina. Era.
- Asara. Ases.
- Fr. Br.
- Amaça. Omar.
- Olare. Eta.
- Caraca. Trás.
- Narro. Pioro.
- Area. Aros.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7630

HORizontAIS

- OS. FRACOS.
- Ruara. Opai.
- Capes. Res.
- Aroma. Arada.
- Asi. Ale.
- Ms. Tarar. Rã.
- Com. Ria.
- Rossi. Moçar.
- Ri. Goa. Pu.
- Ética. Datam.
- Moras. Amara.

VERTICAIS

- Orca. MORREM.
- Suaras. Oito.
- APÓS. Cs. Ir.
- Frémicos. Ca.
- Rasa. Amigas.
- Ar.
- Corra. Armada.
- Operário. Am.
- Sisal. AC. Ta.
- Der. Apar.
- VIDA. Arruma.

Provérbio: OS FRACOS MORREM APÓS A VIDA.



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBDA TELEF. 12362
LISBOA PORTUGAL

Bala de G-3 contra vidro de leitaria

Uma bala de G-3 disparada segundo testemunhas oculares, de duas viaturas militares em movimento, perfurou, cerca das 23 horas de anteontem, o vidro da montra da Leitaria Estrela, na Amadora, indo alçar-se numa das paredes.

O estabelecimento daquela hora já se encontrava encerrado e o seu proprietário, que estava deitado, ao ouvir o estrondo provocado pelo impacto do projectil com o vidro, veio à janela, no momento em que os dois carros já tinham descrito a curva situada ao fundo da Rua António Feijó.

«Duas senhoras que estavam à janela disseram-me depois que o tiro fora disparado de duas viaturas militares, que lhes pareceram ser dos Comandos. Desci então até ao estabelecimento e recolhi a cápsula e a ponta da bala. Depois desloquei-me ao posto da

P. S. P. local, onde me disseram que a participação deveria só ter lugar no Batalhão de Comandos da Amadora, o que fiz» — relatou esta manhã ao «D. L.» o proprietário da leitaria.

Posteriormente entrámos em contacto com aquela unidade militar, onde o encarregado do departamento de relações públicas nos afirmou:

«De facto recebemos aqui essa participação. Mas o que posso referir é que aquela hora não tínhamos nenhuma força na rua, nem sequer as nossas patrulhas utilizam o seu serviço urbano armas com o calibre 7.62. Não encontro, portanto, qualquer relação entre o incidente e elementos do nosso regimento. Apesar de tudo iremos proceder a averiguações para um completo apuramento de responsabilidades».

Agfa-Gevaert ameaça com encerramento

A ameaça de despedimento dos 400 trabalhadores da multinacional alemã Agfa-Gevaert, instalada em Taveiro-Coimbra, mantém-se, apesar de em encontro ontem havido com o secretário de Estado da População e Emprego, eng.º Tito de Morais, ter sido afirmado aos representantes dos trabalhadores que naquele departamento não tinha entrado qualquer comunicação oficial para despedimento colectivo.

No mesmo encontro, o eng.º Tito de Morais afirmou que, de qualquer forma, não tomará uma decisão sem ouvir os trabalhadores.

Por outro lado, numa reunião ontem efectuada em Lisboa, com os órgãos de informação, os representantes dos trabalhadores acentuaram que esta manobra de encerramento se insere na estratégia das multinacionais.

Aliás, deste ponto de vista, o caso da Agfa-Gevaert parece ser um caso exemplar, uma vez que, de acordo com as afirmações dos representantes

dos trabalhadores, este processo se iniciou logo a seguir ao 25 de Abril, na altura da inauguração da fábrica, quando a unidade com capacidade para 1700 trabalhadores começou a funcionar apenas com os 400 que laboravam nas instalações provisórias.

Na sequência desse processo, a secção de galvanoplastia, com cuja instalação a fábrica portuguesa passaria a ser a terceira melhor equipada da Europa neste ramo, não chegou a sair da Alemanha Federal. E, ainda, duas linhas de montagem de máquinas sofisticadas foram encerradas o mesmo acontecendo à secção de óptica, seguindo-se a transferência dos trabalhadores para outras secções.

A notícia da possibilidade de encerramento desta multinacional chegou ao conhecimento dos trabalhadores através do dr. Marcelo Curto, que já como ministro do Trabalho terá confirmado ter conhecimento de que a administração da Agfa tenciona encerrar aquela unidade.

PUB

SINDICATO DOS MAQUINISTAS, PRÁTICOS AJUDANTES E ARTÍFICES DA MARINHA MERCANTE DO DISTRITO DE LISBOA

R. José Dias Coelho, 5-2.º, Esq.º (ao Largo do Calvário)
Telefone 637770 — LISBOA - 3

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 33.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária a efectuar-se no dia 8 de Outubro de 1976, pelas 20.30 horas, na Casa dos Marinheiros Mercantes, sita na Calçada Salvador Correia de Sá, n.º 42-2.º andar, em Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- CONGRESSO DOS SINDICATOS
- INFORMAÇÕES

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Joaquim Jorge Mateus

NO NORTE, DESDE HÁ DIAS

Panfletos anónimos tentam ilibar bombistas

Voltou a ser inquirido ontem Ramiro Moreira, principal operacional-bombista da rede terrorista em desmantelamento. Já na segunda-feira fora inquirido o major Mota Freitas, acusado de ser um dos principais mandantes, para além de fornecedores de explosivos. Nada transpirou destas inquirições, prosseguindo entretanto as investigações em vários pontos do País.

Entretanto, foi afixado nas várias secções da fábrica, «A Flor do Campo», de que é administrador o industrial Abílio de Oliveira, detido em Caxias, um documento no qual «um grupo de trabalhadores» manifesta o «seu inconformismo, repulsa, indignação e pertinente incompreensão perante os sucessivos adiamentos na inquirição do Presidente do Conselho de Administração da Empresa».

O referido «grupo de trabalhadores» (que não revelou repulsa ou indignação pelo facto do seu administrador estar implicado nos atentados terroristas) pôs a circular o documento com vista a aquisição de assinaturas. Sem referir nunca as razões da prisão do patrão, e o «grupo» refere «graves inconvenientes» que a ausência do industrial suscitaria à empresa, procurando criar condições para a sua libertação imediata. Recorde-se que um outro comunicado de idêntico teor havia sido já retirado da empresa, por não ter recebido

as atenções pretendidas pelos anónimos subscritores.

Aliás, a notícia da prisão do industrial por implicação em atentados bombistas causara grande impacto entre os trabalhadores, muitos dos quais não calaram a sua repulsa. Entretanto tem sido feita enorme campanha de «purificação» da figura do comendador com alegação de que aquilo de que é acusado não passa de calúnia, supervalorizando as «doações» por ele feitas à região.

Boatos de que o comendador «vem para a semana», «vem amanhã» continuam a ser espalhados insistentemente, junto dos trabalhadores.

Enquanto isto sabe-se que o dr. Mendonça Monteiro, defensor do Ramiro Moreira, que pormenorizadamente tem referido a participação do comendador nas actividades terroristas, é advogado das firmas Socil (S. Martinho do Campo), e Ponte da Pedra (Leça do Balio) das quais é proprietário Narciso Oliveira, filho do comendador detido.

A propósito ainda da implicação de Abílio de Oliveira nas actividades bombistas esclareça-se que, embora se suspeite que foi de 30 contos a quantia paga por aquele industrial, no atentado de S. Martinho do Campo, que vitimou a mulher de um antifascista da região, apenas 15 contos teriam chegado às mãos de Ramiro Moreira. O dinheiro não terá sido porém entregue directamente

pelo industrial mas sim através do Júlio Regadas.

Quanto às explosões verificadas na Vialonga (V. F. de Xira) no dia da posse de Ramalho Eanes, atribuída aos «terroristas» detidos em Caxias, o objectivo era imputá-las à esquerda, mediante o relacionamento com as explosões verificadas há quatro anos no mesmo local, na altura da tomada de posse de Américo Tomás. A intenção era clara: mostrar que os comunistas, se opunham ao novo Presidente.

Continuam entretanto a ser distribuídos no Norte do País, panfletos duma denominada «Liga dos Patriotas Presos» que tecem sérias calúnias sobre a actividade dos investigadores da P. J. e da P. J. M e exigem a libertação imediata de «alguns patriotas acusados de actos de terrorismo e atentados à bomba». «Mesmo em Caxias — diz um dos panfletos — os nossos compatriotas estão firmes, calmos e serenos, não obstante a campanha imunda», «não podemos vacilar na defesa do que é nosso. Os traidores e vendilhões têm que ser castigados; com o único castigo que merecem!» «Por Deus, pela Pátria, Viva Portugal!» conclui o panfleto. Igualmente em Ponte de Lima tem sido distribuído um documento de igual teor, dizendo que o Gonçalo e Veríssimo (detidos em Caxias) são «mártires e bons conterrâneos vítimas dos comunistas».

ESTOFADOR DESCOBRIU O ENGENHO

Bomba no Altis destinava-se a "cocktail" da delegação cubana

O factor sorte assumiu ontem um papel importantíssimo no Hotel Altis quando um estofador daquela unidade hoteleira descobriu, por acaso, um engenho explosivo de alta potência que, se tivesse rebentado, teria tido resultados extremamente graves.

Eram efectivamente 16,30 quando um estofador, procedendo à vistoria dos sofás e dos «maples», se dirigiu para o único «maple» da sala que ainda não tinha sido reparado. A dado passo descobriu debaixo dele uma pasta de mão, tipo «James Bond», cujos lados se encontravam colados com adesivo preto. Preocupado, dirigiu-se à recepção e informou os empregados do ocorrido. Estes, após certas hesitações (será bomba, não será?...), levaram-na para o exterior e depositaram-na num monte de areia situado numa obra existente na Rua Barata Salgueiro.

Cinco minutos depois a pasta inflamou-se e explodiu. A explosão não se revestiu, no entanto, de grande intensidade, na medida em que, segundo a Brigada de Minas e Armadilhas da PSP, os três petardos existentes no interior não actuaram por deficiência de montagem.

Entretanto os técnicos verificaram que o engenho, apesar da primeira explosão, continuava activado, o que constituía grande perigo para os prédios fronteiriços e para os transeuntes. Desactivado então, no meio dos maiores cui-

dados, pela Brigada de Minas e Armadilhas, o engenho foi transportado para a sede da Polícia, vindo a saber mais tarde que a primeira deflagração era uma carga incendiária com actuação antecipada à do plástico.

Segundo o que conseguimos averiguar, pensa-se que a carga de plástico se destinava a um «cocktail» oferecido pela delegação cubana que, no intuito de celebrar a assinatura do recente acordo comercial luso-cubano, tinha convidado, para as 19.30, naquele hotel, várias personalidades políticas portuguesas.

As consequências do ocorrido levaram a direcção do Hotel Altis a, não prescindir, a partir de agora, de uma vistoria da PSP às instalações, antes de todas as reuniões de carácter político que ali possam ter lugar.

Lembra-se que os hotéis têm sido, de há alguns meses a esta parte, os alvos favoritos da onda bombista que se tem feito sentir no País.

ENGENHO NOS CTT

Também na estação dos CTT da Zona Ocidental foi descoberta uma encomenda cujo conteúdo era uma granada. A encomenda destinava-se a determinada pessoa (cujo nome não é conhecido na morada do destino) e deu nas vistas em virtude das precauções com que se encontrava atada e embrulhada.

De momento desconhecem-se os resultados das averiguações levadas a efeito pela PSP, bem como o nome do destinatário ou o tipo da granada encontrada na encomenda.

Missão Kissinger

Continuação da pág. 1

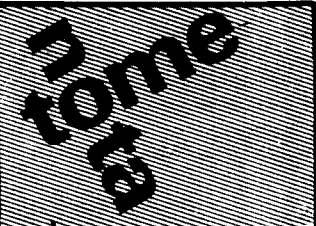
ca apenas pretendem os meios «de conduzir a sua própria luta pela liberdade e na ausência de apoio aos racistas». O comunicado acrescenta haver as-

pectos positivos e negativos na iniciativa diplomática lançada por Kissinger. «Tudo depende da sinceridade com que Kissinger actuar» — salienta o comunicado.

Nave espacial tripulada

MOSCOVO, 15 (R) — Foi lançada hoje uma nave espacial soviética com dois homens a bordo — anunciou a agência noticiosa Tass.

A nave Soyuz-22 era tripulada por Valery Bykovsky e por Vladimir Aksenov — dizia a agência.



UM MINISTRO TRANQUILO

O ministro da Habitação, em entrevista concedida a um vespertino da capital, fez considerações sobre o dramático problema da habitação, assim como sobre a actividade do seu Ministério. Disse o dr. Eduardo Pereira:

«Quando encaro os tremendos problemas que se nos põem, as tremendas careências que se fazem sentir, sinto uma certa frustração por não conseguirmos avançar mais depressa. Por outro lado, porém, encaro as coisas com um certo optimismo, com uma certa tranquilidade, na medida em que os nossos esforços se orientem para dar satisfação precisamente às populações mais carenciadas.»

Deste optimismo e desta tranquilidade não se podem vangloriar, infelizmente para elas, as populações mais carenciadas que face ao exemplo de largas dezenas de famílias de trabalhadores postas na rua com o beneplácito do sr. ministro da Habitação, começam a pôr-se um certo número de questões, como por exemplo: ministro da Habitação, ou da Propriedade Urbana?

BOM CINEMA PARA ALGUNS

Quem pôde assistir ao Festival do Cinema da Figueira da Foz teve oportunidade de verificar que não falta o bom cinema.

Essa, no entanto, não é a ideia que se colhe ao observarmos a programação dos cinemas portugueses, invadidos pela mais abjecta pornografia, pela violência, pela promoção subtil da droga e outras formas de alienação, e dominados pelas distribuidoras capitalistas unicamente preocupadas com o lucro imediato.

Tomou-se agora a iniciativa de repetir o Festival em Lisboa. No mini-cinema do Palácio Foz algumas pessoas vão ter oportunidade de ver as obras apresentadas na Figueira.

E depois? Estão cumpridas as obrigações da Direcção-Geral da Cultura? Ou tenciona esta entidade promover diligências para que as melhores obras, no futuro, entrem nos circuitos de distribuição? Tem alguns planos para que o cinema a apresentar ao povo de um País «rumo ao socialismo» tenha de facto uma função cultural, formativa, e não continue a ser o instrumento de alienação que o imperialismo nos impingue sob as vistas grossas de quem, até por coerência intelectual, deveria estar atento a estas coisas?

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA
NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.